



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

MESTRADO EM TEOLOGIA

PROFESSOR: IRINEU RABUSKE

ALUNO: JOSÉ VERGILIO DA SILVA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Elementos sinalizadores da
dinâmica da Revelação Divina em Bruno Forte

Porto Alegre

2012

José Vergílio da Silva

Elementos sinalizadores da
dinâmica da Revelação Divina em Bruno Forte

Esta Dissertação, na área de Teologia da Revelação, destaca *Elementos sinalizadores da dinâmica da revelação divina em Bruno Forte* do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Orientador: Prof. Dr. Irineu José Rabuske

Porto Alegre

2012

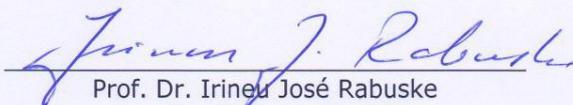
José Vergílio da Silva

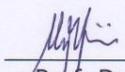
"ELEMENTOS SINALIZADORES DA DINÂMICA DA REVELAÇÃO DIVINA EM BRUNO FORTE."

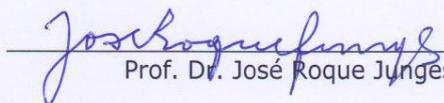
Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, pelo Mestrado em Teologia da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 07 de dezembro de 2012, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. Irineu José Rabuske
(Orientador)


Prof. Dr. Nythamar H. F. de Oliveira Jr.


Prof. Dr. José Roque Junges

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Irineu José Rabuske pela sua disponibilidade, respondendo sempre às minhas solicitações.

A meu pai, Reinaldo Vergílio, na comunhão dos Santos, e a minha mãe Arnolda, por terem me incentivado em minha vocação e a continuar no caminho dos estudos, sem esmorecer diante das dificuldades.

A todos os que, gratuitamente, se dispuseram a ler e corrigir esta tese.

A todos os parentes e os amigos pelo incentivo e pela compreensão demonstrados em vários momentos durante esta caminhada.

A todos os professores e os funcionários da FATEO pela pronta disponibilidade a todas as minhas solicitações.

Aos meus confrades redentoristas pela paciência, pelo incentivo e pela solidariedade que, além da indiscutível fraternidade, fizeram deste trabalho também uma rica experiência humana.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	04
SUMÁRIO	05
RESUMO - ABSTRACT	06
INTRODUÇÃO	08
1 A PALAVRA DE DEUS NA HISTÓRIA	12
Introdução.....	12
1.1 A dinâmica do advento	13
1.2 Do advento ao êxodo	16
1.3 O silêncio enquanto linguagem divina	25
1.4 O silêncio enquanto paradoxo	30
1.5 A Palavra no rumo da história	34
1.6 Fé e esperança como caráter presencial de Deus.....	38
1.7 Consequências teológico-pastorais.....	43
2 A LINGUAGEM DA PALAVRA	46
Introdução.....	46
2.1 A Escritura, testemunha da Palavra.....	47
2.2 O caráter atualizador da Palavra	54
2.3 Jesus e o Pai.....	58
2.4 O caráter do encontro e da ética	63
2.5 O caráter da autenticidade	68
2.6 Consequências teológico-pastorais.....	73
3 A DIMENSÃO DA FÉ PASCAL	76
Introdução.....	76
3.1 A redenção na história	77
3.2 Abertura do ser à transcendência.....	83
3.3 Três teses de Bruno Forte: observações críticas.....	86
3.4 Consequências teológico-pastorais.....	91
CONCLUSÃO	94
REFERÊNCIAS	100

RESUMO

Esta dissertação apresenta alguns elementos da dinâmica da revelação divina. Neste sentido, Deus toma a iniciativa em revelar-se ao gênero humano e, desde o seu eterno silêncio, quis Ele comunicar sua Vontade e sua Palavra. A Palavra é a expressão do êxodo de Deus na dinâmica da revelação. Palavra e êxodo sustentam a esperança e a fé e nutrem o crente na escuta, no anúncio e no testemunho. Ao revelar-se na história em Cristo Jesus, Deus habilita o coração humano no poder querigmático para anunciar a Palavra. Deus é um Ser de revelação e de comunicação em si mesmo. A novidade de Deus está no interior da fé pascal que dinamiza e situa a criatura humana, amada e escolhida, no horizonte da esperança e no encontro do Cristo. A abertura à transcendência é uma realidade humana que possibilita o encontro na base ética do acolhimento do diverso como horizonte de sentido à vida com suas teias de relações. Assim, a pessoa é sujeito ético e a sua eticidade sustentável depende da abertura consciente ao outro na mesma condição de sujeito.

Palavras-chave: Revelação. Silêncio. Êxodo. Fé. Palavra. Encontro.

ABSTRACT

This dissertation presents some elements of the dynamics of divine revelation. In this sense, God takes the initiative to reveal himself to mankind, and He wanted from his eternal silence to communicate his will and his Word. The Word is the expression of the exodus of God's revelation in dynamics. Word exodus and sustain hope and faith and nourish the believer in listening, in proclaiming and bearing witness. By revealing himself in history in Jesus Christ, God empowers the human heart in kerygmatica power to proclaim the Word. God is a Being of revelation and communication in itself. The novelty of God is within the Easter faith that streamlines and places the human being, loved and chosen, on the horizon of hope and the meeting of Christ. Openness to transcendence is a human reality that allows meeting the host of the ethical basis of the horizon as diverse meaning to life with their webs of relationships. Thus, the person is subject to ethical and sustainable ethics depending on your conscious opening another one in the same condition as subject.

Keywords: Revelation. Silence. Exodus. Faith. Word. Meeting.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação procura elencar elementos sinalizadores da presença de Deus no mundo. Falar da divindade na história é acreditar no Deus da revelação. A Revelação é o eixo que permeia essa reflexão ao longo dos três capítulos. A expressão “dinâmica da revelação” tem seu destaque em vista da compreensão do eterno agir de Deus. Não se trata de momentos isolados, ou intervenções divinas à história em tempos diferenciados, mas de uma ação amorosa do Criador no ritmo da vida.

Há algumas referências da reflexão do teólogo napolitano Bruno Forte, como texto de apoio, na construção desta dissertação. Como chave textual de fácil acesso utilizar-se-á frequentemente a expressão “dinâmica da revelação”, em vista de sua importância à reflexão teológica. Da mesma forma, esta será de grande valor na busca de uma linguagem apropriada na compreensão da contemporaneidade do revelar-se de Deus à família humana. Isso demonstra que as reflexões e as definições teológicas tornam-se instrumentos mediadores da revelação de Deus a fim entender os nexos do mistério do êxodo de Deus à história como abertura permanente do crente à transcendência.

O Antigo Testamento constitui o registro onde Deus revelou sua Palavra em preparação à vinda do Messias. O Novo Testamento, então, é a plenitude da revelação. Estes dois registros constituem o êxodo da auto-comunicação amorosa de Deus. Assim, as Sagradas Escrituras são chaves de compreensão da presença do Criador no mundo. Por isso, o crente une-se ao Criador, porque crer é acolher a iniciativa redentora de Deus em Jesus Cristo. A fé é o advento da revelação e ela provém da escuta (cf. *Rm* 10, 17). Neste sentido, esta dissertação apresenta o poder da Palavra como expressão divina capaz de habilitar o coração ao acolhimento da redenção.

A fé realiza a missão do crente na história e o dignifica em vista da abertura transcendental na perspectiva da novidade de Deus. Esta novidade se inscreve na história como fonte essencial de toda a realidade criada. O texto discorre destacando as categorias do silêncio, do advento, da palavra e da encarnação. O silêncio é entendido como a eternidade de Deus, o advento como anúncio e preparação do esplendor da bondade divina, a palavra como compreensão da fala de Deus e a encarnação como esplendor da plenitude da revelação. Essas categorias são apresentadas como o êxodo de Deus na dinâmica da revelação.

Assim, frente aos dramas da dor e do sofrimento do mundo, é necessário ir ao núcleo do plano da criação, desprendendo-se dos vínculos do ódio e da opressão humana, que

constitui toda forma de injustiça, para converter-se num grito amoroso que revela a misericórdia de Deus. Neste contexto o silêncio é apresentado como linguagem divina que capacita à reflexão mais profunda a fim de gerar sustentação frente às situações limites quando a vida está ameaçada. O silêncio é a linguagem originária de Deus que abraça toda a existência humana, o grande conflito não reside no calar-se, mas na instrumentalização do divino silêncio nas práticas pecaminosas, como a institucionalização das injustiças e da imoralidade. Por isso deve-se garantir o exercício do silêncio como canal de transcendência da pessoa em vista de sua abertura ao divino.

O silêncio instrumentalizado, como forma de dominação, é fonte de dor, de sofrimento e de morte. Uma tensão de forças e jogos de interesses que a humanidade precisa superar em vista de um mundo mais justo e digno à sobrevivência. A dignidade é a senha da sobrevivência humana. Ela é o patrimônio da criação que a humanidade deve garantir como dádiva da revelação amorosa de Deus, sendo um convite mais profundo e solene de Deus, emergindo do sagrado silêncio à participação eficaz na libertação humana das amarras demoníacas, que estancam a vida e suas complexas teias de relações em vista da abertura transcendental.

O evento pascal é tema central nesta dissertação, pois ele é o conteúdo da fé cristã. A ressurreição é o acesso ao Pai Criador no Espírito Santo, que “com a fé o homem se entrega total e livremente a Deus, oferecendo a Deus revelador o obséquio pleno da inteligência e da vontade e prestando voluntário assentimento à sua Revelação” (Dei Verbum 5). Este assentimento favorece profundamente o dispositivo da fé em colocar-se no serviço à dádiva revelada. O êxodo de Deus é pensar uma teologia da revelação que inclua toda a família humana no plano salvífico do Criador. Tem-se, assim, o foco desta dissertação: reconhecer o esplendor de Deus nas criaturas e torná-las partícipes da fé pascal na dinâmica da revelação. Desta forma, a teologia jamais silenciará sua fecundidade no coração humano, sem que se realize o êxodo de divino como vínculo eterno e filial dos homens e das mulheres.

A escuta da Palavra consiste no exercício da misericórdia como premissa universal daquele que segue o ressuscitado. Esta é a base do nascedouro do caráter ético que incide nas profundezas das relações entre o crente e o não crente. Deste modo, a chave de compreensão do outro enquanto outro, como princípio da solidariedade universal, exige a abertura para além do sujeito em vista da permanente dinâmica de inclusão do outro como partícipe da vontade divina.

Cristo Jesus é a mediação divina no mundo. A ressurreição é o evento integrador de todas as relações humanas de amor, de bondade e de solidariedade em vista da redenção. A

criatura redimida é identificada ao Cordeiro de Deus. O segundo capítulo desta dissertação apresenta o princípio soteriológico inerente à criação na plenitude do evento pascal. Este segundo capítulo destaca o silêncio e a palavra como elementos da linguagem da revelação. Estes formam a dupla propriedade do espírito auto-comunicador de Deus. Eles se tornam a essência do encontro. Os dois não se diluem como parte da parte, mas se comunicam e se interagem com a essência da comunhão de Jesus. Assim pode-se entender que o crente está na base do encontro e, pela ação do Espírito Santo, une-se ao silêncio, e a palavra como testemunha eterna da unidade e da comunicabilidade amorosa de Deus.

A experiência é acrescida à dinâmica do encontro como participação na formação humana. Ela contribui enormemente para sinalizar com largueza o horizonte do seu significado. Trata-se de um profundo sair de si, ousar, ariscar, tomar a iniciativa, enfim, abrir-se à categoria transcendental. Assim, no encontro inaugura-se o instante de abertura para o outro e para o transcendente. Esta é a novidade da revelação de Deus à história no evento Jesus. Nele subsiste a fé na presença real de Deus no mundo. A fé no ressuscitado é portadora desta dinâmica da revelação capaz de levar ao discernimento humano a possibilidade da construção de um mundo mais justo e mais solidário. Assim, o encontro é o catalisador da iniciativa livre e amorosa de Deus, que tudo atrai para si e faz da história o palco do esplendor divino.

Na terceira parte desta dissertação salienta-se a dinâmica da fé pascal. A concretização da fé pascal é a redenção do gênero humano no sangue do Cordeiro. O texto apresenta o ser humano como partícipe da obra redentora à base de uma consciência ética responsável capaz gerar instâncias de comunhão, mesmo no reverso da história. Neste sentido, o texto apresenta o reconhecimento do outro como sujeito partícipe desta construção ética na concretude de sua alteridade. Na base ética consciente e responsável nasce a congruência das realidades partícipes da revelação como a abertura à transcendência por causa do outro e o acolhimento do diverso como horizonte de sentido à vida com suas teias de relações. Com isto, a revelação da bondade divina torna-se realidade de acesso a todo o gênero humano. A consciência da correlação dos eventos, divino e o humano, está na base da responsabilidade ética. A criação é o palco da revelação redentora de Deus em Jesus de Nazaré. Ele é o Servo Sofredor que vem ao encontro do outro, na forma humana, como manifestação plena da misericórdia e do resgate da dignidade humana frente ao desalento do mundo.

Associada à bondade divina urge a necessidade de uma responsabilidade ética capaz de, estrategicamente, responder com coerência a Vontade de Deus nos desejos humanos. Neste sentido, esta dissertação faz algumas observações críticas de três teses de Bruno Forte

relacionadas à temática da revelação. Por isso deve-se perguntar continuamente à consciência sobre esses domínios como realidades do ser e do saber humano criticamente, a fim de garantir a variante da responsabilidade. Portanto, na base da ética está a participação ativa da pessoa humana em todas as atividades socializante em seu mundo de inserção. Pois, a pessoa é o sujeito ético e a sua eticidade sustentável depende da abertura consciente ao outro na mesma condição de sujeito.

Assim, a transcendência é suporte da imanência e o contrário também verdadeiro. A responsabilidade pode ter relação com a fundação de uma ética onde se deve considerar níveis de consciência em relação aos direitos e aos deveres da pessoa como conquistas da convivência social e religiosa. A dinâmica da revelação exige, em si mesmo, gratuidade e solidariedade. A responsabilidade deve ser entendida no alargamento consciente das realidades inerentes à relação social, comunitária e religiosa em vista da fundação de uma nova ética. A justiça, por sua vez, exige o nível da consciência crítica a fim de conhecer os direitos e os deveres como condição de possibilidade inclusiva à vida social. Ela exige o conhecimento do princípio da equidade à base das garantias mínimas da dignidade humana. Estes são os contrapontos desta dissertação e suas observações críticas que serão desenvolvidos no terceiro capítulo.

Finalmente o texto apresenta fundamentos da fé. Crer é estar aberto à revelação divina, porque Deus se revela a si mesmo e se dá a conhecer. Trata-se, portanto, de uma eterna comunicação, que perpetua a essência da criação na dinâmica da compreensão dos mistérios do criador. Assim, a fé é transformadora da realidade, gerando liberdade e dinamizando a esperança e a caridade como conteúdos da mesma revelação. O Cristo ressuscitado é a eterna aliança em vista da morada definitiva de toda a família humana.

1 A PALAVRA DE DEUS NA HISTÓRIA

Introdução

A revelação é expressão de Deus na história. Este primeiro capítulo sinalizará experiências dessa mesma revelação de Deus. Mesmo sendo uma revelação situada em contextos históricos específicos, não limita a universalidade do conteúdo daquilo que Deus deseja auto-comunicar. Assim, a fidelidade à Palavra revelada torna-se garantia de subsistência frente às turbulências contingenciais da história. Servindo-se das palavras do tempo histórico, as comunidades mantem a fidelidade à Palavra revelada na dinâmica da ação do *Deus conosco*. Por esta razão, a mensagem revelada é sempre atual. Neste capítulo apresenta uma exposição relativa às categorias da compreensão teológica do silêncio¹, à Palavra e à encarnação do Filho de Deus. Essas categorias são, dessa forma, compreendidas porque Deus se dá a conhecer. A iniciativa é de Deus em revelar o esplendor de seus mistérios divinos no seio da criação. É o Eterno se auto-comunicando em linguagem humana. Por isso Deus é quem habilita o coração humano no poder querigmático para anunciar e testemunhar a Boa Nova de Jesus na força do Espírito Santo. Neste capítulo há também distinções relativas à fé e à escuta da Palavra em vista da missão dos seguidores do Filho Jesus. Desse modo, a missão é vista na dinâmica da revelação, onde os homens e mulheres são inseridos como partícipes e sujeitos da história. Esta inserção habilita também a capacidade humana à transcendência² em comunhão divina no hoje de Deus. O hoje de Deus é entendido como autocomunicação, presença e atualização de toda a realidade criada. Assim, a Palavra é a opção da bondade de Deus em revelar-se. Ela é a provedora eterna do acesso ao Pai no Filho pela força do Espírito Santo. Assim, a Palavra guia o crente na compreensão da dinâmica da revelação de Deus à encarnação do Filho. Esta é a relação que o primeiro capítulo apresentará na dinâmica do êxodo divino desde o silêncio de Deus, à Palavra e à encarnação do Verbo. Tem-se assim o nascedouro de uma relação entre epistemologia e hermenêutica à base das ciências teológicas. Destacam-se ainda elementos relacionados ao silêncio como linguagem

¹ A perspectiva do silêncio, como parte da reflexão deste texto, não se limita ao mutismo ou a ideia da não-palavra, mas ligada a abertura transcendental, numa atitude de louvor, celebração e adoração. Nas Sagradas Escrituras lê-se assim: “...vós vos aproximastes, postando-vos ao pé da montanha. A montanha ardia em fogo até o céu, em meio a trevas, nuvens e escuridão retumbante. Então *Iahweh* vos falou do meio do fogo. Ouvíeis o som das palavras, mas nenhuma forma distinguistes: nada, além de uma voz!” (*Dt* 4, 11). Cf. também em: FORTE, B. *O caminho da beleza*. Uma aproximação do mistério de Deus, p. 25.

² Para uma melhor compreensão da expressão: “O transcendente não é compromisso infinito, inatingível, mas o próximo que dado de quando em quando, que é alcançável”. Cf. em FORTE, B. *À escuta do outro*, p. 161.

divina capaz de exprimir a história, a exuberância vincular do amor gratuito de Deus. Outro elemento nesse destaque é o paradoxo do silêncio enquanto dor e sofrimento instrumentalizados a serviço de uma cultura da morte. Nisto, o texto sinaliza para uma reflexão em torno do sentido original do silêncio como linguagem de Deus que abraça a existência humana possibilitando assim a abertura transcendental. Em seguida, o texto descreve os desafios humanos frente à destruição de toda a complexidade da vida. Por isso é urgente à conscientização dos homens e das mulheres em sua participação graciosa no êxodo de Deus, em vista da libertação humana das amarras que estancam a vida na sagrada complexidade de relações e da abertura transcendental. Por fim, este capítulo traz algumas sinalizações da fé e do encontro que conduzem o crer humano à luz do revelar divino.

1. 1 A dinâmica do advento

Deus ao se revelar não inaugura um novo existir, mas um desvelamento. Nisto, esta dissertação alicerçar-se-á em alguns pontos do pensamento de Bruno Forte³ no tocante aos aspectos da revelação e do êxodo de Deus na base dos acontecimentos históricos dos homens e mulheres. Da mesma forma, “a condição humana, portanto, é condição de êxodo, em que a teologia deve situar-se, se quiser aceitar o desafio humano”⁴. A encarnação é o assumir de Deus da condição humana (cf. *Fl* 2,7). Jesus se revelou na história e, ao mesmo tempo, revelou a história da Trindade como comunidade divina. Assim, “a Trindade é o evento em que, o revelar-se da vida divina, encontram sentido e força as obras e os dias dos homens”⁵. Sendo a revelação na história um dado situado, ligado a contextos complexos com variantes sociais, ela não se limita na exclusividade dessa ou daquela cultura ou sociedade. Deus se revela a partir de uma cultura, de uma comunidade de fé, para toda a criação. Por isso deve-se

³ Em relação à formação acadêmica de Bruno Forte realizada na Universidade de Tübingen e caracterizada, de modo geral, pelo retorno e pela valorização da história por meio da redescoberta do dado bíblico e patrístico. Outro elemento é a influência de uma teologia eclesial, reflexo da tradição viva da fé, bem como da exigente abertura teológica aos problemas do próprio tempo e do diálogo com as culturas. A elaboração teológica de Tübingen é marcada especialmente pela eclesialidade, cientificidade e abertura aos problemas do tempo. Destaca-se ainda a emergente questão ecumênica e o retorno às fontes bíblicas, patrísticas e litúrgicas empreendidas pela “nova teologia”, que tanto influenciaram e prepararam a renovação empreendida pelo Vaticano II, vão ter na história a expressão da atualidade de tal renovação. Para Bruno Forte, o encontro é outro destaque que sentido da história em vista de uma teologia do diálogo e das questões ecumênicas. Nesta dissertação, o teólogo Bruno Forte será citado como texto de apoio a fim de sinalizar elementos teológicos da dinâmica da revelação em seu teologizar.

⁴ FORTE, B. *A Teologia como companhia*, memória e profecia, p. 36.

⁵ Idem. *A Trindade como História*, p. 57.

ter presente a relevância do evento Jesus para a história, bem como o impacto de sua mensagem universal frente as concepções locais de fé.

A Igreja está no início do evento Jesus e procura situar-se na história, a fim de ser sempre a testemunha fiel da evangelização. Assim, pode-se dizer que “a Igreja não nasce ‘de baixo’, isto é, de uma exigência de sociabilidade amadurecida na história: a Igreja vem ‘do alto’ e é a realização, já iniciada e ainda não acabada, do plano divino da aventura humana”⁶. Por isso, a fidelidade da Igreja garante, desde seu fundamento, ainda quando as perseguições e disputas políticas e religiosas formavam muralhas, o testemunho do cumprimento das promessas (cf. *Lc* 2, 29-32) do Deus revelado em Jesus e, ao mesmo tempo, anúncio do “Deus desconhecido” (cf. *At* 17, 22-23) do mundo grego. Na fidelidade que o cristianismo ao longo da história se expandiu e o Deus revelado em Jesus foi sendo apresentado como aquele que dá sentido à existência individual e à vida eclesial. No entanto, “para a teologia falar ao seu tempo, deve assumir a linguagem deste, assumir a contemporaneidade para que aquela mensagem revelada outrora se torne atual. Aprendendo a linguagem dos homens, falando as palavras do tempo, ela possibilita que a novidade perene da mensagem se torne atual”⁷. Esta é uma referência lúcida de como a teologia deve proceder com a dinâmica da revelação desde as categorias do silêncio divino até seu êxodo, que culmina na encarnação do Verbo.

A revelação é dinâmica porque é mediada. Portanto, Deus se revela a si mesmo naquilo que realiza na dinâmica da história. Nesse evento “não é a história que nos pertence, mas nós pertencemos à história”⁸, como reconhecimento de que Deus é o autor de tudo. Desta forma se reconhece que a iniciativa é de Deus e que toda reflexão teológica se origina neste sentido de pertença. A reflexão desta condição humana possibilita entender o nexos causal da vida humana e o seu encontro com a Palavra de Deus que, por amor, se dá a conhecer. Assim, a revelação da Palavra de Deus e da história humana não pode mais ser exprimida como realidades totalmente diversas, porque, no evento da encarnação do Filho, a história humana é assumida na redenção. Esta é a *kenosis*⁹, do amor Deus em Jesus, que abre a possibilidade humana de acolher a revelação divina como realidade de vida nova na expectativa escatológica. Esta dinâmica da revelação perfaz a via da iniciativa de Deus elencada por Bruno Forte. Este autor retrata elementos teológicos facilitadores da compreensão da dinâmica da revelação, desde o silêncio de Deus ao advento da palavra, na perspectiva da

⁶ FORTE, B. *Nos caminhos do Uno*, p. 65.

⁷ Idem. *A Teologia como Companhia*, Memória e Profecia, p. 9.

⁸ GADAMER, H. G., *Verdade e Método II*, p. 368.

⁹ Do grego se encontra a expressão *kenosis*, correspondente no português ao *esvaziamento*. Expressão aqui usada em concordância ao texto de Filipenses: “esvaziou-se a si mesmo” (*Fl* 2,7). Cf. também em SCHÜLER, A. *Dicionário Enciclopédico de Teologia*, Kenosis, p. 390.

encarnação de Jesus. Deste modo, a via do esvaziamento se mostra na dinâmica do êxodo divino à consumação no Espírito Santo. Por esse horizonte compreende-se que “pela revelação divina quis Deus manifestar e comunicar-se a Si mesmo e os decretos eternos da Sua vontade a respeito da salvação dos homens, para o fazer participar dos bens divinos, que superam absolutamente a capacidade da inteligência humana” (DV 6), que se curva diante de tal esplendor.

Esta dinâmica do amor de Deus foi sendo preparada pelos pais da fé no contexto do Antigo Testamento. Eles, como povo escolhido por Deus, foram verdadeiros suportes, ou quem sabe, instrumentos mediadores da revelação de Deus a fim entender os nexos do mistério do êxodo de Deus à história como abertura permanente do crente à transcendência. Esta realidade projetou reflexos do que há de vir à vida presente. Isto se tornou fonte permanente dos registros da ação amorosa de Deus, são relatos e registros em meio à criação de um discurso do tempo e da história que enobrece o caráter presencial de Deus. Nota-se o mundo elevado a uma nova compreensão: “revelação como história, a história como epifania”¹⁰ na dinâmica da compreensão da fé como luz da revelação no tempo e na história. Compreende-se a fala divina na história, a historicidade mesma está prenhe da verdade do Eterno. Assim, “nessa concepção teológica, a verdade ‘advém’ à história, não ‘devém’ nela; vem manifestar-se na mediação hermenêutica da linguagem e da comunicação, mesmo excedendo sempre a capacidade de apreensão do conceito e da interpretação”¹¹. Isto sinaliza o caráter ilimitado dos fatos e dos eventos que são sempre interconectados ou inter-relacionados, abertos à transcendência. Por isso, a fé na promessa de Deus adquire valor elevado no contexto onde “a história da salvação se constrói sobre a possibilidade da salvação da história”¹², uma vez que, os homens e mulheres se abram numa atitude de permanente escuta ao Deus presente e atuante em sua obra. Assim, todo o que crê no Deus criador não pode conceber um Deus ausente a sua obra. Deus é presença constante, o *Emanuel* evocado no tempo e na história frente a toda qualquer iniciativa. A revelação imprime o caráter comunitário, por que seu êxodo realizador se encontra no princípio eclesial.

Por fim, a reflexão teológica no tocante à dinâmica da revelação deve ouvir e responder, de forma direta e objetiva, às indagações inerentes ao contexto de cada tempo. Deve ser um indicativo da expectativa escatológica e, ao mesmo tempo, buscar o fundamento e “dar razão da esperança”(cf.*IPd* 3,15) no interior da comunidade cristã, dado que a

¹⁰ FORTE, B. *Teologia da História*, ensaio sobre a revelação, início e a consumação, p. 15.

¹¹ Idem. *Teologia em diálogo*, p.38.

¹² Idem. *Teologia da História*, ensaio sobre a revelação, início e a consumação, p. 17. Confirma também uma densa reflexão do tema em FORTE, B. *A Teologia como Companhia*, Memória e Profecia, p. 42.

comunidade cristã se constitui da diversidade multicultural. Isto significa que o sujeito que pergunta é diverso, no pensar e no crer. Portanto, é de grande urgência pensar respostas que possam nutrir o interlocutor. Uma vez que, a espera pela novidade da mensagem revelada, é um dado de fé. Desta mesma forma enriquece tanto os que já acreditam, como também aqueles que deverão aderir à fé.

1.2 Do advento ao êxodo

O Antigo Testamento se caracterizou como um grande advento em vista da realização da promessa de Deus para a vinda do Messias. Um tempo de alegrias e de tristezas marcadas por lamentos, preces e louvores. No entanto, a Escritura conecta a fé “viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até dividir alma e espírito, juntas e medulas. Ela julga as disposições e as intenções do coração” (*Hb* 4, 12). Deste modo, a Escritura saiu da divindade como palavra viva e entra na eterna dinâmica da auto-comunicação de Deus. Deus, ao se revelar, não inaugura um novo existir, mas um desvelamento. Deus está sempre aí e, por amor, se dá conhecer. Assim, “só porque há um velamento de Deus pode haver um desvelamento, e, só enquanto há velamento e desvelamento de Deus, pode haver uma auto-comunicação de Deus”¹³. Por isso, o êxodo de Deus se desdobra na auto-comunicação, nascedouro da Palavra. A Palavra é a realidade prévia do êxodo de Deus em vista da encarnação do Verbo. A Palavra coincide com o tempo necessário em preparação para a vinda do Messias. Por isso a Palavra “é útil para instruir, para refutar, para corrigir, para educar, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, qualificado para toda a boa obra” (*2Tm* 3, 16).

Por inspiração, Deus habilita o coração humano para entender sua Palavra como presença divina capaz de nutrir e fortalecer a fé humana em vista de sua realização como amados e escolhidos do céu. Assim, o homem é um colaborador de Deus. Inspirado pela palavra é agraciado com uma missão. Esta é “como a chuva e a neve descem do céu e para lá não voltam, sem terem regado a terra, tornando-a fecunda e fazendo-a germinar, dando semente ao semeador e pão ao que come, tal ocorre com a palavra que sai da minha boca: ela não retorna a mim sem fruto; antes, ela cumpre minha vontade e assegura o êxito da missão para a qual e enviei” (*Is* 55,10s). Dessa maneira, a Palavra é a expressão do êxodo de Deus

¹³ FORTE, B. *À escuta do outro*, p. 45.

como eterna dinâmica criadora e transformadora do mundo e toda reflexão nasce desta consciência. Visto que, tanto a Palavra, como expressão do êxodo de Deus, como a profunda escuta e reflexão, sustentam a esperança e a fé em vista de sua eterna dinâmica testemunhal. Mas, como entender a dinâmica testemunhal? Que consequências isso traz à vida do crente?

Essa eterna dinâmica testemunhal pode ser entendida em analogia à Santíssima Trindade. O Pai é princípio sem princípio. O Filho procede do Pai e que O Revelou. O Espírito Santo é enviado do Pai e do Filho e revela eternamente o amor trinitário em vista da redenção humana. Desse modo, o mensageiro da Palavra e o destinatário desta mesma Palavra se apresentam como realidades diversas. No entanto, essas passam a constituir-se em uma só realidade através da dinâmica testemunhal na escuta da mesma Palavra e sua vivência. Por essa razão, entende-se que a Palavra não é de domínio humano. Ela reside no Espírito Santo e nutre a pessoa do crente na escuta, no anúncio e no testemunho. Aqui nasce o elo de Deus, o princípio da unidade da criatura com seu Criador. Então, anunciar a Palavra do êxodo de Deus e testemunhá-la, é tornar-se partícipe da dinâmica graciosa do Altíssimo. Desta forma, preparou Deus o coração humano para receber seu Filho amado, convidando os homens e mulheres de todos os tempos, a participarem da vida divina. Esta deve ser a consciência da teologia como serva autêntica da Palavra encarnada. Esta autenticidade nasce da dinâmica testemunhal como lugar privilegiado da ação do Espírito Santo.

As Sagradas Escrituras registram o êxodo de Deus como garantia de vida plena de todas as criaturas. Nesse sentido, a revelação do Pai no evento do Filho Jesus une definitivamente a realidade criada com seu criador, como dizer que estas realidades do mesmo mistério fossem inseridas na mesma habitação divina. O êxodo de Deus não finaliza todas as contradições do mundo, mas nutre num processo de inserção de amor e de bondade, a presença divina à luz redentora. Desta feita, “a inspiração requer que seja compreendida de modo respeitoso, seja do vir de Deus ao homem, seja do abrir-se da história humana à ação divina”¹⁴. Disto nasce o equilíbrio da reflexão teológica sobre a revelação que remete a total condição de servir às urgências da vida cotidiana.

A inspiração reveladora não é iniciativa humana, mas “tem Deus por autor” (DV 11) de tudo o que é anunciado e testemunhado pela comunidade de fé. Esta dinâmica perfaz a história num eterno advento do êxodo sem eliminar a mediação humana. E a inspiração revelada assume lugar na história humana como templo vivo da ação divina: “pois as palavras de Deus, expressas em línguas humanas tornaram-se intimamente semelhantes à linguagem

¹⁴ FORTE, B. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*, p. 78.

humana, como já o Verbo do Pai Eterno, tomando a fraqueza da carne humana, se tornou semelhante aos homens” (DV 13). Assim, a Palavra de Deus perpassa a linguagem humana em vista da compreensão dos mistérios revelados. Ela transcende os sinais, as figuras e símbolos porque “a Palavra eterna vem dizer-se nas palavras dos homens”¹⁵. Este é o elemento que configura a realidade central na perspectiva da dinâmica da revelação. Logo, a “economia da revelação executa-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e corroboram a doutrina e as realidades significadas pelas palavras enquanto as palavras declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido”(DV 2). Realidades que estão eternamente na dinâmica do êxodo de Deus como base subsistente da Palavra posta à inteligibilidade humana sob o auxílio do Espírito Santo.

A narrativa dos fatos, a mensagem, o discurso, a transmissão do ocorrido no evento Jesus se condensou na expressão do querigma¹⁶ no interior da reflexão teológica. O querigma é uma expressão do início da Igreja no propósito de anunciar o ocorrido e pregar o revelado. A expressão é portadora da fé no Ressuscitado. Ela é a certeza do pregador eloquente, movido pela força do Espírito Santo de Deus. Todavia, a iniciativa é de Deus. Mesmo que a interrogativa paulina - como poderão ouvir sem quem anuncie? (*Rm* 10, 14). Sugere uma espécie de voluntariado, mesmo assim, se deve admitir que Deus é quem habilita o coração humano no poder querigmático para anunciar. O crente une-se a Deus, porque acolher o querigma significa sempre crer, acreditar na iniciativa redentora de Deus em Cristo Jesus. Este é chamado e ungido para ser testemunha qualificada do Pai e do Filho no Espírito Santo. A fé anunciada tem Cristo Ressuscitado como centro e glória da pregação. A fé torna-se o advento da revelação e, num desdobramento mais elaborado, diz-se que “a fé provém da escuta”(cf. *Rm* 10,17; *Gl* 3,5) que torna-se luz para aclarar distinções fundamentais no tocante a mesma fé e a razão. Na fé a precedência é da Palavra, e na filosofia é do pensamento. Assim, “a fé consiste precisamente em abandonar-se em seu amor, e, mesmo na maior escuridão, confiar que Dele não pode vir-nos nada a não ser apoio, compreensão, graça e ajuda”¹⁷. Por isso, a fé é graça e aptidão oferecida à pessoa em vista de uma missão. A fé anuncia a chegada do Reino.

¹⁵ FORTE, B. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*, p. 79.

¹⁶ Palavra que vem do verbo grego *kerysso*, que significa proclamar por um arauto (*keryx*) um decreto autorizado (*kérygma*) pelo soberano, que exige ser executado. O querigma é a Palavra de Deus na concretude de sua proclamação, em seu fazer-se anúncio, convite e interpelação, no fazer-se evento. Cf. também em GIBELLINI, R. *Teologia do Século X*, p. 41.

¹⁷ QUEIRUGA, T. A. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*, p. 107.

A encarnação do Filho é o evento do êxodo de Deus como acontecimento central da realização da Palavra na história e o resplandecer da aurora do mundo. Neste sentido, a Palavra realiza o que anuncia. O tempo da boa notícia, da voz que acolhe: “bendito o que vem em nome do Senhor” (*Mc* 11,9). Um Filho nos foi dado. O evento do Filho de Deus gera uma virada de época, mudança de mentalidade e de postura de vida. Trata-se, portanto, das novas condições para seguir o Nazareno. O preço do seguimento é radical; carregar todas as consequências da cruz¹⁸ num ato incondicional de amor. Deus se revela no amor, na doação total em vista do perdão incondicional, a era da misericórdia. Este é o preço da síntese verdadeira do rosto de um Deus que ama, impresso no sim radical do discipulado. Esta é a novidade, a nova síntese da história. Onde adesão ao seguimento de Cristo acontece, como caráter revelador da presença do Filho, na dinâmica da atualização do tempo da cruz, como entrega total no serviço solidário aos irmãos por causa do Reino de Deus.

O Reino de Deus é a razão central de toda a forma solidária em vista do seguimento. Seguir o Filho ressuscitado coincide em assumir as mesmas tarefas do redentor na radicalidade da cruz. Este é um tempo de entrega total, de superação com a ressurreição do Senhor Jesus. É também o momento do foco, da restauração de todas as coisas. A cruz revela o poder mediador capaz de elevar a pessoa à sua dignidade máxima no despojamento e disponibilizando tudo em vista do serviço aos outros. A cruz tornou-se símbolo de doação e de amor, agradecimento e devoção e, como núcleo central, de vitória e de esperança. A Nova e Eterna Aliança ocupa o centro como pacto, o núcleo da entrega, da solidariedade total. O qualificativo é decidir-se por Cristo. Este é o novo horizonte que o discípulo do Ressuscitado percorre. Não mais no modelo daqueles do caminho de Emaús¹⁹, que tinham suas esperanças no horizonte cronológico, fixados num começo, meio e fim da história, mas sim, na novidade escatológica, em que o tempo e o espaço são potencializados em sua dignidade como plataforma da revelação. Assim, o Ressuscitado remete todos à casa do Pai.

Na dinâmica do seguimento estão inseridas as condições de possibilidades do evoluir e do atualizar da história e da capacidade humana de abertura à transcendência, em vista da comunhão com divina no hoje de Deus. Desse modo, viver o hoje de Deus, é estar atento às palavras e perceber sua presença atuante: “Eu estarei sempre convosco” (*Mt* 28,20). Não se trata, portanto, de uma presença abstrata e aleatória, mas de uma presença de total doação,

¹⁸ Trata-se de uma espiritualidade ligada à doação total ao seguimento de Jesus. Não ligadas ao flagelo e condições hostis à vida, mas como testemunhas de um Deus que dá a vida e liberta. Para uma melhor compreensão dessa temática ligada à cruz na práxis da fé. Cf. mais detalhes em: EICHER, P. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia, A cruz na práxis da fé*, p. 147.

¹⁹ Para o que segue, veja um bom comentário interpretativo do ocorrido a caminho de Emaús: EVANGELHOS E ATOS DOS APÓSTOLOS. *Novíssima tradução dos originais*, p.174.

solidária, acolhedora e transformadora na graça de Deus Pai. Disto pode-se concluir que o Criador, na presença do Filho, insere o desígnio salvífico presencial da redenção humana no seio da criação. Por isso, a história é também mediadora da dignificação humana em vista do estado mais elevado do reconhecimento da presença de divina. Assim, pode-se reconhecer a ternura de Deus junto às criaturas, agindo por amor na história, como possibilidade de garantia à abertura transcendental dos homens e das mulheres à comunhão divina.

Essa abertura à comunhão transcendental só pode ser entendida e experimentada a partir do evento pascal. A memória pascal que reside a possibilidade humana de comunhão com o hoje de Deus. O hoje de Deus é entendido naquelas mediações dos sinais dos tempos que remontam e reintegram a humanidade no horizonte filial: “Vós sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus” (Ez 36,28). Essa é a base necessária para o reconhecimento do equivalente fraterno, pois somos filhos do mesmo Pai. Mas também vale ressaltar que, os homens e mulheres, juntamente com toda a criação, são colaboradores nas mediações da dinâmica da revelação, pois Deus dá a cada um a graça capacitadora ao entendimento de sua vontade na medida em que a fala e os feitos da Boa Nova do Filho são partilhados. Por isso, partilhar essas realidades é ser partícipes da revelação. No entanto, essa partilha nem sempre foi compreendida. Quando a criatura ocupa o centro da história, coincide com o fechamento das relações divinas e fraternas. Quando Deus não é reconhecido como Pai e Criador de tudo, priva-se a dinâmica do mundo, bem como todas as suas implicações em vista do esplendor divino. Trata-se de um rompimento do vínculo filial de amor da auto-comunicação de Deus com a humanidade e toda a realidade criada. Tentar usurpar a graça divina é fechar-se em si mesmo. Privar-se de tudo o que há de mais belo na realidade criada. Romper as relações e a partilha do amor de Deus no mundo, não é negá-lo, mas tão somente tentar rejeitá-lo. Nisto caracteriza-se a raiz do pecado.

Em Jesus Cristo, o ressuscitado, tudo foi recapitulado no plano eterno da Criação. Jesus é o revelado do Pai e, ao mesmo tempo, o revelador do Pai. Ele é o eterno elo Criador-criatura. Ele é a chave de tudo. As chaves teológicas sinalizadas aqui na dinâmica da revelação são todas mediadas no Cristo Ressuscitado. É a memória pascal na vida nova para os homens e mulheres que, postos à escuta atenta da Palavra de Jesus, tornam-se beneficiados da graça auxiliar, necessária para a transformação do mundo da dor, da injustiça, do pecado e da morte, num mundo novo e fraterno, inaugurado no Filho Jesus. Desse modo, poder-se-á descobrir as premissas das verdades reveladas à luz da Páscoa e dos compromissos agregados à pertença da graça abundante, levados ao limite humano de entrega total e incondicional no seguimento do Filho Jesus.

Seguir Jesus radicalmente é ser memória viva e presencial da ação amorosa de Deus por meio Dele. Deste memorial de fé tem-se, em mãos, o suporte das testemunhas da ação amorosa de Deus ao longo da história. Deus interveio na história falando e sinalizando sua presença através dos profetas, homens e mulheres afinados à escuta atenta da revelação. Portanto, relata-se a atualização de Deus se revelando na história, porque “muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos nossos pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou por meio do Filho” (*Hb* 1,1s). Todavia, a possibilidade humana de acesso ao divino tem, no Filho, o caminho. Jesus é o caminho. Ele revela e se dá a conhecer: “ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (*Mt* 11, 27). Ao revelar-se na história, o divino passa a fazer parte dela e, ao mesmo tempo, passa a interagir nela pela força do Espírito Santo. É ato puro da iniciativa divina em revelar-se, tratando-se, portanto, da eternidade da revelação. Deus faz tudo no Filho, pelo Espírito Santo, num eterno agir. Por isso, não pode haver uma cisão na comunhão da Trindade. Por isso há uma relação eterna (pericorese) capaz de garantir a consubstancialidade das Pessoas divinas. Desse modo, entende-se que “do Pai procedem o Filho e o Espírito, não mediante um processo temporal, mas num movimento eterno, pelo qual cada uma das Pessoas existe nas outras, numa recíproca inabitação e compenetração, que é a pericorese divina”²⁰, a perfeita comunhão. Na profissão de fé da Igreja o Gerado é consubstancial ao Gerador e, na mesma chave de compreensão, pode-se dizer que o Revelado está para o Revelador. Disto tem-se uma luz para o entendimento da eterna ação de Deus no Filho pela força do Espírito Santo. Com isso, o conteúdo da Revelação fica garantido no puro ato da livre iniciativa de Deus em revelar-se. Deus é Deus enquanto auto-comunicação, e o faz eternamente.

A Palavra estava no princípio junto de Deus e a Palavra era Deus (*Jo*, 1,1). Deus se revela a si próprio em sua comunhão trinitária. Essa profissão se firma no próprio mistério e sabedoria de Deus na encarnação do Verbo (*Jo* 1, 14), onde toda a mediação está na pessoa do Filho. O Filho é a eternidade da auto-doação amorosa de Deus. O Filho não é uma realidade nova enquanto eternidade, Ele é princípio sem princípio na comunhão divina. A novidade é a realidade histórica. Deus é a realidade presente. Ele, em seus eternos atributos, é presença no Filho; “quem me vê, vê o Pai”(*Jo* 14, 9). O Filho é a visualização do Pai na história, por que em si mesmo contém toda a história. O Filho imprime a face de Pai na história e, ao mesmo tempo, sela no coração humano sua marca indelével de amor filial. Esta é a dinâmica amorosa

²⁰ FORTE, B. *A Trindade como História*, p. 79.

da revelação testemunhada nos escritos de São João, referendando a encarnação (cf *Jo* 1, 14) e as ações de Jesus, o Verbo da vida (cf *1Jo* 1, 3-4). Nesta perspectiva também o autor da carta aos Hebreus relata com entusiasmo e júbilo, quando testifica que tudo o que Deus prometeu e sinalizou ao longo dos tempos, endereçado aos homens e às mulheres, para que pudessem contemplar as maravilhas do Criador. Este “é o esplendor de sua Glória e a expressão de sua substância” (cf. *Hb* 1,3) na comunhão trinitária.

O Filho procede do Pai e a Ele remete toda a criação: “fizeste-nos, Senhor, para ti, e o nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em ti”²¹. Assim, a teologia se abastece das fontes das promessas que saem da boca do Deus no Filho Jesus a fim de torná-las acessíveis e inteligíveis aos homens e às mulheres de todos os tempos. Assim, a sabedoria de Deus perfaz o curso do “Espírito que sopra onde quer”(cf. *Jo* 3,8). Deste modo, a percepção da fala divina se revela numa profunda atitude de escuta amorosa da eterna Palavra de Deus. Trata-se de uma captura das profundezas do amor que a comunhão trinitária jubila no encontro divino-humano que se desdobra também na comunhão fraterna. Portanto o Espírito Santo é quem habilita o encontro humano consigo mesmo, com os seus semelhantes e com toda a criação como oferta ao acesso salvífico no Senhor Jesus. Tal afirmação só pode ser formulada sob a luz do Espírito, porque “ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor a não ser pela força do Espírito Santo” (*1Cor* 12, 3). A revelação consiste, pois, na percepção dessa ação dinâmica do Espírito Santo.

Viver segundo o Espírito é estar aberto à Palavra de Deus. A Palavra é a opção da bondade de Deus na revelação. Deus se revela desde o eterno silêncio. A categoria do silêncio é atribuída ao dinamismo da revelação, nascedouro da fé. Crer é entrar nesta dinâmica e dar uma resposta eficaz ao Verbo de Deus. Neste sentido ainda, “crer significaria ‘*cor dare*’, dar o coração, colocá-lo incondicionalmente nas mãos de outro: crê quem se deixa fazer prisioneiro do invisível Deus, que aceita ser por ele possuído na escuta obediente e na docilidade, do mais profundo do coração”²². Como também avançar no seguimento, e dizer “que o verdadeiro acolhimento da Palavra de Cristo é a escuta do silêncio que a supera e do qual ela provém”²³. A Palavra é provedora do acesso ao silêncio de Deus, lugar ou abertura para o mundo e ao coração dos homens e das mulheres. Assim pode-se dizer que a revelação da bondade divina é a “palavra do ser humano a Deus na companhia da existência em êxodo; palavra de Deus ao ser humano na memória poderosa do advento; palavra sobre Deus e sobre o seu humano, de

²¹ Santo Agostinho. *Confissões* I, 1.

²² FORTE, B. *Introdução à fé*. Aproximação ao mistério de Deus, p. 16.

²³ Idem. *Teologia da História*, ensaio sobre a revelação, início e a consumação, p. 63.

Deus com o ser humano e do ser humano com Deus na profecia da vinda vindoura e nova”²⁴. Isso é ato de amor fecundo da Palavra como realidade vivificante na história, trilhar em solo sagrado, residir na habitação de Deus. Amar é chegar ao silêncio de Deus. Quem ama conhece a Deus e quem O conhece está amando, porque Deus é amor (cf. *IJo* 4,8.16). A aurora deste estágio é perseverança sem medida, voltada inteiramente para a meta, o foco, a ternura de Deus. Viver no amor é entrar na dinâmica da revelação. Portanto, é ter uma vida provida no Espírito Santo, fruto da bondade do Pai e do Filho. Este é fruto da comunhão trinitária, fonte de todo o bem e princípio da solidariedade, da fraternidade e da doação-serviço, porque “ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos” (cf. *IJo* 4,8.16). Por isso, acolher a Palavra é viver esse vínculo de amor até o fim. Aliás, quem ama não conhecerá o fim.

Amar é entrar na dinâmica da revelação, “partindo do advento divino chegamos a captar a estrutura do êxodo humano”²⁵. O êxodo humano é entendido como o reverso do êxodo de Deus, é voltar-se ao Criador no serviço às criaturas. Esta é a possibilidade humana de conhecer o Mistério de Deus. Mistério este revelado de modo pleno, na Encarnação, morte e Ressurreição de Jesus. No evento Jesus se estabeleceu para sempre a relação de Deus com a humanidade. Nesta relação não comporta outra realidade, pois Deus disse tudo de Si à humanidade por meio do Filho. No Catecismo da Igreja Católica se lê:

Ao dar-nos, como nos deu, o seu Filho, que é a sua Palavra - e não tem outra -, Deus disse-nos tudo ao mesmo tempo e de uma só vez nesta Palavra única (...) porque o que antes disse parcialmente pelos profetas, revelou-o totalmente, dando-nos o Todo que é o seu Filho. E por isso, quem agora quisesse consultar a Deus ou pedir-Lhe alguma visão ou revelação, não só cometeria um disparate, mas faria agravo a Deus, por não pôr os olhos totalmente em Cristo e buscar fora d'Ele outra realidade ou novidade (CIC, nº65).

Nessa perspectiva a dinâmica da revelação contempla o tempo histórico na sua dignidade como consequência da valorização de toda a realidade criada. Por essa via de compreensão, a história humana adquire participação no zelo e na responsabilidade pela obra divina. Por isso, esta participação é entendida como acolhimento. Assim, a participação e “a decisão por Cristo é, ao mesmo tempo, opção pelo homem e pela natureza em que vive, a fim de que a glória de Deus resplandeça em toda a criação e em cada uma das suas criaturas”²⁶. Deste modo, a pessoa é entendida como sujeito na teia das relações. Os filósofos definem o termo relação como sendo *ordo ad aliquid*, que se pode compreender assim: “relação é o

²⁴ FORTE, B. *Teologia em diálogo*, p. 41.

²⁵ Idem. *Teologia da História*, ensaio sobre a revelação, início e a consumação, p. 61.

²⁶ Ibidem, p. 35.

ordenamento, direcionamento intrínseco, isto é, do próprio ser, em direção a outro ser”²⁷. Isto implica dizer que a hermenêutica, como ciência das interpretações e das relações mais profundas do mistério da vida, deverá ser luz das (para as) ciências. Tem-se aqui o nascedouro de uma profunda e nobre relação entre epistemologia e hermenêutica. Buscar-se-á assim, elucidar a dinâmica das estruturas do relacionamento de fé de linguagem que ainda se escondem por detrás das estruturas vitais das palavras na dinâmica da revelação. Deus mesmo que atrai todos à comunhão fraterna.

Essa esperança do povo de Deus que, firmada na vida sob os pilares da fé, no novo céu e na nova terra (cf. *Is* 66, 22; *Ap* 21, 1) sustenta a humanidade no horizonte escatológico. O momento presente não tem sentido pleno em si mesmo, ele se completa na realidade que vem no percurso da história da salvação e na realização dos desígnios de Deus no Cristo e pelo Cristo. Por esta razão, pode-se entender que “a história que a teologia conta pensando é a história da entrada de Deus nos assuntos humanos, história da aliança entre o humano ir e o divino vir, entre o êxodo e o advento. [...] Por isso, na teologia, de modo inteiramente singular, a vida do pensamento é pensamento da vida, que nasce do clima da escuta, do louvor e do amor vivido, para desembocar enfim no silêncio da adoração e em obras e dias gastos a serviço dos outros para a glória de Deus”²⁸. Nisto a pessoa é colocada em confronto de fé para que possa vivenciar esta mesma fé em sua convivência. Entende-se assim que Deus se revela a partir de sua essência comunicativa. Trata-se, portanto, de uma *auto-comunicação*²⁹ divina. Deus é um Ser de revelação e de comunicação em si mesmo. Por isso, acolher a revelação redentora é uma atitude de profunda abertura e liberdade, porque a “iniciativa é de Deus desde seu silêncio”³⁰ em querer revelar-se e tornar-se conhecido na dinâmica da história. Assim, o silêncio de Deus revela sua envergadura no advento da Palavra que, através do Espírito Santo, inaugura o advento pleno “mediante o seu Filho Jesus Cristo, que é o seu Verbo procedente do silêncio”³¹. Partindo deste desdobramento teológico do eterno silêncio em vista do êxodo revelador das bondades divinas, deve-se também, pela via da linguagem

²⁷ GUARESCH, P. *Psicologia Sociologia Crítica*, p. 61.

²⁸ FORTE, B. *A Teologia Como Companhia, Memória e Profecia*, p. 6.

²⁹ RAHNER, K. *Dicionário Teológico Enciclopédico*, Autocomunicação. p. 63. A autocomunicação, como escreve K. Rahner, “produz efeitos divinizadores no existente do finito a que se dirige, por serem determinações de um sujeito divino, que devem ser por sua vez concebidos como finitos e criados”. A autocomunicação, na qual Deus é, ao mesmo tempo, ‘doador e fundamento da aceitação do dom’, tem um caráter absoluto de gratuidade, é “indébita”, embora tenha o destinatário o ser (pessoa) que, por vontade de Deus, está “aberto” a ela. Disso se segue que a autocomunicação tem um caráter universal, o que significa que toda a pessoa é potencial destinatária dela.

³⁰ FORTE, B. *Teologia da História*, ensaio sobre a revelação, início e a consumação, p. 57.

³¹ *Ibidem*, p. 57.

apreender, talvez em forma de conceito, o silêncio humano. Pois, “se na linguagem se realiza o vir à luz do ser, que, no entanto, fica oculto, esse escondimento que permanece para além da linguagem e se manifesta como escondimento, justamente por meio dele, pode ser indicado como silêncio do ser”³². Tanto a realidade divina, quanto a realidade humana se constituem providas do silêncio. Na comunicação há uma identificação de atributos. A fé é o conector das interfaces divina-humana. Por isso, o crente entra na dinâmica reveladora do Pai, porque torna-se “testemunha de Cristo, recordação viva e atualizadora da Palavra”³³ na história.

O advento da revelação do Filho de Deus inclui categorias precedentes ao evento. Desse modo, o silêncio conduz à Palavra e esta à Encarnação e estes determinam o êxodo de Deus na compreensão da dinâmica da revelação. Esta dinâmica reflexiva é de domínio doutrinal, mas também de um profundo exercício de fé e de meditação. Isto é elevar a face humana à voz divina por que “o Pai pronunciou uma Palavra, que foi o seu Filho e sempre a repete dentro do eterno silêncio; por isso é que em silêncio que ela deve ser escutada pela alma”³⁴. Encarnar esta realidade de escuta é, ao mesmo tempo, entrar na dinâmica da revelação no desenrolar da história. Percebe-se assim, as chaves hermenêuticas, sinalizadoras da revelação na comunhão, no tempo e na história. Essa é possibilidade humana de aproximação da abertura do Deus que se dá a conhecer.

1.3 O silêncio enquanto linguagem divina

Não se pode dizer muito sobre esse ponto sem primeiro analisar e refletir seu estágio elementar na constituição intelectual da pessoa humana dentro da categoria que se pretende analisar. A via do silêncio³⁵ é a que possibilita o acesso àquilo mesmo que precede a palavra e sua significação. A categoria do silêncio evoca, em si mesma, a ideia em exprimi-lo, quebrá-lo e até suspendê-lo, de algum modo, mas é justamente aí que ele adquire significado. Ele é uma realidade anterior ao advento da palavra e, curiosamente, no nascer da palavra ele se fortalece ampliando seu significado. No entanto, nasce numa dinâmica “em relação com o silêncio que lhe dá origem e a contém, é plenamente significativa, porque evoca o silêncio que

³² FORTE, B. *À escuta do outro*, p. 109.

³³ Idem. *Teologia da História*, ensaio sobre a revelação, início e a consumação, p. 58.

³⁴ Ibidem, p. 62.

³⁵ LATORURELLE, René e FISICHELLA, Rino. *Dicionário de Teologia Fundamental*, silêncio, p. 894. Esta via “exprime o silêncio originário, o que constitui a primeira expressão de amor do Pai, que se torna em seguida Palavra obediencial do Filho e, depois Espírito de Amor como novo silêncio que chega para ‘além do Verbo’ e que encerra em si o mistério trinitário”.

lhe dá origem e que lhe imprime sempre novas formas”³⁶. Estas são realidades fundamentais da dinâmica da revelação e não se diluem uma na outra. Aplicando essa categoria à fé e às Sagradas Escrituras, verifica-se que silêncio é uma realidade essencial da revelação. Ele remonta à ideia de lugares privilegiados da revelação divina. Remete também a ambientes perceptíveis da presença de Deus. O relato de Elias é considerado clássico nesta perspectiva. O profeta na gruta ouviu o vento impetuoso, mas Deus não estava no vento, nem tampouco no terremoto, nem no fogo; somente quando veio um eco de um vento suave, interpretado como a voz do silêncio, Elias cobre o rosto, pois percebeu que estava na presença do Senhor (cf. *IRs* 19, 11-12; *Ez* 3, 26-27). Desta forma, o silêncio exprime apenas elementos ligados à historicidade, isto é, realidades capazes ao tempo. Por isso a palavra, os sinais, os sons são decodificações historicizadas da comunicação divina desde o silêncio.

O Novo Testamento também é marcado profundamente pela categoria do silêncio. Nos Evangelhos encontram-se passagens que descrevem o silêncio na ação reveladora de Jesus. Ele se retirava para orar (*Mc* 1, 35; *Mt* 14, 23) sozinho com o Pai. Por isso, o silêncio não é a total ausência da palavra, mas é um gestar dela. Deste modo, silêncio e palavra são realidades que se abrigam mutuamente. Uma realidade é sempre tabernáculo da outra. Assim, o silêncio inebria o ausente presencial do divino e o faz audível na forma de eco do mistério de Deus. Neste eco eterno pode-se experienciar os primeiros ensaios da Palavra na teia complexa da comunicabilidade humana.

Deus é a fonte do silêncio, nascedouro do Verbo. Realidades essas aneladas e, somente capazes à inteligibilidade humana, à luz da fé na comunhão trinitária. É o êxodo divino como revelação é o lugar procedente e gerador do existir de todas as coisas. Tem-se, nesse evento, a fecundidade divina na criação aberta à criatura como exuberância vincular de amor gratuito. Assim, o silêncio está para Deus, está também identificado com Ele. No silêncio a humanidade nutre a fé porque reconhece aí mesmo o *habitat* da Palavra. Ela provém do silêncio, da eterna comunidade da trindade. Ela faz parte do sonho de Deus na realização dinâmica de sua criação; ser tudo em todos (*ICor* 15, 28). Trata-se, portanto, de um voltar-se em reverência cósmica na escuta do silêncio vibrante que precede toda forma de expressão da Palavra. Assim, como a pessoa humana é capaz do silêncio, da mesma forma, é capaz da percepção da dinâmica reveladora de Deus na possibilidade de adesão livre em gerar comunhão com todas as criaturas. Como o silêncio pode ser uma realidade perceptível? Quem participa dele?

³⁶ LATORURELLE, René e FISICHELLA, Rino. *Dicionário de Teologia Fundamental*, silêncio, p. 893.

As Sagradas Escrituras exprimem o silêncio como realidade de Deus. Ele perfaz a eternidade e prefigura o evento Jesus e é realidade para além do Verbo no Espírito Santo. Por isso, Deus, em seu infinito amor, não permanece no silêncio eterno. Numa atitude de amor gratuito e bondade pronuncia uma palavra tudo se faz. Não se trata da supressão do silêncio porque Deus se revela na palavra. Silêncio e Palavra são eternidades de Deus, são frutos do mesmo ventre, portanto, realidades da gratuidade divina e, somente assumidas na comunicabilidade humana no interior da dinâmica da revelação de Deus. Ao ouvir a Palavra, ouve-se também o silêncio de Deus, pois ambos se exigem eternamente. Assim, numa plausível fórmula, pode-se dizer que a Palavra é uma silueta do silêncio divino. Essa unicidade se clarificada quando estabelecida em relação ao eterno silêncio de Deus, e a atitude fecunda da pessoa humana na honesta e incondicional escuta, capaz de gestar e, ao mesmo tempo, de pôr-se a serviço como instrumento de fidelidade da auto-comunicação de Deus.

A experiência profética com a Palavra teve seu núcleo central na identificação de Deus com a Palavra. A experiência de Moisés no alto no monte relata esse perfil: “eu sou aquele que é” (*Ex* 3,14). Esse evento eternizou, no texto das Sagradas Escrituras, a fala do Altíssimo, cujo caráter presencial se efetivou no cerne da comunidade crente que acreditou na Palavra anunciada. A mesma relação se estabelece gerando comunhão filial no interior da fala de Deus: “sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus” (*Ez* 36,28). Este é o elo filial da relação criador-criatura. É Deus mesmo que, em seu êxodo de amor, se revela na Palavra e por ela mostra sua face na encarnação do Filho (cf. *Jo* 1, 14). Ouvir a Palavra é estar envolto da graça do Espírito Santo. Escuta possibilita a compreensão do mistério trinitário revelado. É obediência incondicional de todo aquele que crê. Por isso que esta capacidade perceptiva é fruto do acolhimento dos dons do Espírito Santo oferecidos à pessoa humana que se volta à face de Deus.

Nessa dinâmica, o Espírito Santo vai conduzindo e ensinando todas as coisas aos que creem: “o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos disse” (*Jo* 14, 26). Assim, “cada um participa conforme a diversidade dos ministérios e dos carismas e deve por isso reconhecer humildemente a necessidade dos outros”³⁷. O dinamismo de doação e de serviço põe, em uma linha de tempo, a compreensão da revelação, desde a eternidade do silêncio de Deus à palavra, e esta à encarnação do Filho na graça do Espírito Santo. Isto ajuda a entender a plenitude da comunhão trinitária na fala do Filho: “Quem crê em mim não é em mim que crê, mas em

³⁷ FORTE, B. *A missão dos leigos*, p. 55.

quem me enviou, e quem me vê, vê aquele que me enviou”(Jo 12, 44). “Quem me recebe, recebe aquele que me enviou”(Jo 13, 20). “A palavra que ouvís não é minha, mas do Pai que me enviou” (Jo 14, 24). Amo o Pai e faço como ele me ordenou”(Jo 14, 31). Esta escuta do silêncio de Deus no Filho conduz a humanidade ao santuário de Deus, na amorosa mediação do Verbo encarnado: “Ninguém vem ao Pai a não ser por mim” (Jo 14, 6b). “Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o atrair”(Jo 6,44). Entrar na dinâmica da revelação é, ao mesmo tempo, estar aberto ao mistério amoroso da Trindade, deixando-se moldar na pura dádiva da graça e da vontade de Deus.

A vocação humana está voltada para a transcendência, para a eternidade. Por isso

quem escuta o silêncio, obedecendo à Palavra-evento da revelação do Deus trinitário, vive na tensão entre o revelado e o oculto, entre o ‘já’ doado e o prometido ‘ainda não’, entre o viático oferecido para a longa viagem que nos resta e o pão e o vinho do banquete do Reino, do qual o ‘sagrado banquete’ da Eucaristia é apenas o penhor³⁸.

Nesta dialética, a humanidade pode nutrir-se da dinâmica trinitária no seio da criação, como opção de amor do Criador à criatura desde o eterno silêncio de Deus. Neste sentido, a abertura honesta do crente ao transcendente possibilita a compreensão da exclamação:

Não permitas que esqueçamos: tu falas também quando calas. Dá-nos esta confiança; quando estamos à espera da tua vinda. Tu calas por amor e por amor nos falas. Assim é no silêncio, assim é na palavra. Tu és sempre o mesmo Pai, o mesmo coração paterno e nos guias com a tua voz e nos elevas com o teu silêncio³⁹.

O nobre na dinâmica da revelação é o assumir essa condição, as propriedades de sujeitos capazes de Deus, mesmo caídos no pecado. Por isso, o Verbo de Deus assume a condição humana, exceto no pecado, e, com sua condição divina, “trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano” (Gaudium et Spes 22) a fim de redimir a humanidade. Assumindo a condição humana, o Verbo Encarnado de Deus redime também a totalidade da criação. Em Jesus não se concebe mais dois mundos; o Criador e a criatura, tudo está assumido no evento da encarnação, unificado em Jesus. A criatura nova, reintegrada em Cristo Jesus está incluída na eterna dinâmica do advento e do êxodo de Deus. Neste dinamismo, tudo é renovado: “eis que faço novas todas as coisas”(Ap 21, 5). Essa novidade vai além, porque “a Palavra histórica da revelação é não apenas auto-comunicação do mistério de Deus, mas também revelação do homem para o homem, manifestação e descobrimento da sua vocação”⁴⁰. Aquilo mesmo que

³⁸ FORTE, B. *Teologia da História*, ensaio sobre a revelação, início e a consumação, p. 102.

³⁹ *Ibidem*, p. 103.

⁴⁰ FORTE, B. *Teologia da História*, ensaio sobre a revelação, início e a consumação, p.113.

Jesus significa vai se realizando pela vontade de Deus no Filho numa dinâmica de profunda doação no horizonte pessoa – pessoa. Essa relação, em sua essência, não fica diminuída no êxodo histórico, porque está eternamente dentro da dinâmica indissolúvel de comunhão eterna.

Na auto-comunicação de Deus espelham-se mutuamente as palavras do Filho e os dons do Espírito Santo. Eles se revelam no acontecer da finitude. Isso ocorre em virtude da eternidade amorosa de Deus, pois Ele se esvazia de seu silêncio num eterno advento de boas-novas, é capaz de se tornar compreendido. Este deve ser o fundamento do labor teológico como chave hermenêutica na dinâmica da revelação. Neste sentido, a teologia necessita de uma linguagem própria, “ela deve falar do Indizível, que se disse a si mesmo na história sem se dissolver nela”⁴¹. Este teologizar, todavia, deve garantir o legado revelado à história em vista da revelação no presente e no futuro. Assim, se “o ser que pode ser compreendido é linguagem, o ser que não pode ser compreendido é silêncio”⁴². Isto não significa que o silêncio deixa de ser linguagem, mas nessa via encontra seus obstáculos na dinâmica da revelação. A linguagem é entendida como instrumento de revelação, recurso de aproximação daquilo que é em si mesmo. Entendido como instrumento do pensamento, ela é a ferramenta das adequações dos elementos definidores de uma nova realidade histórica. Tem-se assim, os sinalizadores do eterno devir do divino.

Por fim, pode-se afirmar que toda a fé revelada é um legado da tradição judaico-cristã. Ela perfaz a trilha do silêncio rumo à palavra. Do mesmo modo, a tradição judaico-cristã é gestora desse cenário fecundo da promessa como uma brisa suave do silêncio do divino a fim de favorecer significado ao silêncio humano. Este significado é poder constitutivo do sonho humano que dilata a alma e encontra o sentido para sua vocação a fim de alcançar a vocação do silêncio divino no êxodo redentor do mundo. Assim, o evento Jesus reabilita a humanidade a essa compreensão da dinâmica da revelação como abertura à transcendência. Dessa forma, a imanência humana é entregar-se à transcendência, à escuta da Palavra, meditando-a no dinamismo do amor de Deus. Dispor-se a escuta silenciosa é permanecer na dinâmica da novidade e deixar-se atrair a Ele por meio da mediação insubstituível de seu amor revelado pelo Verbo.

⁴¹ FORTE, B. *Teologia em diálogo*, p. 61.

⁴² Idem. *Teologia da História*, ensaio sobre a revelação, início e a consumação, p.117.

1.4 O silêncio enquanto paradoxos

O silêncio é realidade constitutiva do mundo criado. Ele está integrado e, mesmo quando negado, participa dos dinamismos internos e externos da pessoa. O silêncio nem sempre obteve atenção no âmbito das investigações e pesquisas acadêmicas. Ele permaneceu, de certo modo, esquecido no âmbito das meditações e reflexões. A teologia deve ser esse espaço favorável à meditação e reflexão, a fim de possibilitar formas e meios de compreensão de sua dinâmica de ação. Esta reflexão, no entanto, encontra seus paradoxos que se impõem com sólidas indagações: qual é seu objeto verificação? Como definir o silêncio? Quebrá-lo, suspendê-lo? A grande tarefa da teologia, nesse caso, é criar um espaço de sentido no universo das relações humanas que se estabelecem como espaço último de comunicação sinalizadora que remete à presença reveladora de Deus. Toda pessoa tem, em maior ou menor grau, uma experiência do silêncio. Um pode experienciar o silêncio no isolamento, na dor, na mágoa, na angústia, na vingança, na raiva e na morte, outro na alegria, na conquista, no júbilo. Por isso, “talvez algum dia alguém explique como, ao nível humano, Auschwitz for possível; mas, ao nível de Deus, Auschwitz continuará para sempre o mais desnorteante dos mistérios”⁴³. Assim, nossa memória também integra o silêncio. Ela remete à conformidade do estado de vida que se leva. O exemplo que segue remete a mente humana a uma profunda reflexão sobre a dor do silêncio:

Nunca me esquecerei daquela noite, a primeira noite de campo, que fez minha vida uma noite longa e sete vezes aferrolhada. Nunca me esquecerei daquela fumaça. Nunca me esquecerei dos rostos das crianças cujos corpos eu vi se transformarem em volutas sob um céu azul e mudo. Nunca me esquecerei daquelas chamas que consumiram minha fé para sempre. Nunca me esquecerei daquele silêncio noturno que me privou por toda eternidade do desejo de viver. Nunca me esquecerei daqueles momentos que assassinaram meu Deus, minha alma e meus sonhos, que se tornaram deserto. Nunca me esquecerei daquilo, mesmo que eu seja condenado a viver tanto tempo quanto o próprio Deus. Nunca⁴⁴.

Elie Wiesel⁴⁵ é uns dos poucos que sobreviveram aos campos de concentração, em meio a tanta maldade. Sua história não é somente uma história de sobrevivência, mas sim uma narrativa pessoal sobre as muitas mortes que o autor sofreu nesse isolamento de morte.

⁴³ WIESEL, Elie. *Holocausto*. Canto de uma geração perdida, p. 25.

⁴⁴ Idem. *Night*, p. 52. WIESEL, Elie. *Night*. Disponível em <<http://books.google.com>> Acessado em 20 de junho de 2012.

⁴⁵ Personalidades: WIESEL, Elie. Elie é seu nome no drama vivido no campo de concentração. Seu nome verdadeiro é Eliezer Wiesel. Natural de Sighet, Transilvânia, região na época disputada entre a Hungria e a Romênia. Com apenas 14 anos descreveu sua primeira noite após ter sido deportado, junto com sua família, de sua terra natal para um campo de concentração. E é sobre essa primeira última noite; e sobre todas as últimas noites que se seguiram até 11 de Abril de 1945, que sua obra discorre. A Noite é um dos mais importantes

Mais de sessenta anos são passados e perguntas semelhantes às narrativas de Wiesel ainda são feitas. Em maio de maio de 2006, o papa Bento XVI visitou o campo de concentração de Auschwitz-Birkenau, na Polônia, onde milhares de judeus foram mortos pelo regime nazista fez e perguntas que correram o mundo: “Num lugar como este faltam palavras, no fundo pode permanecer apenas um silêncio aterrorizado, um silêncio que é um grito interior a Deus: Senhor, por que silenciaste? Por que toleraste tudo isto? (...) Onde estava Deus naqueles dias? Por que Ele silenciou? Como pôde tolerar este excesso de destruição, este triunfo do mal? O Papa sinalizava aos dramas contidos nas Sagradas Escrituras, com a passagem do Salmo 44, a lamentação de Israel que sofre: ‘...Desperta, Senhor, por que dormes?... Por que escondes a tua face e te esqueces da nossa miséria e tribulação?’. Também o drama do Filho Jesus no momento de maior dor e abandono é lembrado pelo Santo Padre: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”(Mt 27, 46). Semelhante ao sofrimento do Filho de Deus pode-se citar inúmeros outros momentos de dor e sofrimentos que focam na mesma indagação: Onde está Deus? O inferno dos campos de concentração, as epidemias e pandemias, as guerrilhas no campo e na cidade, nos bolsões de famintos, desesperados e refugiados do mundo: Onde está Deus? Como crer um Deus Emanuel em meio a uma realidade de morte? Como sonhar num mundo justo onde milhões de inocentes são levados como ovelhas para o matadouro, sob a lei do silêncio?

Neste contexto, o Sumo Pontífice mostra o referencial do drama humano dizendo “que num mundo que teve de aprender os nomes Auschwitz e Vietnã, não se pode mais falar seriamente do Bom Deus! Mas os tons falsos, que demasiadamente frequentes, não eliminam a legitimidade da questão – na nossa hora da história todos parecemos transportados verdadeiramente àquele ponto na Paixão de Jesus, no qual ela se torna o brado de socorro ao Pai: ‘Meu Deus, Meus Deus, por que me abandonastes?’”(Mt 27, 46)⁴⁶. Foi muito difícil para um papa alemão visitar o lugar do maior massacre praticado por líderes de seu próprio povo. Neste lugar ele refletiu sobre a dor e o silêncio diante do mal praticado ali. Neste contexto, o pontífice diz que “tomar a palavra neste lugar de horror, de crimes contra Deus e contra o homem sem precedência na história, é quase impossível, e é particularmente difícil e oprimente para um cristão, para um papa que procede da Alemanha”⁴⁷. O papa exprime sua sensibilidade diante dessa realidade de dor e de sofrimento e com pêsames denuncia o drama

testemunhos sobre os campos de concentração. Wiesel é uma das vozes mais poderosas a narrar as infinitas dores de viver-se sempre a última noite em um mundo em que Deus foi enforcado em nome de conceitos tão pouco entendíveis como poder e pureza racial. Disponível em:

<http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/elie_wiesel/home.html>. Acessado em 3 de maio de 2012.

⁴⁶ RATZINGER, Joseph. *Dogma e Anúncio*, p. 284.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 285. Cf. também em FORTE. B. *A Guerra e o Silêncio de Deus*, p. 59 - 62.

do escárnio humano ali praticado a fim de elevar a consciência humana em repúdio ao horror. Ele continua dizendo que “em um lugar como este faltam as palavras; no fundo, só há espaço para um atônito silêncio, um silêncio que é um grito interior para Deus: Por que te calaste? Por que quiseste tolerar tudo isso?”⁴⁸ Diante desse silêncio nasce uma indignação, negando a própria esperança humana. Pois isto cria uma angústia interminável à vida humana capaz de negar a onipresença divina. Desta forma que o papa exclamou: “Onde estava Deus nesses dias? Por que se calou?”⁴⁹ Parece que o papa expressa a frieza humana por parte daqueles que egoisticamente pretendem eliminar os mistérios de Deus do coração humano.

Bento XVI diz que Jesus de Nazaré é aquele que vai iluminando e inspirando a pessoa rumo ao seu fim último do significado em sua existência de viver e de ser livre junto de Deus. O papa reforça dizendo que “não podemos escutar o segredo de Deus, só fragmentos, e nos enganamos quando queremos converter-nos em juízes de Deus e da história”⁵⁰. É necessário remontar os silêncios dos filhos amados do Pai, ao silêncio amoroso da origem de toda a criação. Como é importante ir ao núcleo do plano da criação, desprendendo-se dos vínculos do ódio e da opressão humana, que constitui a forma da injustiça, para converter-se num grito amoroso que revela a misericórdia de Deus Pai. Nisto o pontífice afirma que “nosso grito dirigido a Deus tem que ser ao mesmo tempo um grito que penetra em nosso próprio coração para que desperte em nós a presença escondida de Deus, para que o poder que depositou em nossos corações não fique coberto ou sufocado em nós pelo egoísmo, pelo medo dos homens, pela indiferença e pelo oportunismo”⁵¹. Diante disto, o papa afirmou que os líderes da época enganaram o povo e instalaram o império do pecado.

Em outra publicação o Papa Bento XVI diz que

a esperança manifesta-se, praticamente, nas virtudes da paciência, que não esmorece no bem, nem sequer diante de um aparente insucesso, e da humildade, que aceita o mistério de Deus e confia nele mesmo na escuridão. A fé mostra-nos o Deus que entregou o seu Filho por nós e, assim, gera em nós a certeza vitoriosa de que isto é mesmo verdade: Deus é amor! Desse modo, ela transforma a nossa impaciência e as nossas dúvidas em esperança segura de que Deus tem o mundo em suas mãos e que, não obstante todas as trevas, Ele vence [...]”⁵².

E esse é o caminho que se pretende construir a partir do anúncio da Boa Nova trazida por Jesus. Ele revelou a face misericordiosa do Pai. Com Ele as trevas no mundo deixam de privar a luz.

⁴⁸ Discurso do Santo Padre BENTO XVI em AUSCHWITZ-BIRKENAU. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20060528_auschwitz-birkenau_po.html>. Acesso em 21 de julho de 2012.

⁴⁹ Ibidem

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ Ibidem.

⁵² Carta Encíclica do Santo Padre BENTO XVI. *DEUS É AMOR*, 39.

O grande risco do mundo é o de confundir o bem com o mal. Não saber mais quando algo é bom ou menos bom. O ser humano também é constituído dessa radicalidade. Talvez isso seja o componente ideologizado desses tempos. A cultura de morte é instaurado sob o domínio de uns sobre os outros, a sobrepujança do ter sobre o ser transformou os sujeitos da história, os protagonistas do amanhã em seres passivos, incapazes de se auto-gerenciar. Depois de superados os confrontes de uma “guerra fria”, profundamente gerenciada pela lei do silêncio ideologizado pelos regimes totalitários, verifica-se uma força crescente das macro-mídias e suas corporações de massa controlam o pensar e o agir de milhões e milhões de pessoas mundo a fora em todos os horários.

Contudo, as incertezas geram esperanças e os caídos são novamente reerguidos. Esta é a verdade libertadora que revela o Deus dos esquecidos e acende a luz da esperança. O Cristo Redentor é, e sempre será, o elo entre o divino e o humano, Mediador do Pai. A humanidade deverá firmar sua certeza no ressuscitado, Ele desvela os planos dos malvados e revela a Bondade de Deus. Por isso,

basta-nos que nós sejamos semelhantes a Ti, ao menos um pouco, e que unamos nossa dor à tua e a ofereçamos ao Pai. Para que tivéssemos a Luz, veio-te a faltar a vista. Para que tivéssemos a união, sentiste a separação do Pai. Para que possuíssemos a Sabedoria, fizeste-te ‘ignorância’. Para que nos revestíssemos da inocência, fizeste-te ‘pecado’. Para que Deus estivesse em nós, sentiste-o longe de ti⁵³.

Assim, o silêncio será sempre a linguagem que capacita a reflexão mais profunda e, por si só, gera sustentação, como suporte em todas as situações limites da vida quando ameaçada. Trata-se de uma condição prévia do espírito capaz de refletir e conduzir os homens e mulheres à intuição silenciosa que perfaz, pela via da inteligência, o caminho seguro da motivação, da fé e da esperança, mesmo que ainda não transformada em linguagem. Isso mantém a pessoa humana de pé, não só fisicamente, mas com toda a sua complexidade e suas relações.

Deus, na condição de Pai misericordioso, se revela eternamente no agir das pessoas em vista da redenção de todos. Ele não quer o mal nem o sofrimento. A oferta de Deus é a misericórdia e o perdão. Deus é quem dá oportunidade para todos os que o buscam. Sua oferta provém do eterno silêncio. Deste modo, o silêncio não é um interlocutor do mal, mas uma dádiva divina usada humanamente de forma equivocada, contrária ao amor de Deus, gerando sofrimento, opressão, supremacia de uns sobre outros. Estes são paradoxos que se utilizam da categoria do silêncio para implantar o império do pecado e da cultura de morte no mundo.

⁵³ LUBICH, Chiara. *Ideal e Luz*. Pensamento, espiritualidade, mundo unido. p. 138.

A instrumentalização do silêncio no domínio de uns sobre os outros faz com que a fé e a esperança fiquem confundidas com o drama humano do sofrimento, fruto do pecado. O silêncio pertence ao núcleo da revelação divina. Desde o advento da revelação de Deus a humanidade conheceu a Palavra. Esta é a concretude do êxodo de Deus. Com isso, compreende-se que se o silêncio procede de Deus, e este também é parte essencial da humanidade. Ambos, silêncio e palavra, não podem existir separadamente. Trata-se de uma linguagem originária de Deus que abraça toda a existência humana. Portanto, o grande conflito não reside no calar-se, mas na instrumentalização do divino silêncio nas práticas pecaminosas, como a institucionalização das injustiças e da imoralidade. Enquanto o silêncio é limitado da temporalidade ontológica, arrisca-se na perda do rumo da dignidade e dos valores da vida humana. O fim não se justifica unicamente nos meios. Assim como a dignidade e os valores não provém de fontes próprias, necessitam de um suporte maior, do mesmo modo o agir humano não se justifica em si, mas naqueles atributos que o desprendem do aqui e do agora. O fim último está na fonte originária de tudo. O em si ontológico sinaliza o limite, o tempo, o espaço, a história. Neste contexto pode ocorrer a corrupção do silêncio. É necessário, portanto, garantir o exercício do silêncio como canal de transcendência da pessoa em vista de sua abertura ao divino. Como entender quando o silêncio é linguagem de Deus? Como o silêncio de Deus é revelado à história sem se corromper? Essas questões serão respondidas no próximo capítulo. Aí serão sinalizadas referências das Sagradas Escrituras como fontes do êxodo da Palavra a partir do silêncio eterno de Deus.

1.5 A Palavra no rumo da história

Inúmeras interrogações são postadas ao confronto relacional frente aos desafios, às crises, às dores e à morte humana. Estes e tantos outros elementos tornam-se realidade de confronto para os homens e as mulheres em suas relações históricas e transcendentais. A dor, o sofrimento e a morte confrontam a pessoa numa profunda atitude de interrogação: De onde vem o mal? Porque tanto sofrimento? Parece existir uma cisão entre as realidades humanas e divinas. Será essa realidade de dor, morte e sofrimento são somente atributos do mundo histórico? Essa maneira de ver e descrever a realidade humana percorre uma visão muito estreita do indivíduo, limitando a pessoa humana quase que exclusivamente ao tempo, isto é, às realidades históricas fechadas em si mesmas. A destruição da natureza reflete incisivamente naquilo que o ser humano pode se tornar: um ser de relações minimizadas,

caracterizando o fechamento relacional da pessoa humana, tanto em sua responsabilidade como em sua liberdade. Isto nem sempre foi assim. Trata-se, portanto, de uma crise do contexto humano onde as chamadas biosferas são profundamente fragmentadas.

A humanidade pode estar esquecendo, em suas relações, da grande e sacramental complexidade da natureza. Afirma-se que a pessoa humana atravessa por uma crise, uma “noite do mundo”⁵⁴, de um lado em relação à natureza e seus ecossistemas e biomas, e por outro, do próprio ser humano, em sua materialidade enrijecida num desenfreado postulado do “ter” em detrimento do “ser” com realidade vital e integral de toda biosfera. Neste sentido, “na crise ambiental, o duro tronco da realidade natural vem se opor a ser manipulado pelo pensamento seguro de suas potencialidades e da bondade das alterações que ele produz”⁵⁵. O grande desafio ecológico posto à teologia, neste contexto, é o confronto da pessoa com a dor, o sofrimento, a morte e todo mal como forma do limite humano; trata-se de uma denúncia, de um clamor à abertura da pessoa humana ao transcendente, mesmo vivendo uma situação que, aparentemente, determine o limite no cuidado da vida em seu sentido pleno. Por isso, a teologia em diálogo deve “torna-se interlocutora atenta e sensata, que assume e respeita a alteridade e a temporalidade e sabe abrir caminhos graduais de encontro entre a Palavra e a história”⁵⁶. Os ritmos desequilibrados, fora da convivência harmoniosa da vida, fazem com que o humano passe por profundas realidades traumáticas e limitadoras em relação à abertura ao divino. A relação humana com o conjunto de seres vivos deve ser integradora e não destruidora. O humano é partícipe desta biosfera no contexto social e eclesial. No entanto, os homens e as mulheres não podem esquecer que vivem nela, com ela e por ela. O ser humano não é o seu criador, mas antes de tudo, o jardineiro, o zelador desse gracioso habitat. Disto se presume o elemento essencial do ciclo e do relacionamento humano em meio à criação.

Constata-se que nesse emaranhado e complexo tecido relacional humano, a natureza sofre dores pelos abalos e riscos que ameaçam a vida como um todo. Verifica-se um drama onde bifurcam tempos biológico e histórico em ritmos diversos. A natureza geme pela recriação dos sagrados ritmos originais e, por outro lado, a evolução técnico-científica impõe novas coordenadas de tempo em novos ritmos. A vida como templo sagrado e sua abertura para o divino sofre profundamente pela defasagem do encontro e da comunhão vital. Esta defasagem sinaliza um empobrecimento gritante das fontes enérgicas de sustentabilidade do

⁵⁴ FORTE, B. *Teologia em diálogo*, p. 87.

⁵⁵ Idem. *Teologia da História*, ensaio sobre a revelação, início e a consumação, p.209.

⁵⁶ Idem. *Teologia em diálogo*, p. 87.

grande complexo da biosfera, onde a família humana está integrada. O impacto das ações degradantes atingem todos de forma global.

A sobrevivência está comprometida por que a equação da justiça humana excluiu o termo “todos”. Os avanços técnico-científicos, a manipulação das micros e macros estruturas ficaram restritos, com seus recursos, a pessoas e grupos. Tudo está centrado na produção e na geração de recursos mecânicos cada vez mais dinâmicos e versáteis em vista dos resultados. Isto fez com que o *homo sapiens* se tornasse desagregado e dividido na própria classe ecológica. Desta forma, enquanto ser racional, muitas vezes, os homens e as mulheres competem entre si e exploram os recursos e as fontes da natureza a todo e a qualquer custo. Este é um dos motivos da acentuada bifurcação entre o tempo histórico e o tempo biológico. Realidade essa que a reflexão ecológica contemporânea precisa assumir radicalmente em vista da possível geração da harmonia vital e da abertura transcendental humana rumo ao encontro do verdadeiro ritmo da vida no complexo original de toda biosfera.

A realidade da convivência humana sempre foi alvo de especulações em toda ordem, ora centrado no sujeito, ora no objeto. Sem faltar tentativas de separar a natureza da história, ou a realidade da razão. Parece haver árbitros sentados no trono do destino, fazendo uso da razão e tentando definir razões determinadas ou determinantes na tentativa de pensar os possíveis atributos da natureza na perspectiva dos princípios, meio e fim. A crise ecológica está profundamente ligada às mudanças das relações humanas no mundo. Elas trincam o vínculo da complexidade do encontro e limitam o exercício da liberdade. Isso se reflete incisivamente no coração humano, sente-se deslocado, fora de seu campo de relações. Algo lhe foi tirado. O processo emancipatório humano, em sua teia de relações, põe a fabrilidade, a técnica, o produto de sua inventabilidade, no topo das atenções da vida, irrompendo assim, a valoração da pessoa como sujeito ético do cuidado dos outros e do mundo. Por isso, vale dizer que “não são as ciências e as técnicas que fracassaram, mas o próprio homem e seu trato com as ciências e as técnicas, sua avaliação das ciências e das técnicas”⁵⁷ estancam o processo. Nota-se assim, que “o homem secular não encontra Deus nas experiências limitadas, mas no limite de toda experiência, quando percebe a prisão do imanente, do semelhante, do interesse penúltimo, e começa a ter sede de uma palavra que rompa o silêncio da morte, e sustente, na esperança, a luta de hoje”⁵⁸. Observa-se que o mundo está necessitando: superar os mundos criados sob os pilares ideológicos do ‘ter’ e do produzir, desembocando no drama da dominação. Mesmo num mundo globalizado, a pessoa ainda não é totalmente partícipe desta

⁵⁷ SCHILLEBEECKX, E. *História Humana, revelação de Deus*, p. 18.

⁵⁸ FORTE, B. *Jesus de Nazaré. História de Deus e Deus na história*, p. 16.

meta, desta partilha global. No jogo da globalização entram apenas setores especulativos desse processo. A informação do lucro é a adrenalina pulsante das corporações e macro estruturas privadas e estatais. A ‘lógica do lucro’ determina os sobreviventes do jogo do mundo marcado pela velocidade das informações e das transações decisórias dos rumos da história.

Essa tensão de forças e jogos de interesses que a humanidade precisa superar em vista de um mundo mais justo e digno à sobrevivência. O silêncio instrumentalizado é parceiro da ganância humana. No evoluir das tecnologias das informações, e aqui destaca-se a rede mundial de computadores, o grande clamor profético – a denúncia e o anúncio – vem ocupando um espaço decisivo no rompimento do drama de dominação e morte impressos no mundo e na história. Ainda que em passos lentos, mas com avanços, grupos e pessoas vão ensaiando a instauração de uma possível sociedade solidária e mais justa. Neste referencial a humanidade deverá apoiar-se. Portanto, a dignidade é a plataforma comum da humanidade. A senha da sobrevivência humana. Este é o patrimônio da criação que a humanidade deve garantir como dádiva da revelação amorosa de Deus. Não se admite mais a simples substituição de sistemas de dominação e de opressão do mundo. É urgente que, diante das nobres tecnologias da informação, seja rompido o silêncio de justiça que, muitas vezes, permanece engessado pelos poderosos da indústria da mídia global.

Somente com o rompimento do monopólio da informação é que a efetivação de uma sociedade democrática se torna possível. Os homens e as mulheres desse tempo precisam sentir o hoje de Deus em seus corações. Deste modo, eles poderão agir sem reservas e criticamente no horizonte da esperança. O hoje de Deus é aquela compreensão mesma que a tradição judaica legou na expressão Emanuel. Este é o alimento que direciona a humanidade de hoje como partícipe da graça do êxodo de Deus. Ele é o convite mais profundo e solene de Deus, emergindo do sagrado silêncio à participação numa eficaz libertação humana das amarras demoníacas, que estancam a vida e suas complexas teias de relações e abertura transcendental. Quando o silêncio de Deus é mascarado tem-se a morte como palco, porque a palavra é uma ínfima parte que o silêncio revela. Da mesma forma, a pessoa humana é constituída deste imensurável potencial. Isto constitui sua liberdade, sua expressão e seu silêncio. Por isso, grande parte do ser *em si* permanece no silêncio. No entanto, o crente se servirá do Espírito do Senhor como referência de vida. O espírito de bondade, de mansidão, de justiça será seu balizador de convivência. O êxodo de Deus, a partir do eterno silêncio, tem como habitação nada menos que o coração humano. O Cristo ressuscitado é o êxodo de Deus: é o Pai no Filho, não separados, mas diferenciados em pessoas divinas. Trata-se, portanto, de

uma presença eterna que liberta, porque “onde se acha o Espírito do Senhor, aí está a liberdade” (2Cor 1, 17).

1.6 Fé e Esperança como caráter presencial de Deus

“Deus conosco” é um imperativo da profissão de fé do crente, pois este vive no “já” e no “ainda não” de sua esperança. Esperar é uma postura própria do crente cujas ações realizam em parte aquilo que está posto no futuro. Assim, no quotidiano, “o homem vive na medida em que espera, o homem ‘é’ a esperança”⁵⁹. A esperança é também entendida como o elemento dinâmico e motivador da história. O sentido da vida está também contido profundamente como realidade constitutiva da vida humana. Desta forma “viver sem esperança é como não viver mais”⁶⁰. Este elemento impulsionador adquire força na medida em que as comunidades exercitam a fraternidade e a solidariedade. Na teologia cristã tem-se, portanto, o elemento da esperança na perspectiva escatológica. Ele é o futuro da promessa, movendo o presente da história. Neste sentido, “o Cristo humanado é a secreta força propulsora para crescente unidade; ao mesmo tempo, Cristo, como o vindouro, envolve, a partir do fim, a história em sua consumação”⁶¹. Não se trata puramente de uma âncora que liga escatologia e a história, mas também não se pode negá-la diretamente. Trata-se de uma certeza, da parte do crente, e de uma espera do bem que há de vir.

A promessa revelada se realiza na encarnação do Filho Jesus, fundamento pleno de toda a esperança humana. A esperança é um dado escatológico revelado na Palavra de Deus. Este dado escatológico diz respeito à eterna dinâmica da revelação de Deus na história. Deste modo, “a epifania do presente eterno de ser encobre até aos nossos dias a revelação escatológica de Deus”⁶². Por esta razão deve-se apurar eficazmente o verdadeiro sentido da promessa no contexto judaico-cristão. Visto que “Deus se revela sob a forma de promessa e pela história da promessa”⁶³. Tem-se, assim, uma estreita conexão entre esperança e promessa. Ambas são inerentes à história e aí mesmo pulsam no horizonte escatológico. É a história embebida da transcendência como condição de possibilidade de sustentar o futuro

⁵⁹ FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*. História de Deus e Deus na história, p. 29.

⁶⁰ MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 49.

⁶¹ SCHEIDER, T. *Manual de Dogmática*, vol II, p. 362.

⁶² MOLTSMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 60.

⁶³ Idem. *Teologia da esperança*, p. 62.

da promessa na dinâmica da revelação. Nesse ingresso de compreensão acolhe-se a vinda do Messias na história, no contexto da Aliança.

No evento pascal o mundo tem a promessa vindoura da ressurreição. Deus agindo na história. Ele se revela e se dá a conhecer (cf. *Ef* 1.9). Assim, com o Verbo encarnado, o crente tem acesso ao Pai, no Espírito Santo. Neste acesso se realiza o chamado humano a se tornar participante da bondade de Deus. A fé é resultante do amor. Amar é abrir-se ao divino, elemento constitutivo da pessoa para o exercício da liberdade. A Igreja tem consciência deste exercício e por isso diz que “a liberdade verdadeira é um sinal privilegiado da imagem divina no homem. Pois Deus quis ‘deixar o homem entregue à sua própria decisão’, para que busque por si mesmo o seu Criador e livremente chegue à total e beatífica perfeição, aderindo a ele”(GS 17). Trata-se de uma realidade interior que move e transforma o ser humano que responde ao chamado de Deus. É deixar-se envolver no Espírito de Deus. O profeta Jeremias expressou este amor de forma lúcida: “tu me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir” (*Jr* 20, 7). Assim, a fé é o dinamismo da vida e, “com ela, entrega-se o homem todo, livremente, a Deus, oferecendo ‘a Deus revelador o obséquio pleno da inteligência e da vontade’ e prestando voluntário assentimento à sua Revelação”(DV 5). Este assentimento favorece profundamente o dispositivo da fé em colocar-se a serviço à dádiva revelada. Fazer, desta forma, a vontade do conteúdo revelado. Este conteúdo nada mais é do que amar. Amar e crer percorrem a mesma via. Por isso é correto dizer que “toda história de fé é história de amor”⁶⁴. Desta relação nasce o sonho que está pensado desde toda a eternidade por Deus no interior de sua obra criadora. É a história de Deus com a humanidade. Assim, na dinâmica da revelação se realiza a Palavra no assentimento à história. Portanto, “crer no Deus que se revelou em Jesus Cristo significa estar continuamente em estado de tensão entre o repouso do já possuído e a sede do ainda não possuído”⁶⁵, como dado substancial da realização do plano amoroso de Deus na história.

Aqui nasce o imperativo da esperança. Esta é a essência constitutiva de todo o ser e de todo o agir humano. Pois, sabe-se que “a esperança cristã é uma esperança de ressurreição e demonstra sua verdade pela contradição entre o presente e o futuro por ela visualizado, futuro de justiça contra o pecado, de vida contra a morte, de glória contra o sofrimento, de paz contra a divisão”⁶⁶. Desta feita, fazer teologia é estar comprometido com toda a teia de relações que envolvem a humanidade no labor compartilhado na expectativa escatológica. É estar vivendo

⁶⁴ FORTE, B. *Jesus de Nazaré*. História de Deus e Deus na história. p. 34.

⁶⁵ Idem. *Jesus de Nazaré*. História de Deus e Deus na história. p. 37.

⁶⁶ MOLTMANN, J. *Teologia da Esperança*, p. 33.

esta realidade do presente e do futuro e, ao mesmo tempo, estar consciente de que as mesmas não estão separadas como que em extremos contextos em si mesmos. Antes, porém, estão mediadas pela sede eterna da esperança pela qual a humanidade está constituída. Esta mediação se apoia na plataforma da memória operante da esperança, que conecta as realidades do presente e do futuro, sem se prender necessariamente na morte como realidade existencialmente determinada. Por que “entre futuro sem memória e memória sem futuro, a morte convida à memória do futuro, que contesta toda prisão ao presente e toda nostalgia estática do passado, e ao futuro da memória, capaz de abrir o êxodo a todas as surpresas do advento”⁶⁷. Assim, esperança é, de algum modo, participar da realidade futura. É desprender-se das ideologias de morte que inebriam povos e culturas na satisfação de si mesmos.

Quando os homens e mulheres se fecham em seus próprios mecanismos de prazer existencial, acabam por venerar a morte como fim absoluto de tudo. Isto impossibilita a abertura ao transcendente. As ideologias que se apoiam no ópio, no empobrecimento moral do “ter” em detrimento ao “ser” inabilitam no íntimo do coração dos homens e das mulheres a dádiva da expectativa escatológica. Não se quer aqui dizer que a pessoa deva projetar-se numa realidade vindoura como abstrata e vazia. Antes valorar aquilo que é íntimo no coração humano; ser para o outro, para fora de si mesmo, portador da transcendência. Esses elementos estão garantidos na fé cristã.

A promessa realizada em Jesus de Nazaré quebra todo e qualquer encantamento humano de auto-suficiência. É a Palavra se realizando na história. A Boa Nova de Jesus acolhe todos e todas no coração da divindade. O roteiro da misericórdia do amor divino, revelado em Cristo Jesus, profetiza que, “Deus será tudo em todos” (*1Cor 15,28*) conforme a expectativa dos “novos céus e da nova terra” (*Ap 21, 1*). Neste sentido, a promessa de Deus tem, em sua plenitude, a realização da profecia. Ao mesmo tempo, a antecipação de todo o devir histórico. Trata-se, portanto, da expectativa escatológica como realidade dinâmica e eterna na pessoa humana. Essa plenificação da palavra se dá na preeminência do hoje de Deus. Não se tratando aqui de uma apreensão do agir divino, como categoria exclusiva, no tempo histórico. Aquilo que se compreende como tempo, espaço, ser e não ser, existir e o nada, são todas realidades que podem ser atributos divinos. Esta é a grande busca do ser humano que numa eterna dinâmica, confronta-se num “sistema onicompreensivo, para se deixar desafiar sempre de novo pela corporeidade da história, onde o Deus da esperança e o homem de êxodo constroem o amanhã”⁶⁸. Essa dinâmica perfaz e impulsiona a esperança

⁶⁷ FORTE, B. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*, p. 45.

⁶⁸ Idem, p. 47.

reguladora como parte fundamental da pessoa humana desde seu advento. Pois, “onde não mais existe advento, não mais existe verdadeira esperança, a esperança de que tudo vive e renasce em seu pleno sentido e sabor: nela se inserem também as ‘antigas forças, o amor e a fé’. Da inocência infantil da esperança, eles recebem nossa força a ponto de rejuvenescer como a águia”⁶⁹ (cf. *Is* 40, 31).

Crer significa aptidão à graça reveladora de Deus, partindo do princípio de que Deus se auto-comunica por amor, e sua comunicação é a revelação; é pelo amor que tudo se processa, se desvela a fé no íntimo do coração humano. Crer é o despertar de Deus na eterna dinâmica amorosa da revelação no interior da realização de sua promessa. Esta é a dinâmica que sustenta, revela e alimenta a fé. Por isso, “a fé é o êxodo que naufraga voluntariamente no advento, o dia do homem que aceita desaparecer na noite que conduz ao dia de Deus”⁷⁰. Estes são desdobramentos que conduzem o crer humano à luz do revelar divino. Esta experiência histórica está profundamente registrada na boca do profeta Jeremias (cf. *Jr* 20, 7). Assim, crer é deixar o outro habitar em nós como parte da existência total. Crer é uma profunda atitude de escuta (cf. *Rm* 10, 17) da palavra que alimenta o ser humano em vista da realização da promessa amorosa de Deus ao revelar o mistério de sua vontade (cf. *Ef* 1,9). Deste modo, a revelação é a atualização da história como fruto da entrega gratuita da bondade divina que, na resposta fiel dos homens e das mulheres, imprime o hoje de Deus. Assim, “na verdade, o amor de Deus se incorpora à história no intuito de se comunicar a nós e nos atrair a si”⁷¹. Por isso, teologicamente deve se admitir que “o próprio Deus é a fonte prévia de todo o nosso falar de Deus”⁷² como êxodo divino no seio da criação. A iniciativa é de Deus e Dele provém toda grandeza humana. Portanto, “Deus se doa a Deus no coração do homem: e o homem reencontra-se no coração de Deus”⁷³. Trata-se da reconciliação humana no evento divino. Deus perfaz o caminho humano, não para deixar sua identidade divina, mas em relação a compreensão da autotranscendência na eficácia da conversão da pessoa humana apoiada em sua eterna sede de busca da verdade e da felicidade, como elementos da fé.

A fé habita no interior do advento de Deus. Esta ativa as capacidades do conhecimento humano, pois ela remete, impulsiona na busca da verdade. A fé quer ir às razões primeiras, por isso ela remete o crente ao silêncio eterno de Deus, trazendo consigo num sabor sem fadiga a possibilidade do conhecimento de Deus na mais profunda expressão fiel de sua

⁶⁹ FORTE, B. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*, p. 48.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 55.

⁷¹ *Idem. Introdução aos sacramentos*, p. 11.

⁷² SCHILLEBEECKX, E. *História Humana*, revelação de Deus, p. 32.

⁷³ FORTE, B. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*, p. 56.

revelação. Deste modo, se o ser humano ardentemente deseja possuir Deus no coração, não pode esquecer que desde todo o sempre já estar no coração de Deus, é uma das aptidões da sabedoria pela qual a revelação amorosa de Deus possibilita atualizar a fé que remete a concretização da palavra. A dinâmica da revelação remete ao crer como expectativa escatológica, porque “não há revelação sem fé e também não há fé sem revelação”⁷⁴. Crer e saber são elementos constitutivos da humanidade que não podem percorrer caminhos diversos, pois “o saber é momento interior e constitutivo da fé”⁷⁵. Essa dinâmica inseparável, do crer e do saber, constituem elementos essenciais de todo o pensar teológico. Pois, a pessoa humana é capaz de Deus, vive inquieta sem Ele e deseja incessantemente contemplar sua face: “é tua face, Senhor, que eu procuro não me escondas a tua face” (*Sl* 27, 8).

Portanto, se crer e saber trazem a palavra, esta evoca o testemunho. O testemunho é fruto daquele que vive da palavra, reflete a consciência consequente de gerir serviços e comunhão. Assim, a palavra suscita e nutre a sede humana na busca da verdade. Testemunhar a palavra, nada mais é do que a aproximação humana da verdade. Esta verdade se encontra no êxodo de Deus que também pode ser entendido como “quénose de Deus”, como escreve Paulo; “esvaziou-se a si mesmo”(cf. *Fl* 2,7) como história de si mesmo. A quénose representa a humildade daquele que serve. O que serve é o que se esvazia em humildade. É o êxodo do amor. É, portanto, o princípio da revelação que Deus faz de si mesmo na história, em favor da humanidade. O êxodo de Deus se realizou primeiramente por meio dos profetas, plenamente em Jesus Cristo que assumiu a dor do drama humano, aceitando morrer na cruz a fim de revelar o mistério do amor do Pai. Por isso a grandeza da criação brilha quando “o mistério do Deus Amor revela-se de preferência quando, guiados pelo Espírito, os cristãos aceitam perder-se abrindo-se aos outros e colocando-se ao seu serviço”⁷⁶. Desse modo, o importante é destacar o Mistério amoroso Pai na missão de Filho. De um lado, Ele tem a missão de revelar o Pai (*Jo* 1,18); do outro, assume sofrer para a salvação da humanidade (*Lc* 24,26). Este horizonte quenótico agora está no apelo radical ao seguimento do Filho Jesus como condição de possibilidade de mediar e atualizar fielmente o amor de Deus pela pessoa humana. A transmissão viva e eficaz da revelação divina tocará sua fidelidade somente na aproximação da vivência da Boa Nova de Jesus. Os apóstolos, as primeiras comunidades cristãs e os santos e santas foram testemunhas fiéis da quénose de Deus como dinâmica da revelação amorosa do criador na história. Assim, palavra e testemunho realizam o amor de Deus na história. O

⁷⁴ SCHILLEBEECKX, E. *História Humana*, revelação de Deus, p. 48.

⁷⁵ FORTE, B. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*, p. 59.

⁷⁶ SESBOUË, Bernard. *O Evangelho na Igreja. A Tradição Viva da Fé*, p. 147.

testemunho necessita do apoio, do suporte eclesial para sua justificação. E aqui se encontra um eixo da teologia trinitária, porque a ação plena do Espírito Santo se dá na comunidade.

No indivíduo, Deus revela uma vocação específica, uma aptidão que não tem o fim em si mesmo, mas sim, na comunidade e, esta por sua vez, também não tem o fim si mesma, mas em Deus Criador. Por essa razão, se justifica o princípio eclesial como perfeita instância mediadora dos mistérios da Redenção. A Igreja representa a atualização do memorial do evento pascal como escopo do testemunho vivo da verdade na história. Finalmente reforça-se o compromisso de fidelidade na transmissão viva da Palavra, porque “na mão da Igreja, a inculturação é um instrumento que permite viver a proximidade sócio-cultural em analogia com a encarnação de Jesus de Nazaré; um instrumento que permite uma presença respeitosa em face da alteridade, e crítica frente ao pecado e solidária no sofrimento”⁷⁷. É neste horizonte que se deve refletir sobre as metodologias e pistas pastorais como atualização do Mistério amoroso de Deus no coração da comunidade.

1.7 Consequências teológico-pastorais

Em um mundo marcado pelas transformações históricas urge a necessidade humana em alargar a compreensão humana em defesa da vida. Por isso, a reflexão teológica deve sinalizar elementos relativos às práticas pastorais. A linguagem teológica deve ser simples e direta, principalmente, no tocante à revelação, usando expressões de sentido profundo na vida dos homens e das mulheres como protagonistas da história. A teologia não pode ficar muda frente aos processos históricos e dinâmicos do mundo. Ela precisa ser uma expressão viva da linguagem do hoje de Deus. Não uma linguagem apenas de inserção divina na história, mas uma linguagem capaz de perceber a ação amorosa de Deus no cotidiano humano em vista de sua dignificação. E isso não é somente uma sugestão na trajetória da história, mas uma exigência do tempo na historicidade em seu fluir dinâmico com consequências libertadoras. A exigência de um pensar teológico atual precisa ser capaz de incluir as pessoas em seus contextos sócio-culturais. Pensar uma teologia que inclua o zelo pela beleza da criação no mais alto esplendor de seus eco-sistemas e biomas. Pensar teologia da revelação hoje é tocar no eterno ou por Ele deixar-se tocar numa atitude de acolhimento da linguagem ‘vital’ do Eterno. Deste modo, linguagem de Deus é a linguagem da vida. Por isso “a linguagem carrega

⁷⁷ SUESS, Paulo. *Cultura e Religião*, REB nº196, 778-798. p. 126.

em si a espessura do ser, a corporeidade da história”⁷⁸. Desse modo, a linguagem divina pode ser descrita como uma dádiva que se multiplica pela divisão, porque ela revela-se no tempo e na história sem jamais se esvaziar e nem perder o sentido, ou deixar de incluir uma só alma.

A teologia da revelação é o nexo necessário à vida de Igreja que, como realidade mediadora da fé no ressuscitado, atualiza a memória pascal. Nesta compreensão, a vivência eclesial deve ser enraizada na fé pascal e encarnada na Palavra como garantia de rumo dos homens e das mulheres na busca do sentido último para suas vidas. Viver e celebrar essa causa, é tornar-se partícipe da vida divina. É, do mesmo modo, solidarizar-se no drama humano de dor e sofrimento a fim estabelecer comunhão que liberta e reconhece a presença divina no coração do mundo. Por isso acredita-se que “onde a verdade não vive em si e onde nenhum homem é uma ilha, mas onde – na densidade da linguagem e na riqueza da vida – pode realizar-se o encontro, onde o coração do homem se abre à verdade e a verdade ao coração do homem”⁷⁹, rompe-se qualquer forma de solidão do pensar e do agir teológico. Portanto, reconhecer o esplendor de Deus nas criaturas é tornar-se partícipe da fé pascal na dinâmica da linguagem da revelação. Desta forma, a teologia jamais silenciará sua fecundidade no coração humana sem que se realize o êxodo de divino como vínculo eterno e filial dos homens e das mulheres.

O êxodo de Deus pode ser melhor compreendido quando a comunidade de fé entra na dinâmica da Palavra. De outra forma pode-se dizer que “é tarefa da teologia levar a práxis à palavra. E essa tarefa está relacionada com a outra: levar a Palavra à práxis”⁸⁰. Desta maneira fica plausível uma relação humana divina, pois na concretude dos eventos, ambas se exigem. Falar de Deus reflete o evocativo humano e o contrário não deixa de ser verdadeiro. Por que o teórico é o momento realizador da práxis e teologicamente falando, “uma teoria da práxis deve corresponder uma práxis da teoria”⁸¹. Assim, o instante do pensar segue a espiralidade da dinâmica que envolve os momentos da teoria e da práxis numa permanente atualização de novidades. É nesta dinâmica que se pode encontrar chaves de aproximação das verdades de uma teologia da revelação.

Associada à bondade divina urge a necessidade de uma capacidade ética capaz de, estrategicamente, responder com coerência os sonhos de Deus nos desejos humanos. É a capacidade humana em gestar a história na fé iluminadora a fim de garantir o zelo e cuidado por uma sociedade de amor solidário. Ainda nesta perspectiva, a teologia da revelação deve

⁷⁸ FORTE, B. *A Teologia como companhia, memória e profecia*, p. 9.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 12.

⁸⁰ *Idem*. *Jesus de Nazaré, História de Deus, Deus da História*, p. 48.

⁸¹ *Ibidem*, p. 48.

possibilitar, dentro das aspirações do mundo, mudanças de conversão em vista de um mundo alicerçado na cultura do cuidado da vida e dos valores universais. Assim, a dinâmica a ser seguida é aquela que segue a dimensão da fé pascal, orientada pela luz do Espírito de Deus, no propósito de fazer novas todas as coisas. A escuta do Verbo de Deus liberta os homens e as mulheres dos vícios do isolamento. Somente a conversão no acolhimento da Boa Nova do ressuscitado, torna a pessoa capaz de entrar na dialética da abertura à transcendência que o conduz a possível dinâmica da revelação de Deus. Trata-se, portanto, de uma reintrodução da pessoa humana no plano original de Deus. E isto deve ser uma resposta da profunda escuta da Palavra que dinamiza o sonho de Deus para as criaturas.

2 A LINGUAGEM DA PALAVRA

Introdução

Este capítulo pretende sinalizar elementos de compreensão à linguagem da Palavra com conteúdo divino em linguagem humana. A fé é o suporte humano para que se possa entrar na dinâmica da revelação e abrir-se ao hoje de Deus. O texto remete o crente ao outro a fim de reconhecer a ação de Deus na pessoa humana como criatura amada. Assim, a perspectiva da Palavra é inclusiva, todos pertencem e participam, como família humana, das dádivas de Deus.

Esta segunda parte da dissertação deseja conduzir o leitor à dinâmica da escuta atenta e solidária do outro, bem como a si mesmo, a fim de identificar a linguagem divina pela via das interfaces dos amados do Pai. A memória viva do povo de Deus é a referencia como exercício ao conhecimento da dinâmica amorosa do Criador que revela sua bondade. Reconhecer Deus na Palavra é o nutriente necessário para o discernimento da fé e, ao mesmo tempo, para entender a filiação divina estabelecida pelo Criador no contexto da Aliança. Expressões de peso como *dabar*, *Abbá*, entre outras, resgatam chaves hermenêuticas importantes à compreensão da linguagem da Palavra de Deus. Esta reflexão auxilia na compreensão da grande expectativa messiânica das comunidades do Povo de Deus. Trata-se de desejo divino plasmando no coração humano. Assim, o esplendor da revelação acontece na encarnação do Verbo. Ele é o portador da redenção humana. O Cordeiro de Deus é a face misericordiosa do Pai. O evento Jesus culmina na ressurreição. A fé pascal revela o Pai e o Filho no Espírito Santo.

Nessa perspectiva pode-se dizer que a ressurreição revela a Trindade. Deus entrou definitivamente na história por uma atitude de amor. Ainda, este capítulo discorre sobre passagens bíblicas que nutrem a fé pascal e incluem todos e todas na grande família humana. O testemunho é a categoria de fé que fortalece o encontro e a fonte da comunhão na mesma fé. Ele é o vínculo que atualiza o evento pascal e inaugura a cada momento o hoje de Deus numa contínua prova de amor. O belo deste capítulo, então, se resume na forma humana de Deus na revelação e forma divina da pessoa humana como fruto do Espírito Santo, em vista da abertura transcendental e da autenticidade do encontro. Essa é a garantia do abrir-se à revelação de Deus numa autêntica resposta humana no seguimento do Filho Jesus frente aos

dramas do mundo. Esta adesão deverá nutrir a fé e gerar diálogo na comunicação dos dons do êxodo de Deus meio às diversidades do mundo, a fim de que a bondade divina seja conhecida.

2.1 A Escritura, testemunha da Palavra

Ao vislumbre da face humana, quis Deus comunicar todo esplendor dos diálogos divino, aos homens e às mulheres de todos os tempos, participando de sua Palavra, como eterno instrumento inexorável de sentido para revelar-lhes sua eterna bondade. Essa experiência não é domínio do crente. É fruto amoroso de Deus. Seu amor revela eternamente e sua luz irradia com a mesma intensidade os que o procuram e os que se deixam encontrar. A escuta da Palavra consiste no exercício da misericórdia como premissa universal daquele que segue o ressuscitado. Crer é participar de Deus. Por isso que, “partir de Deus é, desse modo necessidade primária não só de quem, ao não crer, busca sentido para o cansaço de existir, mas também de quem, ao crer, faz experiência Daquele que é o fogo devorador e advento que sempre surpreende”⁸². Disto surge o caráter ético que incide nas profundezas das relações entre o crente e o não crente. Portanto, a chave de compreensão do outro enquanto outro, como princípio da solidariedade universal, exige a abertura para além do sujeito em vista da permanente dinâmica de inclusão do outro como partícipe do apelo divino. Deus se revela por causa do outro. Nessa dinâmica de relações e escuta reside a Palavra de Deus.

Reconhecer a realidade do outro significa ter responsabilidade por ele. É manter a porta aberta onde se encontra refúgio na misericórdia divina. Assim, se acolhe o êxodo de Deus, que também perfaz o caminho do outro e, ao mesmo tempo, é pensar no existir como amado e apto a participar de igual modo das beatitudes eternas. Todavia, colher o outro é revelação, escuta das interpelações e exigências expressas por via da Palavra revelada na face do outro. Descobre-se, então, uma nova interface que necessita de discernimento solidário na dinâmica do acolhimento dos rostos esfacelados clamando por redenção. Esta é a crítica salutar e interpeladora que deve suscitar a dinâmica da escuta para manter atenta a mente humana para identificar a linguagem divina pela via das interfaces dos amados do Pai.

A Palavra chegou à comunidade por iniciativa amorosa de Deus. É o êxodo de Deus desde o eterno silêncio que suscita homens e mulheres a participar do amor divino em santidade e justiça. Estes são consagrados como profetas que, num atitude de escuta,

⁸² FORTE, B. *Teologia em diálogo*, p. 14.

decifraram o eterno silêncio de Deus em linguagem humana, em vista do compartilhamento dessas experiências de amor revelado com os demais irmãos. Eles são mediadores de fala humana que, agraciados de fala divina, são inspirados a interpretar o caráter presencial de Deus agindo no mundo. A certeza da exclamação - Palavra do Senhor – é outro elemento de destaque e cheio de significado da revelação. A exclamação traz a certeza de que é Deus mesmo que está falando pela boca do leitor. A palavra anunciada é sempre atual e nova, por mais que se conheça o fato, ela chega ao ouvido humano como realidade nova e rica em conteúdo e ensinamento.

A expressão “plenitude dos tempos”(cf. *Gl* 4,4 e *Hb* 1, 1-4) traz um novo eco. Eco do Messias esperado, na restauração de Israel. Por isso quis Deus convergir sua obra redentora em Cristo, “para levar o tempo à sua plenitude: a de em Cristo encabeçar todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra” (*Ef* 1,10). Essa certeza de fé iluminou os rumos da expectativa, por que “quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei, para resgatar os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial”(*Gl* 4,4-5). Neste mesmo sentido ecoa a “voz que grita no deserto”(*Mt* 3,3), como radicalidade da Palavra na intuição profética de João Batista: “Arrependei-vos, porque o Reino dos céus está próximo” (*Mt* 3,2). O Reino dos céus estava próximo; o cumprimento da promessa de Deus era iminente.

Jesus é identificado com a plenificação dos tempos. Ele carrega em si um novo tempo, uma nova fase que remete à base da Antiga Aliança, na mais profunda envergadura teológica do Povo de Deus, a fim de trazer presente a plenitude da Nova e Eterna Aliança. A chave hermenêutica foca a expressão “palavra do Senhor”, pois nela se encontram elementos da identificação de Deus como tal e do seu puro e gratuito amor filial. Trata-se de um grande exercício de escuta da vontade de Deus nas palavras da Aliança. Nesta escuta e percepção da fala de Deus nasce um caráter de obrigatoriedade na observância das palavras da aliança (cf. *Dt*, 4, 13; 10,4; 28,69). Toda a história da Palavra no contexto da Aliança, bem como seu dinamismo profético foi se estruturando num profundo exercício de observância das palavras da aliança: os mandamentos. A consciência e observância da Palavra desempenhou papel decisivo, pois nutriu a dinâmica da palavra em diferentes momentos da Antiga Aliança na perspectiva da vinda do Messias.

Dessa compreensão da Palavra nasce o termo *dabar* como identificação no elo da Palavra com Deus que, desde seu eterno silêncio a atualiza e a mantém sempre nova. Tem-se, assim, um sinalizador da dinâmica da linguagem como expressão viva capaz de anelar todas as coisas. O termo hebraico *dabar* dá significado e suporte à Palavra de Deus. Ele é, em

outras palavras, a realização do significado e, num ciclo eterno, gera sempre um novo significado. Neste sentido, “*dabar* é palavra cheia de significado, rica em conteúdo noético, e é palavra que realiza, que faz aquilo que diz, evocando e provocando (gerando) a vida, acertando em cheio na transformação do coração humano e nos eventos da história”⁸³. Esse termo expressa um sentido profundo da dinâmica da linguagem, e que em sua carga histórica de significados que tanto pode se traduzir como “coisa” ou como “palavra”, dá importância a essa consideração. A tradição das comunidades do Povo de Deus optou mais pela segunda opção de significação do termo *dabar* devido à sua aproximação às manifestações teofânicas de então. Por que Deus já era uma realidade profundamente identificada como Palavra. Assim, a Palavra cria, suscita princípios vitais na dinâmica da história voltadas à fé e à vontade de Deus. A Palavra está na ordem da divindade, pois “Deus a envia como mensageiro vivo e vela por ela, a fim de realizá-la. A Palavra de Deus permanece para sempre, fiel e eficaz”⁸⁴. A iniciativa é de Deus. A pessoa é motivada a responder ao apelo da gratuidade amorosa daquele que profere a palavra. Trata-se da auto-comunicação de Deus, daquilo que os profetas ensinavam pela via das fórmulas: “Deus disse”, o “Senhor disse” e “palavra do Senhor” entre outras (cf. *Gn* 1, 12; *Ex* 3, 33).

Essas fórmulas tornaram-se chaves na dinâmica histórica e normativa da compreensão identificadora quando se tratava de revelação e ação presencial de Deus por meios dos profetas no interior do anúncio da Palavra. Elas nutriram a fé no Deus Uno e, ao mesmo tempo, mantinham o suporte aos profetas e sacerdotes como testemunhas autorizadas de Deus no meio do povo. Assim, da Palavra anunciada emergiu o manifesto divino do caráter presencial, não apenas como Palavra, mas na profunda expectativa messiânica da encarnação desse mesma Palavra. Trata-se de um desejo divino plasmado no coração humano. Por isso que a dinâmica da Revelação tem seu cimo na expressão narrativa de São João: “e o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (*Jo* 1,14). É a realização do “Deus conosco”, evocativo bem conhecido ao longo da história de fé do Povo de Deus. Jesus é verdadeiramente o Emanuel anunciado pelo profeta (*Is* 7,14; *Mt* 1, 23).

O vértice, portanto, da dinâmica da Palavra se plenifica na encarnação do Filho de Deus. Pela encarnação do Filho (cf. *Hb* 1,1s), Deus exalta os homens e as mulheres que, ao longo da história, se colocaram a serviço da dinâmica amorosa da revelação. Deus dignifica sua obra, a face humana, revelando-se e se igualando em tudo, exceto no pecado (cf. *Hb* 4, 15). Neste sentido, “com a presença e manifestação da sua pessoa, com palavras e obras,

⁸³ FORTE, B. *Teologia da História*, ensaio sobre a revelação, início e a consumação, p. 128.

⁸⁴ LATOURELLE, R. *Teologia da Revelação*, p. 26.

sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte e gloriosa ressurreição dentre os mortos, enfim com o envio do Espírito de verdade, aperfeiçoa a Revelação completando-a, e confirma-a com um testemunho divino”(DV 4). Desse modo, a chave hermenêutica da Revelação reside nos testemunhos e aparições do evento pascal, onde o próprio Filho participa e entra em comunhão com a humanidade que, crendo Nele, celebra seu memorial. Celebrar é abrir-se à revelação amorosa de Deus. Por isso, os tratados teológicos relativos à revelação não se privam tão somente ao exercício do conhecimento, como propriedade da razão, mas sobretudo, quer nutrir a alma solidária dos filhos e filhas do Pai eterno.

A iniciativa reveladora é de Deus. Ele reestabelece a Nova e eterna Aliança no Filho Jesus, como êxodo divino e amoroso de sua auto-comunicação. A ressurreição é o pleno registro dessa iniciativa. Ele aparece por iniciativa amorosa frente ao desprezo, à perseguição, à condenação e à morte. Ele toma novamente a palavra e inaugura a glória sonhada para toda a humanidade. Por iniciativa amorosa reestabelece as relações com os seus, comunica-se e faz refeições com eles e os envia pelo mundo como testemunhas do bem, da justiça, da vida sobre a morte. Esta dinâmica amorosa é marcada pela gratuidade e doação total. As testemunhas irão ao redor do mundo, por amor gratuito, fazer o mesmo e do mesmo modo segundo o mandato do ressuscitado. É a experiência da Páscoa que os move. Ela é o eixo revelador da graça e da misericórdia de Deus Pai.

A figura do Servo Sofredor é assumida plenamente em Jesus Cristo. Trata-se da chave interpretativa da figura apresentada pelos profetas. Jesus assume inteiramente essa condição de Servo em vista de sua missão. No evento Jesus são revelados os mistérios do amor de Deus em favor do mundo. A ressurreição regenerou a criação tornando-a totalmente nova. Assim, a fé pascal subsiste na relação humana, porque o Filho prometeu sua eterna presença (cf. *Mt* 28,20). Deste modo, a abertura transcendente está posta no meio da criação no Filho Jesus, “a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez todas as coisas” (*Hb* 1,2). Com isso, a humanidade tem a plena e eterna mediação divina na pessoa do Cristo Redentor. Ele é o mediador universal, arquétipo e modelo de bondade de tudo o que é e existe. A Ele são atribuídos inúmeros gestos de amor, de misericórdia, de gratuidade, de doação e de atitude serviçal, segundo a vontade do Pai em favor das criaturas. Cristo Jesus é apresentado como expressão plena do Pai. Tudo o que a criação representa e significa está assumido Nele. Ele torna-se o elo necessário entre criatura e criador. Por isso, pode-se afirmar que “a criação se desenvolve no diálogo eterno de Deus com que é o mistério, o desígnio da graça mediante o

qual tudo é chamado a existir e a atingir sua plenitude final em Cristo”⁸⁵. O Paráclito enviado pelo Filho possibilita o diálogo eterno nas relações dos filhos de Deus.

Assim, a face misericordiosa de Deus apresentada por Jesus é melhor entendida quando vivida a partir da fé pascal. A ressurreição é o evento integrador de todas as relações humanas de amor, de bondade e de solidariedade em vista da redenção. A criatura redimida é identificada ao Cordeiro de Deus. Deste modo, o princípio soteriológico inerente à criação é elevado à plenitude no evento pascal. A ação mediadora do Filho no Espírito Santo eterniza no mundo criado a comunhão trinitária. A fé no evento pascal revela a total e eterna presença no meio do mundo do Deus uno e trino. As relações históricas são inseridas, mergulhadas na vida divina. O mundo finito participa do encontro com o eterno. A vida em si é, de algum modo, uma participação com Deus em Jesus Cristo.

O Espírito de Deus unifica o universo na Palavra eterna pronunciada pelo Filho. No Espírito Santo está garantida a comunhão cósmica. Ele capacita os homens e as mulheres ao discernimento entre as maravilhas de Deus e os dramas do mundo. Ele capacita também o ser humano no conhecimento da verdade, conduzindo-o à liberdade. Assim, pode dizer que “onde se acha o Espírito do Senhor aí está a liberdade” (2Cor 3,17). A liberdade é fruto da comunhão divina. Esta garante a diversidade e a verdadeira comunicação gratuita e amorosa vivificante de Deus. A comunhão e a liberdade estão ancoradas na fé pascal, pois estas garantem a abertura do Espírito comunicador de Deus em vista das verdades eternas. Onde reside a verdade eterna?

A fé no ressuscitado revela a Trindade⁸⁶. Ela é origem de tudo o que existe. A comunhão trinitária é o acolhimento amoroso de Deus em todas as criaturas. A Trindade é a realidade envolvente e a abertura dialogal com a criação. Disto se pode dizer que a fé pascal, não revela somente o fato, ou o evento ocorrido no túmulo vazio, mas revela o próprio Deus presente em seu mistério. Por isso, a Trindade é compreendida como a origem e a causa do mundo. Nela encontra-se a fonte de todas as relações da criação. Na Trindade a criação é realidade sempre nova, e tudo entra num profundo relacionamento das pessoas divinas numa eterna comunhão de dons. Essa comunhão, por sua vez, tece nos homens e nas mulheres as condições e possibilidades de abertura do interrelacionamento gratuito e amoroso como a chamado de Deus ao existir, o chamado à vida, e participar da vida de Deus no mundo.

⁸⁵ FORTE, B. *Teologia da História*, ensaio sobre a revelação, início e a consumação, p. 240.

⁸⁶ A fé em Jesus Cristo, Filho de Deus, garante o acesso à totalidade dos mistérios revelados, a saber; a Trindade, a Encarnação redentora e a filiação adotiva mediante o dom do Espírito Santo enviado pelo Filho. Cf. também em Mt 11, 27, 1Cor 2, 1-2 e At 4, 12.

Se a Trindade pode ser celebrada, sentida e entendida no mais alto grau da inteligência humana é porque trata-se de uma total e livre decisão da vontade amorosa de Deus em ser presença constante em meio à criação. Pois, trata-se da quénose do amor eterno que permanece na finitude. Assim, compreende-se que a finitude, por um lado, é opção amorosa, gratuita, da auto-comunicação de Deus e, por outro lado, essa mesma finitude é entendido como lugar de acolhimento num contínuo agir revelador do amor eterno, isto é, da comunhão trinitária. Pois, onde a vontade, a caridade, a solidariedade e todos os atributos da justiça divina encontram voz e vez, como instância de comunhão, ali mesmo, pode-se traduzir como real ação do êxtase divino na participação livre no espaço das criaturas. O eterno, por esta compreensão, continuamente sai de si para torna-se dádiva nas criaturas como vínculo constitutivo na dinâmica amorosa da revelação de Deus. Não se trata, no entanto, de conceber a realidade criada como diversa de Deus, mas, como um habitat próprio de seu esplendor e glória. Eles são vestígios diversos da presença trinitária, que a *fides quae*⁸⁷ revela em todos os passos e momentos da ação criativa do Espírito eterno, que se converte na contemplação das maravilhas que emergem no relacionamento divino-humano. Neste relacionamento divino-humano, a pessoa é inserida no amor trinitário, lugar do nascedouro da vocação dos homens e das mulheres. É o dom concedido à vida humana perante Deus para habitar Nele, para que o criador seja tudo em todos (cf. 1Cor 15,28).

A criatura humana reflete, em si mesma, a exuberância da eternidade divina de Deus. Por isso, a afirmação é válida: “o ser humano é a quénose do esplendor e o esplendor da quénose da Trindade criadora”⁸⁸. As Sagradas Escrituras referendam tal afirmação quando testificam que o ser humano é a imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26s; Sl 8,6; Sb 2,23; Eclo 17,3; Tg 3,9; 1Cor 11,7) e, ao mesmo tempo, revelação filial: “vós sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus”(Ez 36,28). Assim, a criatura adquire o selo da eternidade. É referência do amor divino refletido no coração humano. Representação viva da graça divina e capacitada ao relacionamento com o outro e, ao mesmo tempo, com o divino. Assim sendo, a pessoa humana gesta revelação por causa da real presença de Deus. Espírito Santo gera relações em vista da comunhão como fruto do amor de Deus que se revela gratuita e eternamente no coração do crente.

⁸⁷ Entende-se por *fides quae* o conteúdo da fé a qual o sujeito dá o seu assenso, ou seja, as verdades reveladas e conhecidas pelo sujeito que a elas dá o seu assentimento. A *fides quae* abre para a dimensão eclesial da fé, visto que são as afirmações de fé partilhadas por todos aqueles que crêem. Uma clara exposição dessa temática também pode ser encontrada em FEINER, J. e LÖERER, M. *Mysterium Salutis*. Fundamentos de Dogmática Histórico-Salvífica. V.I/1. p. 13. Confira também em EICHER, P. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia, Fé*. p. 307.

⁸⁸ FORTE, B. *Teologia da História*, ensaio sobre a revelação, início e a consumação, p. 268.

Assim, a dinâmica da revelação está posta no outro desde a divindade como reconhecimento presencial e definitivo de Deus com a humanidade. O rosto do outro é revelação. Nele a realidade da criação revela o encontro do êxodo de Deus. Neste sentido, “a revelação não diz tudo de Deus, torna-o presente à identidade, mas o mantém em sua diferença”⁸⁹ em sua eternidade criadora. Assim, toda a realidade criada reflete o esplendor do Criador. O esplendor amoroso de Deus tem o coração humano como lugar predileto. O rosto do outro revela a memória originária humana identificada no Criador. É neste encontro que os homens e as mulheres estão convidados a oferecer, numa atitude de anúncio, a face amorosa e misericordiosa de Deus revelada em Jesus. No encontro, essa face deve se transformar numa oferta solidária. Ofertar o presente do Filho Jesus que está em cada homem e em cada mulher deve ser um gesto de amor todo o crente. Este é presente de Deus inesgotável sob posse humana. Assim, em cada encontro humano acontece a visita de Deus. Este é o referencial da revelação divina que convida os homens e as mulheres de todos os tempos a compartilhar a visita de Deus no íntimo do mistério do encontro. O interlocutor é a fé no Ressuscitado. Essas mediações abrem chaves teológicas que capacitam o crente, mesmo no avesso da história, a contemplar os mistérios divinos. Isso configura uma orientação de vida, uma virada antropológica reveladora da real e da perceptível presença de Deus junto a todo aquele que se ocupa com a justiça, o amor e a solidariedade.

Eis o referencial de vida que, fundamentada na fé pascal, cria novas relações de encontro pessoa-pessoa, gerando fruto de doação do amor gratuito que vai modelando a pessoa em suas relações de comunhão. Pois, os atributos da contingência humana ganham qualificativos e condições de possibilidade de uma vida voltada ao eterno. Trata-se, deste modo, do reconhecimento do outro como criatura essencial ao plano fraterno e solidário do amor gratuito de Deus revelado no evento Jesus. Este reconhecimento, no entanto, exige não somente uma adesão como processo histórico ou um evoluir dos fatos, mas acima de tudo, uma profunda abertura de coração e acolhimento da Eterna Palavra como garantia da comunhão universal dos irmãos no seio da criação. Esta honestidade de vida, a partir da fé pascal, garantirá, numa perspectiva fraterna e ecológica no interior da criação, condições responsáveis em vista de salvaguardar as maravilhas no jardim de Deus (cf. *Gn 2,15*). Esta é a tarefa dos homens e das mulheres: colaborar com o embelezamento da criação. Assim, o ser humano realiza sua vocação universal quando todas essas coisas acontecem.

⁸⁹ FORTE, B. *À escuta do outro*, p. 44.

Deus tem em si a iniciativa de tudo realizar. Ele cria do nada e põe o outro na condição de outro em vista da pura abundância do amor e da liberdade em vista da comunhão fraterna. Em cada desabrochar da criação, Deus se revela em seu esplendor, criando eternamente novas todas as coisas. Nesta dinâmica, o ser humano é partícipe na fecundidade do eterno ato da auto-comunicação criadora de Deus. É o devir da vida gestando novidade e revelando esplendor na finitude vital, enquanto realidade posta no tempo e na história, em seus processos constitutivos de caridade e de comunhão divina. Pois a fé, o amor e a caridade (cf. *1Cor* 13,13) constituem os vínculos do divino no humano. Esse vínculo encontra seu exercício de aceitação na proximidade com o Redentor. Esta dinâmica deve percorrer o caminho do divino e não o caminho da pessoa humana. O Filho é a eterna doação de Deus no Espírito Santo desde o seio da criação. O Espírito do Senhor é o estímulo de toda a resposta de amor da criatura humana, pois, “a glória de Deus é o homem vivo e a vida do homem é a visão de Deus”⁹⁰. Essa glória se realiza no mandato do Filho, onde institui perpetuamente a eucaristia como refeição eterna da memória pascal. Assim, toda a criação celebra o esplendor da comunhão numa oração de louvor e intercessão no ritmo amoroso e revelador da bondade divino. Trata-se de uma espiritualidade ecologicamente responsável em resposta honesta e gratuita ao amor de Deus. Estes são reflexos da ação do Espírito Santo do Senhor que perfaz as entranhas humanas em vista da santificação. A santificação provém do acolhimento das dádivas do Espírito de Deus. Este acolhimento coincide com a atualização da dinâmica da revelação de Deus no mundo. Em que consiste esta atualização?

2.2 O caráter atualizador da Aliança

Do eterno silêncio de Deus advém o espírito que vivifica e dinamiza a palavra. O espírito não é a palavra, mas é o vivificador dela, o que a torna eterna linguagem de revelação. O espírito tampouco é o silêncio, mas da mesma forma, é o princípio comunicador a partir do silêncio, possibilitando assim a abertura para o futuro. Essa dinâmica somente pode ser entendida a partir da Trindade, pois, é do seio da comunhão trinitária que se entende a origem da palavra. A compreensão da palavra é fruto do amor trinitário, do profundo e sublime silêncio de Deus. Assim tem-se mediante a força do espírito a voz da Palavra, o eco eterno. Essa voz, que é o espírito, portanto, vivifica a Palavra, cristifica-a no mandato do Pai que,

⁹⁰ IRENEU DE LIÃO, *Contra as Heresias*, IV, 20,7.

mediante a encarnação do Verbo, “vos conduzirá à verdade plena, pois anunciarás as coisas futuras”(Jo 16,13). Deste modo, o encontro é o processo unificador e, ao mesmo tempo, de abertura do divino à história.

A dupla propriedade do espírito é a auto-comunicação de Deus e receptividade humana. Estas se tornam a essência do encontro. Não se trata de um diluir deste em vista daquele, mais uma eterna abertura do divino que o espírito possibilita sondar o fundamento transcendente da relação da palavra e do silêncio e verificar a abertura dos dois à história. É importante frisar que a Palavra não esgota o silêncio, o contrário também é verdadeiro. Os dois não se diluem como parte da parte, mas se comunicam e se interagem com a essência da comunhão de Jesus. Trata-se, portanto, da característica quenótica do amor gratuito de Deus. Assim pode-se entender que o crente está na base do encontro e, pela ação do Espírito Santo une-se ao silêncio e a palavra como testemunha eterna da unidade e da comunicabilidade amorosa de Deus.

Tudo procede de Deus desde o eterno silêncio à encarnação da Palavra. Essa é a compreensão que foi sendo sintetizada desde os primeiros séculos do cristianismo. Aí registram-se esforços de lúcidas definições na tentativa de se entender a comunhão trinitária. No século IV, encontra-se a referência definidora: “esse Espírito Santo, segundo as Sagradas Escrituras, não é o Espírito apenas do Pai, nem apenas do Filho, mas de ambos e por isso, nos faz pensar na caridade comum com a qual se amam reciprocamente o Pai e o Filho”⁹¹. Esta definição do encontro trinitário não se justifica por um mero ajuste da inteligência humana, ou de um nexos interposto a conceitos, mas está fundamentada na eterna dinâmica amorosa e gratuita de Deus, Gerador e unificador de tudo em todos na Pessoa do Filho pelo Espírito Santo. Isso é propriedade de fé. Por fim, o silêncio deve ser entendido como a eternidade de Deus em si: o Espírito como a vida e voz de Deus na expressão de sua Palavra. A Palavra, então, como realização plena de sua bondade que, em esplendor, faz-se carne e habita entre nós (cf. Jo 1,14) Isto significa dizer que Deus entrou definitivamente na história por uma atitude de amor.

A encanação do Verbo é, ao mesmo tempo, a antecipação do Reino definitivo do “já” e do “ainda não”. Não se trata, portanto, de uma compreensão pura e árida do conceito de um Deus imanente, mas de uma eterna comunhão divina na dinâmica da revelação. Numa definição clássica da revelação encontra-se a expressão do êxodo de Deus como realização de sua auto-doação e auto-comunicação. Assim, o êxodo de Deus pode ser entendido como

⁹¹ Santo Agostinho, *A Trindade*, 15, 17, 27.

categoria do amor divino na história. Também conhecida como o êxodo de Deus no seio de sua obra. Os textos bíblicos referendam essa eterna dinâmica de Deus sob ação do Espírito Santo agindo no mundo. Ele realiza a criação (*Gn*, 1,2), a profecia (*Nm* 11,25; 24,2; 27,18; *ISm* 10,6; 19,24; *Is* 61.1; *Ez* 2,2;) a encarnação do Verbo (*Mt* 1,18-20; *Lc* 1,35). Destacam-se, assim, a dinâmica da revelação e a comunhão trinitária dos elementos centrais: o envio do Espírito Santo e o nascimento da Igreja (*At* 2,1-13). Esta super abundância do divino irradia, transforma e liberta a criatura de toda opressão no Filho Jesus pela força do Espírito Santo em vista da restauração da humanidade.

Assim, o Espírito que procede do Pai e do Filho torna-se a eterna realidade crística, capacitadora e dinâmica da humanidade nova. Esta humanidade nova, por sua vez, é incluída no diálogo teologal da eterna abertura de Deus como base do encontro divino-humano. Os princípios conceituais de discernimento teológico devem acolher a dinâmica reveladora do Espírito Santo, no eterno silêncio do Criador, na Boa Nova do Filho atualizado no hoje de Deus. Esta compreensão teológica será sempre suporte no seguimento de Jesus no amor aos irmãos. Esta dinâmica do seguimento é o mais profundo sair de si humano ao encontro dos mesmos atributos no outro, ou seja, a comunhão divina é geradora da comunhão humana. Esta realidade motriz conduzirá a todos e todas à verdade do Verbo em sua fidelidade e em sua responsabilidade. Este é o vínculo que gera o nexo definidor e qualificativo do encontro em vista da fraternidade. Desse modo entende-se que pela força do Espírito Santo a unidade entre Criador e criatura fica garantida no evento Jesus. Isto é a oferta divina à humanidade como promessa que saiu da boca do Filho: “Rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito, para que convosco permaneça para sempre” (*Jo* 14, 16). O Paráclito, o Espírito Santo sustentará toda boa iniciativa redentora dos homens e das mulheres de todos os tempos. Porque “o mundo da criação, nossa história no seio da natureza como seu entorno, é o palco do agir salvífico de Deus em e por mediação de homens”⁹². No agir do Espírito Santo, o passado e o futuro se fundem em vista a atualização da dinâmica da revelação da bondade divina no mundo.

A atualização acontece quando o testemunho, amadurecido na fé pascal, torna-se uma realidade de comunhão dos cristãos que, sob a força do Espírito Santo, mantém-se fiel no seguimento do ressuscitado. Trata-se, portanto, de uma intensidade onde o “Senhor é o Espírito” (*2Cor* 3,17) atuante e vivificador. Onde, segundo São Paulo, “quem não tem o Espírito de Cristo, não pertence a ele” (*Rm* 8,9). Essa relação se estabelece no hoje de Deus como garantia da eterna filiação humana. Trata-se de uma ação dinâmica e gratuita da

⁹² SCHILLEBEECKX, E. *História Humana*. Revelação de Deus, p. 30.

bondade de Deus, revelando a ação do Paráclito; o Espírito de Deus. Assim, o Espírito Santo realiza o encontro daqueles que creem com o espírito de Cristo, tornando-os Filhos de Deus (cf. *Rm 8,14*). É o Espírito Santo que estabelece a relação filial e prepara os corações humanos para o discernimento “a fim de que conheçamos os dons da graça de Deus” (*1Cor 2,12*). Ainda, no Espírito Santo, todas as coisas reveladas pelo Filho são guardadas e alimentadas pelo mesmo espírito. Pois, “se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará e a ela viremos e nele estabeleceremos morada” (*Jo 14,23*).

Encontram-se aí elementos sinalizadores do êxodo de Deus. Não se trata unicamente de um sair completamente de si mesmo, mas um estender-se de Deus no tempo e na história. Isto só adquire real compreensão com o suporte da fé pascal. Pois, o ressuscitado, o Filho amado revela a face do Pai, “quem me vê, vê o Pai” (cf. *Jo 14,9*). Assim, Jesus revela o Pai e transmite aos discípulos a verdade eterna como memorial vivo de sua presença no mundo. No Espírito Santo de Deus, a humanidade é partícipe com o Pai e o Filho. É o exercício de comunhão na graça de Deus. Esta dinâmica possibilita a restauração da humanidade nova. Viver nesse exercício da graça divina é deixar-se moldar pela ação misericordiosa de Deus. É responder à dinâmica da revelação num gesto amoroso como reconhecimento de sua presença. Trata-se uma antecipação do futuro, porque no amor e no exercício misericordioso, vive-se o hoje de Deus. O hoje de Deus é a agregação simultânea do passado e do futuro no instante presente. Esse é o milagre atualizador da revelação. Ainda, viver o hoje de Deus é ter consciência do memorial histórico da ação de Deus com a humanidade e ter consciência da promessa em vista da expectativa escatológica. Esta consciência, ao mesmo tempo, dá suporte e nutre a fé dos homens e das mulheres de todos os tempos.

Experienciar a graça de Deus é atualizar seu amor em meio à criação. Amar é estar atualizado no divino, pois, no amor, divino e humano se unem. Quem nos separará do amor de Deus (cf. *Rm 8,35*)? De alguma forma a pessoa já habita em Deus. A vivência amorosa concede esta garantia. É a dinâmica da revelação na convivência transformadora que assegura aos seguidores do ressuscitado a perseverança na trilha do Reino. Aquele que abandona todos os desejos do mundo e se abre para uma vida nova em Cristo Jesus, entra na dinâmica da revelação de Deus, deixando-se conduzir pelo Espírito Santo (cf. *Gl 5,16*). Esta é a dinâmica que realiza e liberta a pessoa, pois, a ação do Espírito capacita para a consciência responsável junto à criação e, ao mesmo tempo, solidifica a filiação divina.

2.3 Jesus e o Pai

Quando Jesus chama Deus de Pai (Mc 14,36), constata-se uma nova relação na linguagem da fé que, por sua vez, indicaria a origem primeira de tudo e de toda autoridade transcendente, e que, ao mesmo tempo, é bondade e amor para todos os seus filhos. Nesta condição de estreiteza de unidade com o Pai, Jesus revelou seu afeto filial chamando-O de *Abbá*⁹³. A expressão *Abbá* consegue transmitir o que Jesus Cristo sentia quando olhava para Deus. *Abbá* é uma das palavras mais densas de todo o Novo Testamento. Ela nos revela esse mistério íntimo e supremo da relação de Jesus com Deus. A expressão afetiva indica um grau inexprimível de intimidade e familiaridade com o Pai. Com esta palavra é possível abrir uma fresta na compreensão da dinâmica da revelação dos mistérios de Deus ao longo da história. Fresta que, num “processo de liberdade divina”⁹⁴ nos permite experienciar a ternura e o amor de Deus. Ao chamar Deus de Pai, Jesus nos revela o segredo de Seu ser único. Assim, a ternura paterna, o carinho, a relação de proximidade (cf. Is 66,13; Sl 131,2) indicam, em certo grau, uma imanência de Deus, uma relação de intimidade. Isso indica também que, “a revelação é feita na história progressivamente, em etapas, para a salvação de toda a humanidade”⁹⁵. Esses fatores sinalizam assim, uma dinâmica progressiva, comunicativa e reveladora de Deus.

Deus se revela eternamente em sua liberdade. Isto não significa que a pessoa humana usará da mesma liberdade a fim de, ao buscá-lo, inclinar-se-á a medir o mistério de Deus em seu ato de revelar, mas sim, num esforço humano, com toda consciência de suas próprias limitações, empenhar-se-á para entender as verdades teológicas no plano de Deus. Deste modo, as faculdades intelectivas do homem devem permanecer atentas à escuta e à percepção de Deus, interagindo com o mundo. Pois, uma teologia da revelação não pode deixar de ser uma atitude de profunda abertura e docilidade perante a ação de Deus, que se revela e surpreende a humanidade em todos os tempos. Mesmo em tempos de embriaguez racional e de ideologias materialistas e consumistas, onde a violência da opressão constitui o fator mais diretamente perceptível da ordem social e, objetivamente, cada vez menos sustentável, o homem deverá voltar-se à voz de Deus, meditando em si mesmo todas as suas necessidades e validando suas relações e filiação no mais profundo sentido do termo *Abbá*. Talvez, frente às

⁹³ LATOURELLE, R. e FISICHELLA, R. *Dicionário de Teologia Fundamental*, Abba, p. 33-34.

⁹⁴ FORTE, B. *Teologia da História*, ensaio sobre a revelação, início e a consumação, p. 51.

⁹⁵ LIBANIO, J.B. *Teologia da Revelação a partir da Modernidade*, p. 295.

várias faces religiosas do mundo, ouvindo e dialogando, a reflexão teológica cristã poderá ser gestora de uma ação perceptível da revelação de Deus e geradora de comunhão diante da diversidade.

Em meio à diversidade e a inventividade humana, o evento pascal não pode deixar de ser o centro da fé cristã. Ele eterniza aquilo que os profetas desde os tempos mais antigos anunciavam. Ele revela o Cristo Servo e o Cristo Senhor na mais pura fórmula interpretativa da história. Ele é o Senhor do ontem, do hoje e do futuro (cf. *Ap* 1, 8; 4,8; 11,17. Sinalizando o *Alfa e o Ômega*, cf. *Ap* 1,17; 2,8; 22,13). Ele é a chave interpretativa da Palavra que deve ser pregada em todos os recantos do universo. Com ele, a criação está voltada à eternidade, prenhe de Deus. Reconhecer que Jesus é o Senhor é, ao mesmo tempo, participar de sua majestade. Disto recorda-se também que “proclamar que Jesus é o Senhor e o Cristo significa afirmar que ele é Deus vivo, mediante o qual chegou a plenitude dada aos homens a salvação em cumprimento das promessas e Deus se torna presente de maneira única e definitiva”⁹⁶. Assim, o encontro com o ressuscitado é o referencial definidor e mediador da fé pascal. Ele traz em si as narrativas das aparições que são interpretadas e transmitidas na envergadura da mesma fé (cf. *ICor* 15,5-8; *Mc* 16,9-20; *Mt* 28,9s; *Lc* 24,13-53; *Jo* 20,14-29). Estes textos estão articulados, não a partir da vontade livre de seus autores, mas, na livre iniciativa de Deus que emerge como fruto do encontro. O encontro, por sua vez, é o catalisador da iniciativa livre e amorosa de Deus que, no ritmo do coração dos discípulos, floresce a solene profissão de fé: “Deus o ressuscitou dentre os mortos, e disso nós somos testemunhas” (*At* 3,15). Assim, o testemunho do evento pascal garante a memória viva das narrativas da vida de Jesus, e os relatos messiânicos projeta a comunidade, sustentada pela fé no ressuscitado, rumo ao futuro prometido. A ressurreição vivida e celebrada é em si mesma, a antecipação da Páscoa definitiva e a atualização da dinâmica da revelação divina.

Se todas as coisas foram reunidas no ressuscitado é porque Ele participa da história. Tem-se, portanto, a história de Deus e Deus na história. É a imanência assumida na transcendência. Em outras palavras, a imanência é um eterno ensaio da transcendência. Assim, a encarnação do Filho de Deus perpetua a aproximação amorosa entre criador e criatura. Nisto, a humanidade está num eterno exercício de misericórdia divina. Por isso, pode-se dizer que a história está inebriada de Deus por causa da Páscoa do Senhor. Esta não é um evento paralelo à história humana, mas a primeira contém a segunda. Tudo pertence à

⁹⁶ FORTE, B. *Jesus de Nazaré*, p. 328.

grande realidade cósmica, pois o evento pascal e a fé que Dele emana atrai tudo para Si e faz da história o palco do esplendor divino. Ainda, o evento pascal recria todas as condições favoráveis para que os homens e as mulheres de todos os tempos possam, ao mesmo tempo, viver e celebrar o memorial desde o êxodo de Deus no meio da criação até as últimas realidades da expectativa escatológica. Essa consciência histórica demonstra e faz reconhecer a presença atuante de Deus no Espírito Santo.

O mundo está prenhe de Deus e todas as realidades resplandecem a glória divina. É a aurora da história na dinâmica da revelação a partir do seio de Deus. Por isso, o novo sempre é possível no ressuscitado. Trata-se de uma fusão total e incondicional de toda a realidade sensível e inteligível das criaturas em vista da vida eterna que Nele já tem seu começo (cf. *Jo* 17,3). Com isto, a comunidade de fé vai vivendo e celebrando o mistério pascal no horizonte do “já” e do “ainda não”, na perspectiva da parusia⁹⁷. Enquanto se aguarda a vinda gloriosa, a comunidade cristã deve viver, com fidelidade, a fraternidade no amor. Assim, nesta expectativa do “*Maraná tha*” (cf. *1Cor* 16,22; *Ap* 22,20) alimenta, não só o que há de vir, mas também o que já está sendo gestado no coração humano desde a ressurreição. Desse modo é o novo de Deus no interior da fé pascal que dinamiza e situa a criatura humana, amada e escolhida, no horizonte da esperança, no encontro do Cristo que vem como fonte de vida nova para todos. Assim, crer na promessa é experiênciá-la no momento presente, isto é, no hoje de Deus.

Onde nasce a escatologia floresce a soteriologia. Realidades que não se separam. Ela são de compreensão e vivência testemunhal e perfazem a dinâmica da revelação de Deus. Pode-se dizer que a salvação não está meramente atribuída à escatologia, mas, seu efeito é antecipado na adesão livre e incondicional à comunhão com Cristo. Esta perspectiva teológica está profundamente enraizada nos textos de São Paulo, quando assim escreve: “sabendo que, enquanto habitamos neste corpo, estamos fora da nossa mansão, longe do Senhor, pois caminhamos pela fé e não pela visão... Sim, estamos cheio de desconfianças, e preferimos deixar a mansão deste corpo para ir morar junto ao Senhor”(2*Cor* 5,6-8). O texto sinaliza um grande desejo em estar com Cristo. Tal ansiedade, o apóstolo Paulo já demonstrava quando se dirigiu à comunidade de Filipos (cf. *Fl* 1,23) a fim de orientar a comunidade na expectativa da vinda do Senhor. Nesta mesma ansiosa expectativa, três séculos mais tarde, Santo

⁹⁷ Não se trata de uma determinação temporal, mas estar viver a constância da dinâmica reveladora de Deus, porque “quanto àquele dia e àquele hora, ninguém o sabe, nem mesmo os anjos do céu, mas somente o Pai”. (Mt 24,36). Na tese de Guimarães, P. B. se lê: “A parusia já se faz atual da eucaristia. Celebrar a eucaristia é entrar em contato seja com Jesus de Nazaré, seja com o Cristo glorioso”. Cf. em Guimarães, Pedro Brito. *Os sacramentos como atos eclesiais e proféticos*, p. 290. Cf. também em SCHEIDER, T. *Manual de Dogmática, vol II*. p.347.

Agostinho repetia tal desejo do íntimo humano: “fizeste-nos, Senhor, para ti, e o nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em ti”⁹⁸.

Essas expressões de fé caracterizam a dinâmica humana que está impulsionada a viver segundo o vínculo filial estabelecido no seio da criação. O nazareno firmou eternamente a paternidade e a fraternidade dos homens e das mulheres, como amados e preferidos de Deus. Esta ação do Espírito do Senhor que suscita a eterna sede humana do divino. Isso capacita à pessoa humana em sua busca incessante pela face de Deus. Os elementos salvíficos não estão em dependência total da escatologia, mas já podem ser experienciados em menor ou maior grau, no cotidiano da humanidade. Assim, o “aqui e agora” da vivência concreta daquele ou daquela que acolhe a proposta de salvação passa a experimentar, ainda neste mundo, as delícias do banquete divino. Esta alegria de comunhão significa estar com Cristo e, ao mesmo tempo, confessar a fé. Este vínculo atualiza o evento pascal e inaugura a cada momento o hoje de Deus num contínuo testemunho deste ato de amor. Então, o amor de Deus plasmado no coração humano o eleva e o faz partícipe das eternas alegrias na participação da comunhão dos mistérios da Trindade. Esta experiência íntima e profunda com o Senhor ressuscitado é fonte da novidade de Deus na dinâmica da revelação. Esta fonte de comunhão nutre a novidade de Deus no mundo. Tudo é novo, e a cada fração do tempo inaugura-se a novidade, o hoje eterno. Por isso, a morte, neste enfoque, torna-se mais dócil ao entendimento. Porque morrer, segundo a dinâmica reveladora da fé pascal, sinaliza dois referenciais: primeiro, no sentido positivo, morrer significa deixar-se renovar no Cristo; segundo, no sentido negativo, morrer significa rejeitar Cristo e tudo o que Dele provém.

Portanto a vida cristã adquire um perfil novo com base, não mais como prisioneiro deste mundo, mas como partícipe dos mistérios da ressurreição do Senhor, onde tudo é refeito, renovado, a pessoa é transformada em uma nova criatura. A morte, nesta perspectiva, é para ressuscitar. O sacramento do batismo inaugura esta realidade. Ele possibilita o ingresso na vida nova em Cristo Jesus (cf. *Rm* 6,4; *Cl* 2,12). Estabelece-se, assim, a relação filial com o Pai (cf. *Gl* 4,6) para residir na habitação de Deus no Espírito Santo (cf. *Ef* 2,22; *1Cor* 3,16; *IPd* 2,5). Esses textos referendam, ao mesmo tempo, a vida nova em Cristo, e a vida que decorre da fé pascal na comunidade. Isto também reflete a marca indelével que o Espírito Santo imprime no coração humano. Pois, “o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (*Rm* 5,5). Por isso, a dinâmica da revelação se realiza mediante o acolhimento da fé e na adesão fiel ao seguimento do ressuscitado.

⁹⁸ Santo Agostinho. *Confissões*, I, 1.

Os atributos da expectativa escatológica iniciam na vigilante e comprometida vivência da fé pascal no coração dos homens e das mulheres. Por outro lado, uma vida de abandono e de isolamento fragiliza e leva a pessoa ao fechamento transcendental e, conseqüentemente, à morte. Somente no acolhimento da gratuidade amorosa de Deus pode a pessoa humana ser regenerada e reintegrada no plano salvífico. Dessa forma, o renascimento pleno da humanidade se processa no dinamismo da total adesão a Cristo. A expressão “morrer para estar com Cristo” (cf. *Lc* 23,42; *2Cor* 5,6-8 e *Fl* 1,23) significa morrer para a vontade humana, morrer para o limite e morrer para si, ou seja, deixar Deus ser na pessoa humana, Deus agir no humano de forma plena até à consumação de tudo. São Paulo ilustra bem com sua profissão de fé e testemunho: “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”(Gl 2, 20). “Estar com Cristo” (cf. *Fl* 1,23; *ITs* 5,10; *Rm* 14,8; *Cl* 3,3 etc.), no horizonte cristológico, evoca a participação com Ele em todas as realidades, pois, Ele é o mesmo ontem, hoje e sempre (cf. *Hb* 13, 8). Desse modo, “estar com Cristo” sinaliza não somente uma presença com o redentor no Reino de Deus, mas uma íntima e total relação de vida testemunhal no espaço terreno da existência. Significa de igual modo, viver intensiva e fraternalmente na base da revelação redentora. É, portanto, participar de sua eternidade mediante o Espírito Santo. Esta compreensão deve ser entendida como doação e revelação da auto-comunicação amorosa de Deus. É entrar na dinâmica da superação do “eu” em vista da comunhão universal da bondade de Deus, da comunhão interpessoal e da identidade do discipulado. Viver esta comunhão é abrir-se à dinâmica da revelação de Deus numa profunda escuta da Palavra e de seu significado. Por conseguinte, é estar em comunhão com a Igreja, vínculo eterno da unidade divina e humana.

A Aliança com Moisés é um referencial da auto-comunicação amorosa de Deus no Antigo Testamento. Ela é a atualização do êxodo da linguagem de Deus. Deus fala, se comunica e estabelece um acordo, uma aliança. Esta intensifica o relacionamento humano-divino e normatiza na forma dos mandamentos (cf. *Ex* 20 1-17 e *Dt* 5, 1-21) a vida de seu povo. Este princípio de normas da fé de nossos pais perpassou os séculos seguintes na preparação da vinda do Messias. As profecias e a certeza da presença de Deus, no meio de seu povo, sustentaram a expectativa messiânica. As profecias, desse modo, atingem o escopo no evento Jesus. Ele cumpre as Escrituras (*1Cor* 15,3s). Em Jesus, não só a linguagem da Palavra é atualizada, mas própria aliança, a promessa adquire sua plenitude no Filho. Assim, no Messias, Deus realiza o que antecipadamente foi “anunciado pela boca dos profetas”(cf. *At* 3,18 e 26,22). O tempo novo é inaugurado na encarnação e selado na ressurreição. O tempo da espera da primeira vinda foi encerrado. Agora o crente deverá escutar atentamente a fala

do mensageiro de Deus: “homens da Galiléia, por que estais a olhar para o céu? Este Jesus, que foi arrebatado dentre vós para o céus, assim virá, do mesmo modo como o vistes partir para o céu”(cf. *At* 1, 11; 3, 20-22 e 17,31). A perspectiva do Senhor ressuscitado remete, na boca do interlocutor, a instâncias da fé pascal em duas esferas de tempo: primeiro, o impacto do presente, o “já” da realização da promessa com a ressurreição do Senhor; segundo, no horizonte escatológico, o devir do Senhor (cf. *Ap* 20,20). A parusia é o horizonte salvífico, onde tudo e todos se voltam numa profunda e intensiva abertura de acolhimento, daquilo que atualiza na vida pessoal e comunitária na dinâmica da revelação. Significa a eternidade, no Espírito do Senhor, que inaugura o novo de Deus naqueles que vão se deixando moldar na quénose da fé pascal.

A fé no Cristo ressuscitado traz o princípio da liberdade, pois, “quem Nele crê não é julgado; quem não crê já está julgado, porque não creu no nome do Filho único de Deus” (cf. *Jo* 3,18). Crer é um ato de graça e liberdade. Com a mensagem de Jesus resgata-se a ética da liberdade universal como princípio de misericórdia na pessoa. Crer no Cristo é superar aquela perspectiva cêntrica da razão e concepções filosóficas ajuizadas na vontade livre. A liberdade está desapegada da razão e da vontade. Ela está nutrida no amor. Esta é razão fundamental capaz de atualizar a Aliança. Somente o amor liberta dos condicionamentos sujeitos ao puro pensar humano. A liberdade consiste, portanto, na radicalidade das exigências do seguimento do Filho. Ele é a oferta divina em vista da redenção humana. Acolher esta oferta de amor é tornar-se testemunha responsável da dádiva de Deus no humano. Crer no Primogênito é também a adesão fiel e radical em vista da garantia de pertença ao Reino dos céus. Assim, mesmo vivendo na temporalidade, deve o fiel ter consciência de sua nobre missão de filho amado de Deus, na dinâmica de atualização da linguagem divina, que revela o amor do Criador à humanidade.

2.4 O caráter do encontro e da ética

Jesus é a referência do encontro da pessoa consigo mesma, com seu semelhante, com a natureza e com Deus. Toda a concepção de salvação trazida por Jesus se sustenta nesta harmonia relacional. Ela traz em si o princípio comunal da Trindade. O sonho do encontro está posto à criação. Não mais a categoria da dominação, mas o princípio de relações de zelo, de responsabilidade e de fraternidade. Em Jesus inaugura-se o encontro das criaturas com o Criador. A dinâmica da revelação sustenta as relações no núcleo do encontro. O Filho é o

mediador do Pai que, por amor, refaz todas as coisas. A começar pela inclusão de todos à redenção. A ética do encontro alarga os homens e as mulheres para a aptidão de Deus. O encontro deve ser espaço de revelação. Deus se dá a conhecer nesta dinâmica. Por isso, a categoria do encontro deve ser celebrada como este intuito de Deus que está presente e deseja se revelar. Celebrar o encontro é acolhimento e reconhecimento. Acolher o que Deus tem a revelar é, ao mesmo tempo, reconhecer que Deus tem o outro como instrumento de graça e bondade capaz de mostrar seus mistérios divinos.

O ambiente ético do encontro consiste no reconhecimento dos talentos com que os homens e as mulheres são agraciados. Estes talentos são específicos, isto é, cada um recebe um dom especial. Esta é a riqueza divina na humanidade. A clareza da dinâmica reveladora de Deus consiste na consciência desse memorial vivo do encontro capaz de revelar o amor de Deus por meio do outro na expectativa das verdades últimas. Por isso, o encontro deve ser celebrado como laço fraterno e vínculo divino no humano. Deste modo, “a forma humana de Deus na revelação que alia-se à forma divina do homem, produzida pelo Espírito como fruto e, ao mesmo tempo, condição sobrenatural desse encontro.”⁹⁹ Disso dois referenciais são sinalizados aqui: um através experiência humana da autocomunicação divina e o outro através da celebração do evento como momento sagrado na história. Esse, por sua vez, pode ser entendido como realidade sacramental da ação amorosa de Deus ao mostrar-se face a face no seio da humanidade. É Deus mesmo o sujeito do encontro experienciado na história. Assim, o ambiente celebrativo tem seu qualificativo na comunhão, no diálogo e na escuta. Não pode-se negar aqui também, o caráter transcendental das situações aqui relacionadas: experiência pessoal e experiência celebrativa comunitária. Elas formam o vínculo de comunhão do encontro. Como pode ser elucidada a experiência humana da auto-comunicação divina?

A palavra “experiência” contribui enormemente para sinalizar com largueza o horizonte do seu significado. Trata-se de um profundo sair de si, ousar, ariscar, tomar a iniciativa, enfim, abrir-se à categoria transcendental. É acolher o encontro intuitivo da complexidade experiencial. No encontro, inaugura-se, deste modo, o instante de abertura. A ousadia e a criatividade se socializam. Portanto, o encontro deve gerar espírito de ousadia capaz de, ao mesmo tempo, ir ao outro e acolher o outro com responsabilidade ética sem fundir o diverso. Esta ousadia do encontro como outro gera realidade reveladora. É sair de si, lançando-se para fora. A categoria do encontro imprime conhecimento, partilha e eleva a alteridade. Assim, a compreensão do significado desta experiência remete aos atributos

⁹⁹ FORTE, B. *Teologia da História*, ensaio sobre a revelação, início e a consumação, p. 194.

essenciais dos sujeitos do encontro, como arriscar-se, ousar ou, até mesmo, atravessar uma realidade estranha, desconhecida numa profunda tentativa de exploração imediata do saber na teia complexa do relacionamento gerador de comunhão. Mas porque o outro é tão importante?

A experiência é profundamente responsável pela formação humana na realidade testada na eterna busca do outro. Deve se dizer também que “nada” permanece fora do rol da experiência. Trata-se, portanto, do caráter existencial e todas as suas implicações. O fruto da experiência humana do encontro tem valor inexprimível e a propriedade essencial é gerar comunhão. Ele é o demonstrativo primeiro desta relação. Por ele são exteriorizadas realidades intrínsecas que só o encontro honesto e gratuito pode proporcionar. Não se trata de uma motivação terapêutica em vista do encontro, ela é anterior à definição possível de encontro. Este está no núcleo constitutivo da pessoa. Realidade ontológica que dá suporte à busca incessante do outro como lugar de relacionamento e revelação. Assim, o terreno da revelação perfaz o caminho anelado no encontro, que funde valores do esplendor da alma, como nutriente necessário à comunhão e à partilha.

O encontro é uma celebração. Isso se dinamiza tanto na experiência pessoal como na comunitária. Estas atingem o horizonte celebrativo, porque tocam nas verdades últimas da auto-comunicação divina. Trata-se do reconhecimento qualitativo do outro, enquanto outro, daquelas condições de possibilidade em experienciar o esplendor da face do outro no interior da dinâmica do encontro. Esta experiência é fonte geradora de revelação. Assim, o outro, em sua identidade única é realidade mediadora da revelação amorosa de Deus, mesmo que isso não tenha atingido graus de inteligibilidade consciente. Isto porque o encontro processa realidades e sintetiza narrações que desvelam o ser num grau elevado de liberdade e de dignidade. Neste horizonte está o núcleo da mensagem da fé pascal. O encontro é evocado como lugar preferencial da dinâmica da revelação “pois, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles”(Mt 18,20).

Esse referencial é um demonstrativo de que a revelação em Cristo Jesus ressuscitado está contemporaneamente unida à fé e no encontro como garantia da continuidade da comunidade cristã. Deus é a presença real na gratuidade do encontro. Ele é a garantia de comunhão como suporte necessário às relações fraternas que se estabelecem, fundamento da comunidade-Igreja e de toda a sociedade. Essa complexidade de resultados, de experiências e de relações não são frutos da elaboração humana, mas do reconhecimento da ação amorosa, gratuita e reveladora de Deus, interagindo no encontro de comunhão entre os homens e as mulheres. Isto é fruto da ação do Espírito Santo, o Paráclito, enviado ao núcleo da vida

humana a fim de dar-lhe toda liberdade. Pois, “onde se acha o Espírito do Senhor aí está a liberdade” (2Cor 3,17).

Por essa razão, a liberdade participa da teia de relações em busca do encontro celebrativo da vida em vista da abertura teologal. A cada instante em que a pessoa humana se abre ao transcendente, renasce a possibilidade do borbulhar da experiência relacional voltada ao encontro fraterno e ao exercício da liberdade como pessoa nova. Desta forma, o encontro é realidade reveladora e renovadora da pessoa. Os homens e as mulheres estão eternamente postos a um nascer de novo enquanto partícipes íntegros do encontro. Pois no encontro a pessoa é renovada e “quem não nascer do alto não pode entrar no Reino de Deus” (Jo 3,5). Este nascer do alto é fruto testemunhal do encontro e das relações que possibilitam a presença amorosa de Deus através das mediações de palavras e de gestos daquele que vive e atualiza constantemente sua fé no evento pascal.

Aquele que renasce na graça do Espírito e se deixa transformar num instrumento da auto-comunicação divina se torna criatura nova. É Deus que toma a iniciativa e é o gestor do encontro. Por esta razão, o encontro sincero e honesto adquire base sacramental. Ele reconhece a face do outro como reflexo da face do criador. É referencial das mediações que revelam, no ritmo das realidades históricas, o plano de Deus. A Igreja, enquanto realidade divina e terrena, representa o mistério do encontro em sua forma comunitária, sacramental, litúrgica e celebrativa. Ela é o poder agregador do povo de Deus no Cristo Jesus pelo Espírito Santo. Assim, a Igreja é o lugar primordial da revelação. Ela é o instrumento mediado de Deus. Os sinais, os gestos e as palavras são experienciados na forma testemunhal da escuta da Palavra na participação dos sacramentos da vida eclesial. Este é o caminho do encontro, o caminho do Espírito, em vista de que “Deus seja tudo em todos” (cf. 1Cor 15,28), no evento da consumação.

Sobre a ideia da consumação é importante fazer algumas observações para um melhor entendimento da reflexão sobre as realidades últimas. A primeira observação se refere ao qualificativo da ideia. Não se trata de uma negação da realidade criada, ou sua demolição em meio ao caos do mundo, mas, de uma profunda restauração da obra criada no hoje de Deus. A segunda observação refere-se à fé pascal, entendida dentro da dinâmica amorosa de Deus na eficácia do Espírito, no “já” da obra divina e no “ainda não” da redenção. Isto reforça o empenho humano em acolher o valor espiritual e a ação divina presentes no mundo inaugurado a cada instante para os homens e as mulheres, como realidades novas e motivadoras, que antecipam a consumação em conexão com a essência escatológica. Neste sentido, a essência escatológica é, em pleno sentido da expressão, o esforço para a vivência

cada vez mais aproximada da humanidade com seu criador. A escatologia não poderá, por si só, acrescentar nada à redenção a não ser o que já está presente no evento Jesus. Por isso, a escatologia deveria unir-se à teologia da criação e todo o esplendor da revelação, a fim suscitar maior responsabilidade para com o futuro frente às urgências do tempo presente.

O enunciado não remete ao acaso do evoluir da história, ou do cristianismo como se a vida não estivesse ameaçada. Deve-se, no entanto, compreender o jogo de forças existente na história que influencia avanços e retrocessos. Somente a conversão, associada a uma adesão livre e amorosa inerente ao coração humano, poderá gerar realidade nova, destilada na base dos valores agregados e revelados no interior da dinâmica dos processos históricos. Este raciocínio colabora e reforça a ação da eficácia do Espírito de Deus, agindo no meio do mundo como suporta da fé dos homens e mulheres. Trata-se, portanto, de um amadurecimento lúcido da fé que se crê, enquanto graça e dom, definida como *fides qua*¹⁰⁰. Na mesma perspectiva, a fé é entendida e definida como substrato do evento divino realizador de tudo em todos e sua mensagem como conteúdo (*fides quae*) no horizonte da redenção. Assim, pode-se dizer que o Deus êxodo sofreu a história em vista da dinâmica da auto-comunicação reveladora da misericórdia. Não se trata apenas de um otimismo humano, mas, de um convite direto à mudança de vida em vista do seguimento ao Senhor ressuscitado no serviço aos irmãos. Isto também pode ser interpretado como o carregar a própria cruz naquelas circunstâncias pessoais e comunitária em vista da comunhão capacitadora de transformação e de liberdade.

Assim, as promessas escatológicas, elucidadas nas Sagradas Escrituras reforçam este horizonte e, ao mesmo tempo, impelem os cristãos na busca incondicional da identificação dos mundos na perspectiva do “já” e do “ainda não”. Isso pode ser associado à categoria do encontro, ligando o serviço, a solidariedade fraterna e a promoção humana em vista do encontro definitivo com Deus. Crer na promessa de Jesus é, ao mesmo tempo, ousar em percorrer caminhos convergentes e divergentes, desafiando todas as aventuras da história por causa da fé pascal. É viver o “já” em sua total radicalidade no horizonte escatológico do “ainda não”. Esta dinâmica deverá comprometer os cristãos numa cuidadosa e qualificadora atitude relacionada ao desenvolvimento humano em suas políticas de sustentabilidade, em vista da ordenação equitativa da distribuição dos bens, como base da dignidade humana e suas relações fraternas na edificação dos valores do Reino no mundo. Desta forma, conquistar-se-

¹⁰⁰ A *fides qua* se refere ao ato de fé realizado pelo sujeito, uma decisão pessoal de assentimento a uma realidade que se lhe apresenta. Se a *fides qua* está fundamentada na experiência de Deus, ela ganha em solidez. Para uma exposição mais detalhada confira também em EICHER, P. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia, Fé*. p. 307.

ia níveis de sociabilidade fraterna na base de uma ética e de uma espiritualidade voltada ao bem de todos e, ao mesmo tempo, garantir-se-ia a abertura transcendental na dinâmica da autocomunicação amorosa de Deus.

Assim, o demonstrado e o que segue poder ser classificado como “escatologia intermediária”¹⁰¹ Esta fase intermediária encontra seu escopo no evento Jesus, pois, o que em torno dele decorre, torna-se chave interpretativa da plena revelação de Deus, como condição de possibilidade para a humanidade compreender o hoje de Deus no universo criado. Nenhuma ação em torno do evento Jesus pode ser entendida como arbitrária, mas como gratuidade amorosa de Deus que, no amor tem a iniciativa. Desta feita, o encontro da divindade com o mundo criado marca a participação das criaturas nas promessas realizadas pela liberdade do Filho Redentor. É Deus mesmo que, em sua bondade, reconcilia todo o universo criado, “pois nele aprouve a Deus fazer habitar toda a plenitude e reconciliar por meio dele e para ele todos os seres, os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo sangue da sua cruz” (*Cl* 1,19s). Assim, “os novos séculos e a nova terra” (cf. *Is* 65, 17-21; 66,22; *2Pd* 3,13; *Ap* 21,1), devem ser entendidos à luz da fé pascal como realização da Trindade. Esse vínculo, divino-humano, experimentado na comunhão interpessoal, mediante a eficácia da ação do Espírito Santo de Deus, como presença que cria e, ao mesmo tempo, inaugura eternamente a novidade do Reino.

2.5 O caráter da autenticidade

A fé no Ressuscitado é o centro da vida cristã. Ela dilatou os horizontes históricos, imprimindo marcas profundas de santidade em todos os tempos. A comunidade cristã rompe fronteiras. Desde os primeiros séculos da era cristã são registrados grande avanços na cultura, na economia, na educação entre outros. O espírito religioso legou grandes missionários e pregadores na dinâmica da revelação. O desapego desempenhou papel importante na perspectiva missionária e na mobilidade humana em nome do nazareno. Trata-se do reconhecimento dado ao evento como a virada de época, onde confessar fé, no mesmo Deus, comporta uma “ideia força” capaz de gerir motivações radicais de vida. Na lucidez e na vivacidade da pregação dos primeiros séculos, o cristianismo legou testemunhos à humanidade, em obras de produção teológica e uma vasta galeria de santas e santos. O Cristo

¹⁰¹ SANTOS, Eduardo da Silva. *A Ressurreição da carne*, p. 34-35. Outro bom comentário traz também essa temática. Cf. em LA DUE, William J. *O Guia Trinitário para a escatologia*, p. 103.

Ressuscitado é plena verdade e crer Nele é estar com Ele. Esta é a razão primeira que amplia a visão cristã, porque ela comporta em si a expectativa escatológica, capaz de transformar a realidade presente, voltando-se à realidade futura. É semelhante ao que popularmente se ouve: “o melhor ainda não veio”. É o horizonte da esperança que, numa Igreja nascente, confessa aquilo que gesta. Este é o princípio eclesial da fraternidade humana gerida na base dos primeiros cristãos (cf. *At* 2. 42s). Muitos modelos de comunidades surgiram no testemunho autêntico do Ressuscitado que determinaram a formação eclesial. Não se pode ignorar todo o drama das turbulências e perseguições aos cristãos e as manobras políticas e econômicas que circundaram os ambientes eclesiais. Mas isso não constituiu o eixo catalizador desta reflexão. Aqui se deseja refletir sobre os momentos edificantes da vida de fé dos homens e das mulheres, da comunidade cristã, na perspectiva da dinâmica da revelação.

A questão é não perder o foco. Esta percepção marca o cristianismo. Desde as primeiras aparições de Jesus ressuscitado até o último “amém” professado no instante atual, testifica-se a fé pascal. Isto prova que “a Igreja é a palavra da verdade plenamente proclamada, celebrada e vivida: o princípio da suficiência eclesial afirma que a totalidade da salvação a habita”¹⁰². Este testemunho vivo garante o ardente zelo e amor pela Igreja. Ela é o espaço acolhedor das interfaces do mundo sofrido que está encarregada a resgatar. Neste espaço deve-se gerar comunhão, por que “a experiência de Cristo é também a experiência da profundidade e da verdade de tudo o que existe”¹⁰³. Esta consciência alarga a perspectiva na superação das “fronteiras religiosas” para completar a dinâmica da revelação, no esplendor da criação. Por que esse é o sentido profundo da comunidade cristã como chave hermenêutica na busca constante da inspiração reveladora de Deus oferecida no Cristo ressuscitado.

Romper os limites ideológicos do mundo é garantir a abertura necessária para as mediações da ‘*re-velatio*’ ou da ‘*Offenbarung*’ na perspectiva de inebriar o mundo do horizonte de sentido. Isto não é abstração, mas conclusão de sentido e designificado fundamental da vida humana na qualidade de partícipe integral no amor de Deus. É garantia do abrir-se à revelação de Deus, numa autêntica resposta humana no seguimento do Filho frente aos dramas do mundo. Este é o embalo da dialética que borbulha no interior do cristianismo. Ou seja, são estruturas de forças políticas, econômicas, culturais, ideológicas, e até de instituições, que pressionam o existir cristão a um ‘teste de fogo’. É o peso da cruz de cada tempo histórico. Neste sentido, o gemido e o silêncio que testemunham a eternidade do bem. A Palavra garante o pão nutritivo do ideal, do sonho. A ética garante a inseparabilidade

¹⁰² FORTE, B. *Teologia em diálogo*, p. 29.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 30.

do Cristo de Deus. Estes e tantos outros evocativos pulsam o crer humano em vista da garantia da alteridade e da dignidade dos homens e das mulheres que constroem a história à luz do sonho de Deus.

Portanto, a compreensão a respeito da realidade revelada não constitui instantes da manifestação divina, e muito menos uma captura mental de uma “arca” despedaçada. Deus é a antecipação de qualquer possibilidade humana. Nele está inaugurado desde todo o sempre o sorriso da história, bem como de toda razão humana que possa ser produto de indagações constantes na tentativa da escuta reveladora e do potencial capaz do transcendente. Assim, Deus se revela quando à pessoa se abre à escuta livre e honesta da palavra sob o suporte da fé. É a fé incondicional, desinteressada que impulsiona o ser humano na audácia do encontro com Deus num ato puro de liberdade. Tal intuição já fora elemento essencial no testemunho paulino: “agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face. Agora meu conhecimento é limitado, mas, depois, conhecerei como sou conhecido” (1Cor 13, 12). Os momentos vivenciados na fé não são estanques. Do mesmo modo “em Jesus Cristo o momento teórico e o momento ético são inseparáveis”¹⁰⁴. É a totalidade da pessoa que integra o plano salvífico e não instantes ou fragmentos. Esta integridade ética é garantida nas mediações testificadoras do evangelho. Dentro desta compreensão, o testemunho é a habitação da Palavra como garantia ética e como mediação permanente da revelação. Isto abre a categoria essencial “do outro transcendente que se revela e convoca, e do outro próximo, imediato ou remoto, ao qual a revelação da alteridade divina destina o coração de quem crê”¹⁰⁵.

No tocante a todas as variantes constitutivas da humanidade, pelo menos uma é comum. A dignidade é a senha comum da humanidade. Sob esta plataforma se apoiam todos os valores relativos ao ser e ao agir da pessoa. Isto implica dizer que a liberdade, os direitos e os deveres, as crenças e as religiões, dependem necessariamente da garantia e do respeito da dignidade como senha comum da sobrevivência humana. Somente sobre esta plataforma comum poderá a comunidade humana construir uma ética do respeito, do zelo pela natureza, pelo outro numa atitude de escuta e amor fraterno. Esta concepção dialética das relações edifica a audácia de ouvir a fala do coração do outro, como palavra do coração de Deus. Assim, a revelação cristã garante a dignidade humana, bem como sua abertura ao transcendente. Pois a ética e a fraternidade garantem a liberdade da fé e o encontro vivo e transformador com o Senhor ressuscitado.

¹⁰⁴ FORTE, B. *Teologia em diálogo*, p. 35.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 35.

Assim, a fé como dádiva revelada não entra em conflito com a história mundana. Ela emerge da consciência de que não será um modelo fincado nos pilares da esterilidade cética e relativista. A fé é realidade revelada e mediada de modo sempre novo. Fé e Palavra se exigem. A Palavra é o conteúdo da fé e, nesta compreensão, a fé é o espírito renovador desta mesma palavra aberta à novidade transcendente. Isto possibilita o caráter da ética, pois subsiste no interior da Palavra revelada. Nesta perspectiva “são homens, crentes dentro de determinada tradição de experiência, que levam à linguagem esse agir de Deus: fazer tornar-se palavra; só assim podemos, e neste caso com razão e direito, falar de palavra de Deus”¹⁰⁶. A reflexão da fé, como conteúdo revelado, garante a existência da teologia. Este é o princípio da fidelidade anelante existente entre a história da revelação e do mundo vindouro. A honestidade testemunhal da fé “será um dizer o advento com as palavras do êxodo e um preencher o caminho exodal das pessoas com o impacto do advento da Transcendência; um pensar o êxodo humano enquanto divino, enquanto mediado pelas palavras e pelos eventos da condição humana”¹⁰⁷. Sob este encontro, a teologia pode trilhar em companhia da revelação, mesmo na história, pois a consciência da memória histórica também está acolhida no amor de Deus. Deste modo, o verdadeiro testemunho da fé cristã coincide com reconhecimento da alteridade também como realidade mediadora de revelação, pois “quem ama reconhece o outro enquanto outro e tende a tornar-se um com ele”¹⁰⁸, por causa da interrelação das interfaces no encontro. Neste caso, Deus está representação na face do amor.

Portanto, o caráter envolvente e comprometedor da dinâmica da revelação deve recordar o memorial da fé pascal. Neste impulso, “a palavra sobre Deus e sobre o ser humano, de Deus com o ser humano e do ser humano com Deus na profecia da vida vindoura e nova”¹⁰⁹, possibilita fidelidade à escuta de maneira sempre nova no tocante à fala de Deus. A fidelidade capacita o exercício da liberdade e aproxima as realidades do “já” e do “ainda não”. Nisto, a fidelidade à escuta e a vivência da Palavra de Deus estabelece um vínculo cada vez mais estreito com o futuro último da condição humana. Esta é a condição de todo aquele que crê e se põe a caminho no Mistério revelado num esforço professo em vista da compreensão sempre mais apurada da autenticidade da fé. Este esforço autêntico deve ser fruto da gratuidade e do amor. A história é a dinâmica da criação e, “à medida que trata de um Deus vivo e que sua ação sustenta o homem através do dinamismo cósmico e histórico, essa relação acontece, muda e se multiplica; e à medida que essa mudança afeta o homem como sujeito

¹⁰⁶ SCHILLEBEECKX, E. *História humana*. Revelação de Deus, p. 32.

¹⁰⁷ FORTE, B. *Teologia em diálogo*, p. 40.

¹⁰⁸ Idem. *A Teologia como companhia*, memória e profecia, p. 49.

¹⁰⁹ Idem. *Teologia em diálogo*, p. 41.

religioso, produz-se a revelação como história viva e sempre em mudança”¹¹⁰. Por isso, Deus é o Senhor da revelação e da história, na pura dinâmica exodal que acolhe a todos no silêncio e na palavra em vista da acessibilidade humana ao coração divino.

A pessoa humana é o destino receptivo que deverá acolher a revelação amorosa de Deus no Espírito Santo. É este Espírito que tudo de Deus conhece e habilita o coração humano para os mistérios eternos. A pessoa, enquanto destinatário do mistério de Deus, vive a condição, não de êxodo, mas ainda de advento, isto é, capaz de Deus. O Espírito Santo, como Paráclito do Pai, desperto os homens e das mulheres para o êxodo, para o florescer fraternal. Trata-se, na fé paulina, do acolhimento das dádivas do céu, pois “não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, a fim de conhecermos os dons da graça de Deus” (1Cor 2, 9-12). Assim, Deus se dá a conhecer e revela os mistérios a todos que vão aderindo seguir o Filho amado. Pela ação ministerial dos homens e das mulheres é edificada a obra de Deus em sua Igreja e, ao mesmo tempo, o ressuscitado é testemunhado por toda parte (cf. At 1, 8). Do mesmo modo, o louvor e o agradecimento é celebrado na memória viva da Palavra presente em suas vidas (cf. Jo 14, 26). Verifica-se assim a dinâmica da atualização da graça de Deus no meio do mundo no testemunho daqueles que seguem o Cristo (cf. 15, 26). Testemunho este firmado no zelo apostólico que colabora na sustentação da Igreja, porque o enviado do Pai está presente desde o princípio (cf. Jo 15, 27) e enviou ao mundo o Espírito Santo para revelar e atualizar todas as coisas. Nele todos os fiéis constroem “um edifício espiritual, um sacerdócio santo”(IPd 2,5) movidos pela ação amorosa de Deus no mesmo Espírito a permanecerem fiéis à Boa Nova em vista da expectativa escatológica. Ao mesmo tempo em que esclarece todas as coisas aos que vão crendo, congrega-os numa comunidade de fé, como testemunhas fiéis na irmandade universal.

Essa via da fraternidade revela o Mistério amoroso de Deus vivo naqueles que escutam a Palavra e a vivem como sacramento de salvação. Este é o primado da Palavra do Filho que nutre a fé e gera diálogo na comunicação dos dons do êxodo de Deus meio às diversidades do mundo, onde a bondade eterna ainda precisa ser conhecida. Assim, a fé pascal esclarece o crente, ao mesmo tempo, em que articula formas de agregar para gerar comunhão no Pai e no Filho através da força viva e dinâmica do Espírito Santo. Não se trata de uma teoria de fé elaborada nas estruturas lógicas dos conceitos, mas sim de uma ação orgânica, viva e real do amor de Deus, transformando o mundo a partir da experiência profunda de oração dos homens e das mulheres desde o advento de Deus como realidade constitutiva da Criação. Revelam-se

¹¹⁰ QUEIRUGA, A. T. *A revelação de Deus na realização humana*, p. 156.

assim o vínculo e os laços divinos no mundo criado, no tempo e no espaço. Estas são realidades e experiências da fé no êxodo de Deus capazes à inteligência e ao coração humano. Não se trata aqui de uma exclusividade da *theologia viatorum* para assegurar-se conceitualmente da ação amorosa de Deus, mas dar a esse instante de graça a oportunidade humana em fazer uma experiência do amor divino no cotidiano dos homens e das mulheres. Por isso, “a teologia, pensamento de fé, torna-se, pois, pensamento da sua companhia, consciência reflexiva da comunhão, do testemunho e do serviço dos que estão a caminho da Jerusalém prometida: *theologia viatorum*”¹¹¹. Assim, este acesso deve romper e relativizar as dúvidas do mundo frente à revelação e gerar compromisso humano no empenho de uma ética da vida e de toda a criação. Isto deve possibilitar também o afastamento do medo, grande empecilho da ousadia criativa e inventiva humana, a fim de dinamizar espaços de comunhão com o divino no coração da fraternidade humana.

2.6 Consequências teológico-pastorais

A linguagem da fé no Cristo ressuscitado é suporte seguro para a comunidade. Ela liberta de todas as ambiguidades do mundo. O acesso ao mistério de Deus encontra seu rumo na comunidade em torno do altar. Na celebração litúrgica se realiza o milagre da presença amorosa de Deus. A comunidade reunida é princípio de unidade de fé e da esperança. Aí está Deus, o revelado pela boca dos profetas, o Deus feito carne, realmente presença mediadora capaz de atrair todos para si. Ali mesmo o coração do adorador é habilitado à comunicabilidade mais profunda no Deus presente. As palavras, os gestos e os homens e as mulheres constituem os elementos essenciais que participam do êxodo de Deus se revelando no coração da comunidade. Esta fé só pode ser captada pela graça de Deus. À luz da fé no ressuscitado pode a comunidade comungar desta eficácia humana na experiência amorosa e na dinâmica do Deus revelador de bondades.

Essa dinâmica eclesial e profética da fé pascal é, ao mesmo tempo, memória viva e expectativa do que há de vir no núcleo celebrativo do momento presente. A escuta da Palavra é ação mediadora da revelação de Deus no interior da comunidade em busca da unidade de fé no reconhecimento da presença divina no mundo, pela força do Espírito Santo. Este é um discernimento necessário da fé e da esperança num apelo pastoral em meio ao borbulhar

¹¹¹ FORTE, B. *A Teologia como companhia*, memória e profecia, p. 60.

social e religioso em que vive a humanidade. Nota-se uma urgência em refletir a dimensão do sagrado como realidade constitutiva da pessoa, a fim de sinalizar o amor de Deus se revelando no coração humano. Este é o grande esforço de comunhão capaz de gerar garantias necessárias à dignidade humana, como chave comum de solidariedade e sobrevivência global.

O esforço humano na observância da Palavra não lhe garante a salvação, pois esta é dom e oferta amorosa de Deus. A Palavra, na dinâmica da linguagem, prepara a criatura para acolher esta oferta gratuita do Criador. O mistério revelador na Palavra de Deus gera o que se classifica como poder de escolha. Assim, entende-se que a salvação deve ser parte do querer humano. A pessoa, e aqui se vincula um grau de consciência, deve ter o desejo de ser salva. A salvação não é fruto da unicamente da vontade humana, mas dom oferecido por Deus. O núcleo da Palavra se encontra o propósito de Deus em oferecer oportunidades à pessoa em sua condição. Deus oferece a graça salvífica eternamente na história dos homens e das mulheres como suporte de redenção por meio de sua Palavra. Por isso, a história “é o palco do agir salvífico de Deus e por mediação dos homens¹¹²”, possibilita a instauração do Reino definitivo a partir desse mundo. Por isso, toda fala humana sobre Deus e toda pronúncia da Palavra divina deve considerar sempre o próprio Deus como fonte prévia desse esforço. A iniciativa é divina, e a historicidade do sonho de Deus passa pela mediação da linguagem religiosa e eclesial.

A linguagem teológica precisa ter sempre essa abertura consciente da dinâmica da Palavra, pois a história tem sua concretude na linguagem. Ela é o espírito da história desde o êxodo de Deus que, nas interfaces da linguagem, armazena as imagens e as cosmovisões de todos os tempos num grande memorial eterno. Assim, a Palavra contém as condições de factibilidades dos infinitos projetos e sonhos de Deus remetidos por amor e graça à história. Nesta perspectiva se pode encontrar a novidade divina na Palavra, a inventividade como realidade criativa e amorosa de Deus no mundo. É a certeza de fé para que se possa seguir em frente à luz da Palavra mesma. Porque a Palavra exige experiência, envolvimento, comprometimento, responsabilidade, como princípio ético e solidário com toda a realidade criada. Neste sentido, toda experiência humana à luz da Palavra exprime linguagem e revelação na dinâmica do êxodo de Deus. Esta experiência humana à luz da Palavra constitui o elo revelador e mediador de Deus na história. Isto se traduz como a sedenta busca humana da verdade, do bem, da justiça e da liberdade.

¹¹² SCHILLEBEECKX, E. *História Humana*, revelação de Deus, p. 30.

A linguagem da Palavra encontra seu espaço realizador no culto ao criador e nas boas obras reveladas desde seu êxodo de Deus. A vida eclesial e a práxis dos crentes narram a fé de forma a tematizar explicitamente os planos de Deus no rumo da história. Todavia, fé e revelação se exigem. Desse modo, “não há revelação sem fé e também não há fé sem revelação¹¹³” como fruto da dinâmica do êxodo divino. No encontro destas realidades tem-se a atualização da Aliança, como eterno memorial da ação de Deus na história. A revelação desconhece a via negativa. Por isso, tudo o que Deus revela é bom.

¹¹³ SCHILLEBEECKX, E. *História Humana*, revelação de Deus, p. 48.

3 A DIMENSÃO DA FÉ PASCAL

Introdução

Este capítulo apresenta reflexões do núcleo da fé da Igreja: a fé pascal. A ressurreição é o evento pleno do suporte da fé no enviado do Pai. O evento da ressurreição é a atualização do criar de Deus no mundo. Esta dinâmica amorosa de Deus perfaz o caminho da auto-comunicação divina. É Deus que se dá a conhecer por amor. Jesus é o Mediador do Pai e tudo o que chega ao coração humano provém do Pai pela força do Espírito Santo. Assim, este capítulo quer apresentar o testemunho do crente como suporte último da fé, porque o testemunho realiza o que significa; presentificar o evento da ressurreição e revelar ao mundo que o Cristo de Deus vive. Não se trata somente de um esforço humano, mas da ação amorosa de Deus no Espírito Santo, onde o crente testifica a bondade divina, como gesto dignificador da sua vocação humana e de sua participação nos mistérios da redenção.

Neste terceiro capítulo, ainda, diz-se que crer é estar aberto à revelação divina, acolher a auto-comunicação de Deus. Por isso, a fé pascal tem o Cristo como a antecipação do Reino definitivo, e Nele a humanidade pode contemplar o hoje do Pai. Esta consciência pascal constitui o sentido eclesial do Povo de Deus como síntese da comunidade eterna no fim dos tempos. É o tempo do encontro, da gratuidade e da vivência comunitária em vista do bem da família humana.

Por fim, esta terceira parte apresenta três teses relativas à temática dessa dissertação apresentadas por Bruno Forte. Assim, a abertura à transcendência é apresentada como uma realidade humana como poder constitutivo. Por isso deve-se perguntar continuamente à consciência sobre esses domínios, como realidades do ser e do saber humano criticamente a fim de garantir a variante da responsabilidade. A pessoa é sujeito ético e a sua eticidade sustentável depende da abertura consciente ao outro na mesma condição de sujeito. Por isso, a responsabilidade tem relação com a fundação de uma ética desde que sejam considerados nível de consciência em relação aos direitos e dos deveres da pessoa como conquistas da convivência social e religiosa. A dinâmica da revelação exige, em si mesma, gratuidade e solidariedade. A responsabilidade deve ser entendida no alargamento consciente das realidades inerentes à relação social, comunitária e religiosa em vista da fundação de uma nova ética. A solidariedade pode-se relacionar à dimensão virtuosa da gratuidade como realidade motriz da dinâmica da revelação. Estas dimensões se exigem mutuamente. A justiça,

por sua vez, exige o nível da consciência; o conhecimento dos direitos e dos deveres como condição de possibilidade inclusiva à vida social. Ela exige o conhecimento do princípio da equidade à base das garantias mínimas da dignidade humana.

3.1 A redenção na história

A ressurreição de Jesus é o ápice de uma nova fase da fé judaico-cristã. A ressurreição revela, ao mesmo tempo, a Santíssima Trindade e sustentação da fé dos ouvintes da Palavra. “O mistério central da fé e da vida cristã é o mistério da Santíssima Trindade. Os cristãos são batizados no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (CIC 44). Assim, a autenticidade da fé pascal é inserida na vivência da comunidade como celebração viva e testemunhal na dinâmica do hoje de Deus na base da Igreja. Desta forma, a Palavra anunciada e os sacramentos celebrados formam a base da vida eclesial. O Cristo ressuscitado é o fundamento da vida comunidade. Cristo é o sacramento de Deus na criação e do acesso humano ao Pai. Como “sacramento de Deus e sacramento do homem, Cristo é, em si próprio, a aliança de dois mundos, aquele em que o céu e a terra se encontram”¹¹⁴. Nele subsiste o conteúdo da fé do crente que, sob a ação do Espírito Santo, exclama na intensidade do apóstolo: “meu Senhor e meu Deus” (*Jo* 20, 28). Portanto, o evento pascal põe os homens e as mulheres na dinâmica do discernimento desta relação reveladora. Deus está no mundo e, sem confundir-se com o mundo, realiza eternamente a atualização de toda a criação. Com isso, toda a realidade criada é profundamente marcada nesse dinamismo de amor trinitário. O mundo criado é marcado pela antecipação “do já e do ainda não” do Reino de Deus. É o esplendor eterno que irradia como realidade antecipadora do mundo vindouro anunciado pelo Verbo de Deus.

A fé pascal é capaz de agraciar o crente nessa abertura do Espírito para captar a amorosa revelação de Deus. Tem-se assim, uma ação de Deus onde, “em analogia com a vida de relações da Trindade, o homem foi feito para amar e só se realizará a si mesmo se estabelecer com os outros seres humanos e com todas as criaturas relacionamento de amor proporcional a cada uma delas”¹¹⁵. Este horizonte de compreensão ultrapassa a criação e a inteligibilidade humana. No entanto, a eterna presença de Deus não dispensa a responsabilidade humana no cuidado pela criação. A fé no redentor da humanidade, fruto da revelação, deve ser ação responsável dos homens e das mulheres nesta tarefa. Desde o

¹¹⁴ FORTE, B. *Introdução aos sacramentos*, p. 17.

¹¹⁵ Idem. *Teologia da História*, ensaio sobre a revelação, início e a consumação, p. 219.

princípio, Deus demonstra seu amor às criaturas em vista do resgate da originalidade de sua obra. Por palavras, por sinais e por obras, Deus se revela em meio à criação por amor gratuito. O evento da encarnação de Jesus é a revelação plena deste amor. Jesus é Deus na criação, esplendor eterno do divino. Ele é o revelador do Pai.

A ressurreição é a atualização do que o Pai cria. O evento pascal, portanto, não é uma representação de Deus agindo no mundo, mas é a ação real e concreta do criador presente no Filho, desde o seio de Deus, pela força do Espírito Santo vivificador. Por ele a natureza humana e toda a criação são redimidas. Esta redenção, no entanto, exige um referencial ético como acolhida desta condição salvífica. O ser humano deve pôr-se na condição deste acolhimento a fim de abrir-se à transcendência para possibilitar a ética. Qual é o fundamento desta ética? Tal questionamento pode ser feito em relação ao pensamento teológico de Bruno Forte, onde a ética para a responsabilidade ética fica suspensa, ou atribuída à exclusividade de Deus. Se o ser humano é partícipe da obra redentora, ele, em si mesmo, já deve ser um referencial ético, com consciência crítica, capaz de gerir condições de possibilidades na co-participação nesta dinâmica redentora. A responsabilidade de sair de si mesmo e ir ao encontro do outro, exige o espírito de irmandade. Por isso, deve-se reconhecer o outro como sujeito partícipe desta construção ética na concretude de sua alteridade. A dinâmica da revelação perfaz o caminho divino-humano. A base ética, então, nasce na congruência das realidades partícipes da revelação, a saber: do abrir-se à transcendência por causa do outro, enquanto outro, e do acolhimento do diverso como horizonte de sentido à vida com suas teias de relações.

Com isso, a revelação da bondade divina torna-se realidade de acesso a todo o gênero humano. Isto se justifica por que a redenção está para um mundo fragilizado pela crise de esperança e vazio de sentido à vida necessitado de redenção. Da mesma forma, falar da revelação de Deus e da abertura humana à transcendência exige, em vista da base ética, a conversão da pessoa humana. O ser humano não é autossuficiente e não pode bastar-se a si mesmo. Deve haver, então, a superação do pensar e do agir egocêntrico. Deve-se, por conseguinte, oportunizar reflexões relativas à totalidade do sentido da vida, enquanto pessoa-indivíduo, e, enquanto comunidade em vista da expectativa escatológica. Assim, a base ética universal, dentro da compreensão revelada da bondade de Deus, o que também possibilita instâncias de diálogo capaz de superar as fronteiras da liberdade entre os partícipes da dinâmica reveladora da bondade eterna. Pois, o outro não é o limite da liberdade, como também não é a fonte essencial para transcendência. Os homens e as mulheres são fontes essências para essas realidades como instâncias mediadoras da redenção para todo o gênero

humano. Sem a consciência da responsabilidade ética, como realidade mediadora da revelação, os eventos históricos ficariam como que distanciados, ou suspensos num mundo imaginário, dos eventos da bondade de Deus. A consciência da correlação dos eventos, divino e humano, está na base da responsabilidade ética. A criação é o palco da revelação redentora de Deus em Jesus de Nazaré.

Assim, a redenção é a ação de Deus em favor do gênero humano como o ato pelo qual o Salvador, pelo preço de seu Sangue, expressão do seu amor, livrou o gênero humano da servidão do pecado e do demônio e o reconciliou com Deus. Isso significa dizer que toda a pessoa humana está incluída e acolhida no plano salvífico e, por essa razão, participa da dinâmica de salvação por escolha amorosa de Deus. A voz do outro, a sensibilidade do outro, a sinalização do outro e presença do outro, como realidades do “já” e do “ainda não”, são em si “milagres” que traçam possibilidades mediadoras dentro da grande e eterna teia amorosa da dinâmica da relação divina. Por isso, conhecer a revelação amorosa de Deus é conhecer toda a Boa Nova de Jesus. Isso exige uma permanente abertura humana ao transcendente, a presença de Deus. O hoje de Deus é uma fala divina, uma autodoação e uma auto-comunicação com densidade eterna na mais pura liberdade e gratuidade criadora. Deste modo, o conhecimento das realidades eternas e sua ação no mundo dependem da permanente abertura transcendental humana em relação a si, os outros e ao Criador. O suporte dessa abertura é a fé¹¹⁶. Ela é a realidade motriz capacitadora que conduz o crente pelos caminhos mais profundos, onde ele poderá ancorar a relação desta nobre dinâmica da graça reveladora de Deus. Nesta analogia, pode-se dizer que a âncora é a fé no ressuscitado.

Por essa razão, a fé do crente deverá percorrer o caminho do silêncio ao êxodo da ação amorosa de Deus, não como iniciativa humana, mas como participação e acolhimento da iniciativa de Deus. Por esta via, o crente, sustentado pela fé no ressuscitado, se torna instrumento e linguagem da expressão viva da revelação e da redenção. Essa perspectiva emerge do testemunho e da correta interpretação da Palavra que, à luz da fé pascal, mantém vivo o evento salvífico e unificador do ressuscitado no seio da criação. Percebe-se assim a ação do hoje de Deus, não como uma realidade circular, mas como que numa realidade espiral na dinâmica reveladora. Acredita-se que seja, de fato, a melhor forma de se entender a auto-comunicação divina. Evita-se assim, formas abstratas e meras descrições literárias que pretendem descrever a revelação de Deus na perspectiva do eterno retorno.

¹¹⁶ A fé é propriedade do gênero humano (*fides qua*) como elemento constitutivo, graça e dom do Criador. No entanto, os conteúdos dessa mesma fé (*fides quae*) são definições das comunidades humanas em suas experiências religiosas. Cf. EICHER, P. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia, Fé*. p. 307.

A redenção é interpretada no acontecimento da ressurreição. Ela é a chave da esperança, da novidade, de um mundo melhor. Nela são integrados os elementos do agir de Deus e os esforços do gênero humano. Trata-se, portanto, de um relacionamento de comunhão e um eterno exercício de liberdade. Pois, “o Espírito dá a linguagem da comunhão, faz-nos estabelecer pactos de paz, torna-nos capazes de unidade”¹¹⁷ em vista da redenção da família humana. O Deus ressuscitado está a caminho com a humanidade e, na medida em que a fé não é unicamente focada na realidade do momento, mas na realidade eterna, o ressuscitado é reconhecido na presencialidade dos crentes. O itinerário com Jesus ressuscitado perfaz a dinâmica da memória da Palavra, da ardência interior e do esplendor da fração do pão como evento eucarístico. Este é o evento que propõe conversão. Não continuar mais para Emaús, mas retornar a Jerusalém (cf. *Lc* 24, 33), retornar à comunidade, à cidade da paz. Pois, os elementos do evangelista Lucas, como “memória dos últimos acontecimentos, releitura da história de Jesus à luz das Escrituras, oração, fração do pão, anúncio do encontro com o ressuscitado”¹¹⁸, põe o ouvinte na inclusão do evento da fé pascal. Nisto, Jesus revela como deve ser o agir dos discípulos. É um agir em torno da memória viva da Palavra; na constante mudança interior em analogia da ardência interior e na vida partilhada em comunidade. Estes são elementos que tornam os homens e as mulheres partícipes dos processos mediadores da dinâmica da revelação. Assim, em comunhão de vida e no relacionamento sincero e autêntico, tornam-se provedores de chaves de interpretação e de escuta da Palavra, capazes de sinalizar a ação da presença de Deus no mundo, como fonte essencial para a base ética da responsabilidade.

As relações fraternas efetivam a auto-comunicação divina como estruturas mediadoras. Neste sentido, a revelação de Deus não é propriedade humana, mas antes de tudo, um presente divino ao gênero humano. A revelação, portanto, é fruto do relacionamento sincero e fraterno, onde são partilhadas as realidades do esplendor da vida, da fé e da felicidade humana. Desse modo, recorda-se como o ressuscitado traduz sua presença no mundo como vida em abundância (cf. *Jo* 10,10). Da mesma forma que questiona a falta de fé e pede para que seja crível (cf. *Mt* 14, 31), para que a alegria humana seja completa (cf. *Jo* 16, 22). Esses são pilares sustentadores da fé no ressuscitado. Esses e outros elementos que compõem os Evangelhos sinalizam o caminho, seus desafios no seguimento ao Redentor. Esse seguimento tem por base o acolhimento do outro na sua condição, enquanto outro. Porque toda pessoa humana é portadora de redenção. Mesmo que o milagre do conhecimento

¹¹⁷ FORTE, B. *Introdução à fé*. Aproximação ao mistério de Deus, p. 23.

¹¹⁸ EVANGELHOS E ATOS DOS APÓSTOLOS. *Novíssima tradução dos originais*, p.174.

da proposta redentora de Deus, da conversão, e a superação de todas as formas de negação do bem e do isolamento humano não tenham sido efetivadas no plano da fraternidade, revelada pelo Filho, ainda, assim, sonha Deus a redenção de seus filhos.

Mas diante da infinita misericórdia de Deus, o mundo ainda está marcado por desordens e desserviços à vida humana e a toda a natureza, com implicações profundas à sobrevivência e às relações inerentes. Por exemplo, a negação do outro, o fechamento humano em si mesmo, o egoísmo, são classificados como os multiplicadores da desordem na natureza criada por Deus. Esta negação é a fonte do pecado. O significado doloroso desta postura humana demonstra sua própria limitação no exercício da liberdade e do relacionamento no sentido existencial. A amargura humana da negação do outro, enquanto outro, querido e também amado por Deus, traz a dor da solidão e o fechamento ao sonho por um mundo melhor. Da mesma forma, o fechamento aos conteúdos da fé como abertura ao transcendente. Neste sentido, a negação do outro é também a quebra da fidelidade ao pacto divino como dom transcendental e amoroso de Deus posto de modo gratuito no coração humano. Negar o encontro humano motivado por Deus é abortar o dom mais precioso e intrínseco da criação, como atributo primordial e mediador da revelação de Deus.

Assim, diante do desamor humano, Deus intervém de forma solidária e amorosa na história, a fim de regenerar a criatura e seu reconhecimento filial. Esta intervenção ocorreu de muitas formas e por muitos meios na história através de mediações na vida dos homens e das mulheres que, atentamente escutavam a voz divina e a retransmitiam às comunidades. Por fim, esta intervenção divina tem seu ápice na encarnação do Verbo. Tem-se, assim, o anúncio pleno e realizador da promessa na aliança da vinda do Messias como mediador eterno do Pai. Ele assume a condição humana na sua plenitude. Assim, o Messias, como o Cristo de Deus é o protagonista da liberdade, da expressão essencial da Palavra de Deus que chega ao coração humano. Ele é o Servo Sofredor que vem ao encontro do outro, na forma humana, como manifestação plena da misericórdia e do resgate da dignidade humana frente ao desalento fraterno. Por isso, a perseverança dos discípulos do ressuscitado subsiste na dinâmica da revelação por causa da fé pascal. É a certeza de que Jesus está presente e sustenta toda a missão no Espírito Santo. Por esta razão, os destinatários do Reino de Deus reconhecem a aurora da redenção humana no testemunho dos discípulos, segundo as narrativas do túmulo vazio e das aparições do ressuscitado.

Em analogia a uma mãe, ou um pai que ensina o filho a dar seus primeiros passos, apoiando, falando e orientando, recordando (transmissão) tudo o que já foi ensinado, assim, também faz o ressuscitado quando aparece, fala e compartilha o mistério do Pai. Por essa

razão, aqueles que anunciam, testemunham, tornam-se participantes da missão do ressuscitado. Isso porque o testemunho é, em si mesmo, uma forma de participação na própria ressurreição de Jesus. Assim, o testemunho realiza aquilo que significa; presentificar o evento da ressurreição no seio da criação. São Lucas escreve seu testemunho dizendo que “Deus o ressuscitou dentre os mortos, e disto nós somos testemunhas”(At 3, 15). Testemunhar é certeza de fé, clareza do conteúdo da fé. Por isso, o evento pascal redime a humanidade caída. Neste sentido, dentro da dinâmica do testemunho e do reconhecimento do Cristo que vive, são elucidados e revelados os mistérios pascais contidos na Palavra. O Cristo ressuscitado é o acesso ao Pai, lugar da futura e eterna morada das testemunhas do Filho. Dessa forma, a experiência pascal é oferecida para todos e todas que vão descobrindo, desvelando os mistérios da presença amorosa de Deus no mundo. Esta experiência não é privilégio desse ou daquele lugar. Depois da ressurreição do Senhor Jesus sua presença é testemunhada por toda parte porque Ele é realidade onipresente.

Deus é a fonte de todo bem e de toda a graça. Por isso Ele prepara o coração humano a fim de participar dos bens divinos. A escolha divina vem a pessoa humana, porque “aquilo que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, isso Deus preparou para aqueles que o amam” (1Cor 2,9). Nesta perspectiva, entende-se que Deus não revela alguma coisa de sua vontade somente, Ele revela a si mesmo. Este é o ponto central de lucidez teológica. Deus em sua bondade infinita se dá a conhecer. Esse é o fio condutor das definições do Concílio Vaticano II. O texto de Paulo é a fonte inspiradora: “Aprove a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade”(DV 2), (cf. Ef 1, 9). Assim, o evento Jesus de Nazaré universaliza a relação da revelação de Deus. É o cumprimento das promessas testificadas nas Sagradas Escrituras, “porque a Lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo” (Jo 1,17).

Por isso, reconhecer o pulsar da vida como obra amorosa de Deus é, ao mesmo tempo, acolher a redenção revelada em Jesus. É fazer comunhão com Ele e entrar no ritmo da vida nova rumo ao Pai. É o belo da criação na dinâmica mediadora da revelação. Jesus é a verdade do Pai. Não há outra verdade de Deus fora do evento Jesus. Pois a revelação realiza a plenitude, e neste sentido, da parte de Deus não se pode conceber parcialidade da graça e da verdade. Essas são, portanto, realidades presentes no mundo e que exigem uma postura responsável de todos os ouvintes da Boa Nova. O cuidado universal pela criação responde uma exigência da vocação humana como dádiva de Deus em vista da proposta redentora do mundo. Se a realidade crível proposta pelo Redentor do mundo é universal, da mesma forma,

deverá ser universal a atitude dos homens e das mulheres no cuidado e no zelo por toda a natureza criada. Por isso é urgente o despertar humano à sensibilidade em perceber, sentir, escutar o eco divino na natureza como esplendor de toda a realidade criada, a fim instaurar uma nova ética mundial do cuidado. Essa será, sem dúvida, a perspectiva ética do cuidado e abertura ao transcendente tão necessária à pessoa humana em vista de liberdade e da felicidade.

3.2 Abertura do ser à transcendência

No seio dos eventos históricos e por mediações humanas, intervém Deus no Filho Jesus para revelar os decretos divinos. Pois Deus realiza aquilo mesmo que sua palavra sinaliza e significa. Ele interage nas formas da linguagem e da comunicação humana, concretizando assim, a dinâmica graciosa da revelação, no espaço e no tempo, na corporeidade e na sensibilidade. Ele mesmo vem à pessoa que, “no seu imenso amor, fala aos homens como amigos (*cf Ex 33, 11; Jo 15, 14s*) e conversa com eles (*cf Br 3, 38*), para os convidar e admitir a participarem de sua comunhão”(DV 2).

Desta definição destaca-se a comunhão universal da humanidade com o Criador. Este intercâmbio salvífico reflete a beleza da criação, pois a humanidade não é órfã. Deus é Pai no Filho Jesus. Ele é a generosa e gratuita Revelação de Deus o seu carácter relacional divino-humano. A assimilação da palavra de Deus na palavra humana possibilita a relação dialogal nova e dinâmica do mistério de Deus em sua comunicação trinitária. Tem-se assim, a antropologia de Deus associada à compreensão dinâmica da revelação e de todos os processos agregados à teologia humana. Se, por um lado, Deus se revela à pessoa humana através de sinais de palavras, inspirando-a a decifrar os mistérios da gratuidade divina, por outro lado, a pessoa, reagindo no acolhimento e na intuição dos desígnios dos mistérios da salvação, pode interpretar pelo suporte dos testemunhos de fé no ressuscitado, a concreta realidade revelada. Essa relação sustenta a fé e detém em si seus conteúdos. Assim, desde o eterno ser e agir de Deus podem ser conhecidos os processos e as mediações da dinâmica de sua relação-revelação como base e fonte essencial redentora de toda responsabilidade ética.

A Revelação é também entendida como relação de transformação, porque nunca deixa uma realidade-pessoa da mesma forma em que a encontrou. Esta realidade-pessoa passa por um processo relacional qualificativo, claro e inquietante, sempre novo, entusiasmado e deificado. É dom e total compromisso de amor e gratuidade de Deus com o mundo. Deus é o

favor amoroso para a humanidade em Jesus Cristo e, por essência e graça, sua transcendência não é esvaziada no comprometimento íntimo da revelação com a humanidade. Entender e poder perscrutar os mistérios da revelação de Deus coincide com a abertura humana à transcendência. Da mesma forma se aplica àquele que crê. Assim, crer é estar aberto à revelação divina, isso porque Deus se revela a si mesmo, se dá a conhecer. Trata-se, portanto, de uma eterna comunicação, que perpetua a essência da criação na dinâmica da compreensão dos mistérios do criador. Esses mistérios são revelados em Jesus Cristo como testemunha fiel do Pai. Neste referencial se intercala o dinamismo da revelação e da comunhão Trindade-humanidade. A revelação fica entendida, assim, como realidade transformadora, geradora de liberdade e dinamizadora da esperança e da caridade, como conteúdos da mesma revelação. A revelação integra os homens e as mulheres à dinâmica da criação e propõe o ritmo da vida, onde o pulsar amoroso de Deus é a medida de todas as coisas.

A palavra anunciada e a palavra ouvida tornam-se alimento necessário e essencial para o testemunho qualificativo da bondade, do amor, da gratuidade e da relação filial estabelecida na dinâmica da revelação de Deus. A palavra do Filho é geradora de testemunhas, de partilha e de comprometimento responsável daqueles que vão aderindo ao seu chamado. Isto é, o Verbo de Deus que passa a ser gestado por aqueles que ouvem as palavras da Boa Nova no contexto da realidade anunciada, a fim de que ela possa ser sempre atual e viva. A revelação resgata assim o princípio de valorização de toda a Criação. Em Jesus, ela é enaltecida pela graça divina e os bens últimos são reservados à pessoa humana na perspectiva escatológica. Pois, os eventos do anúncio da Boa Nova de Jesus agregam, em si mesmo, os elementos sinalizadores da escatologia. Estes elementos sinalizadores podem ser elucidados pelos milagres, bem aventuranças, o amor ao próximo, como princípio de misericórdia e o grande apelo ao seguimento. Por isso, essa possibilidade de compreensão torna-se, ao mesmo tempo, abertura para o mistério como credibilidade da graça revelada. A abertura humana à transcendência é entendida como princípio de misericórdia no horizonte do encontro fraterno com a criação. Isto constitui a credibilidade da eterna da forma reveladora de Deus, em confronto com a limitação humana e sua existência na trilha da consumação.

A fé adulta evoca, por consequência, uma atitude capaz de gerar uma melhor compreensão do significado e dos sentidos do fim último da vida humana. Deste modo, a revelação alicerçada na fé pascal e o justo exercício da razão podem habilitar a pessoa humana para a compreensão da verdade revelada. Os instrumentos científicos são recursos necessários à sistematização das verdades de fé. Não se trata de uma resposta simplista, mas

de uma reflexão aprofundada na busca do sentido e do significado como realidade de aproximação da verdade. A evolução dialética do pensar encontra-se intimamente ligada a profissão do crente sobre a presença de Deus no seio da história. Desta forma, “Deus só pode ser compreendido quando o ser humano o acolhe em si mesmo como sua possibilidade”¹¹⁹. Disto se traduz a incessante busca do espírito humano dos fins últimos da verdade, na tentativa de alargar a compreensão histórica, enquanto partícipe da revelação amorosa de Deus. É a eterna sede humana que se curva para encontrar as razões de seu ser e de seu existir em relação com Deus, com a natureza e com seus semelhantes.

A fé pascal é a verdade que fundamenta o Reino de Deus a partir deste mundo. Se o Reino de Deus sinaliza para a realidade futura, a fé pascal tem seu fundamento no hoje de Deus. Nesta perspectiva, “a existência pascal, que participa do dinamismo do amor trinitário, a vida cristã é sempre nova origem, sempre nova vinda e sempre novo futuro”¹²⁰ na concretude do Reino de Deus. Esta determinação do presente se justifica porque a humanidade está profundamente impelida a tomar decisões no horizonte escatológico. Desta forma, “a escatologia cristã deve tentar trazer a esperança para o pensamento do ser humano, e o pensamento, para a esperança da fé”¹²¹. A pessoa, no mais puro ato de acolhimento da fé pascal, entra na dinâmica do Espírito de Deus, e por ele torna-se moldada como partícipe do Deus presencial. É “o já e o ainda não”, como características essenciais da definição de tempo, que perfazem juntamente o caminho do devir revelador do Reino de Deus. Não se trata de uma síntese do pensar, ou de uma elaboração conceitual em torno da verdade, mas, de um lançar-se à promessa do Filho de Deus de forma incondicional. Este desprendimento possibilita percepções múltiplas do sentido de pertença humana para o criador. Pois, no futuro prometido, tem em si mesmo, uma realidade desvelada, realidade do face a face (cf. *1Cor* 13,12). Deste modo, a escatologia cristã apresenta o elo unificador na relação de tempo; presente e futuro. Cristo Jesus é a antecipação do Reino definitivo. Nele, a humanidade pode contemplar o hoje do Pai.

O conteúdo da escatologia cristã é revelado totalmente no Filho e atualizado pela auto-comunicação amorosa do Pai em cada instante celebrativo do evento pascal na comunidade dos crentes. Este memorial celebrativo é o núcleo central da ordem do Filho como princípio constitutivo da Igreja. Assim, o Cristo Eucarístico vivido e celebrado é o evento atualizador do mistério central da comunidade de fé. Ao mesmo tempo, o memorial do evento Jesus

¹¹⁹ MOLTMANN, J. *Teologia da Esperança*, p. 343.

¹²⁰ FORTE, B. *Teologia da História*, ensaio sobre a revelação, início e a consumação, p. 334.

¹²¹ MOLTMANN, J. *Teologia da Esperança*, p. 50.

traduz o mistério eucarístico numa instância agregadora de homens e de mulheres que, numa atitude de profunda escuta e adesão ao apelo do Senhor, unem-se ao redor da mesa do mesmo sacrifício oferecido uma vez por todas em favor da comunhão humana até o fim dos tempos. Deste modo, a eucaristia situa a vida do fiel dando-lhe o lugar de pertença à comunidade e, ao mesmo tempo, possibilita a abertura ao Reino dos céus. Isto sinaliza também a redescoberta da escatologia pascal, onde a comunidade e cada fiel podem fazer a experiência daquilo que está prometido para o Reino, viver de forma antecipada, os mistérios da redenção em comunidade de irmãos. Portanto, os mistérios da escatologia pascal são qualificadores da forma vivencial dos homens e das mulheres no Espírito do ressuscitado como antecipação da nova vinda de Cristo (cf. *Ap* 22,20). Trata-se, portanto, de uma renovação do sentido comunitário do povo de Deus, onde a existência remida constitui o elo pessoal e eclesial como síntese da comunidade eterna no fim dos tempos. Neste sentido, sinalizando a sede humana pela busca das realidades últimas, escreve Santo Agostinho em forma de prece e conselho:

Senhor meu Deus, única esperança minha, faze que eu, cansado, não desista de buscar ti, mas busque a tua face sempre com ardor. Dá-me a força para buscar, tu que te deixaste encontrar, e me deste a esperança de sempre mais encontrar. Diante de ti estão minha força e minha fraqueza: conserva aquela e cura esta última. Diante de ti estão minha ciência e minha ignorância; sempre que me abrires, acolhe-me quando eu entrar; sempre que fechares, abre-me quando eu bater. Faze que eu me recorde de ti, que eu procure a ti, que eu ame a ti... Amém¹²².

Este exemplo testemunhal de fé constitui um impulso à realidade humana que está na íntima relação da dinâmica reveladora de Deus. Este testemunho de Agostinho representa o caráter orante do crente que se põe em diálogo de amor e de gratuidade com Deus. É a via da transcendência que eleva a criatura ao seu mais alto grau de humanidade, em virtude de comunicabilidade com o divino.

3.3 Três teses de Bruno Forte: observações críticas

A inquietude humana perfaz o caminho, numa visão expandida, na compreensão sobre a alteridade. Na realidade, o outro como “indivíduo” ficaria melhor situado na mediação, ou na compreensão apurada da antropologia, na relações de reciprocidade que se estabelece no contexto envolvido. A pessoa é uma complexidade aberta às possibilidades socializantes. Se o protagonista da história é o indivíduo pessoa, ele mesmo deverá ser o conhecedor de parte

¹²² Santo Agostinho. *A Trindade*. 15, 28.

dessa teia evolvente que o diferencia e, ao mesmo tempo, que o identifica em vista de seu crescimento dentro da dinâmica auto-reveladora que constrói um caminho de auto-apresentação das faces humanas. Dessa forma, a pessoa, enquanto indivíduo na visão do outro, existe a partir do outro, o que permite também compreender o mundo a partir de um olhar diferenciado, partindo tanto do diferente existente em um e outro, mediado pela experiência do encontro.

O que fica em suspenso realmente é a dimensão real da consciência crítica de toda a realidade circunstancial de grupo humano na grande família humana. Bruno Forte, em sua teologia, sinaliza para uma nova ética, baseada num princípio ideal, quase que suspenso numa identidade subjetiva e absoluta. É necessário verificar de modo esquemático alguns pontos de suas teses. Ao longo desta dissertação foram sinalizados pontos de convergências de seu teologizar. Por isso é de grande importância colocar as três teses de Bruno Forte à luz de algumas observações. Estas são teses pertinentes à temática desta dissertação. Para Forte “não há ética sem transcendência”; “não há ética sem gratuidade e responsabilidade” e “não há ética sem solidariedade e justiça”¹²³. Assim, se as teses de Bruno Forte põe a ética em total dependência às dimensões da transcendência, da gratuidade e da responsabilidade, da solidariedade e da justiça, deve-se perguntar à consciência sobre esses domínios como realidades do ser e do saber humano criticamente. Pois, todas as afirmações acima elencadas exigem níveis de consciência crítica, a fim de garantir a variante da responsabilidade. Portanto, a variável da responsabilidade ética coincide com abertura da consciência crítica de todos os valores contidos na comunidade de pertença.

Na primeira tese Forte condiciona a ética à transcendência. É bem verdade que a ética se funda na exigência moral e, conseqüentemente, na relação transcendental consciente ou inconsciente. Pois, na base da ética está a participação ativa da pessoa humana em todas as atividades social e religiosa. A pessoa é sujeito ético e a sua eticidade sustentável depende da abertura consciente ao outro na mesma condição de sujeito.

Na segunda tese de Forte aparece duas realidades da vocação humana: a gratuidade e a responsabilidade. A primeira está relacionada diretamente ao dom, ao serviço como dimensões da virtude humana. Perfeitamente aceitável como suporte ético. A responsabilidade pode ter relação com a fundação de uma ética desde que sejam considerados nível de consciência em relação aos direitos e aos deveres da pessoa como conquistas da

¹²³ FORTE, B. *A parábola do humanismo ateu*. Disponível em: <<http://www.domhenrique.com.br/index.php/bruno-forte/761-a-parabola-do-humanismo-ateu>>. Acessado em 10 de maio de 2012.

convivência social e religiosa. Pois, a dinâmica da revelação exige, em si mesmo, gratuidade. A responsabilidade deve ser entendida no alargamento consciente das realidades inerentes à relação social, comunitária e religiosa em vista da fundação de uma nova ética.

Na terceira tese de Forte aparece outras duas dimensões da vocação humana: a solidariedade e a justiça. A solidariedade pode-se relacionar à dimensão virtuosa da gratuidade como realidade motriz da dinâmica da revelação. Estas dimensões se exigem mutuamente. A justiça, por sua vez, exige o nível da consciência; o conhecimento dos direitos e dos deveres como condição de possibilidade inclusiva à vida social. Ela exige o conhecimento do princípio da equidade à base das garantias mínimas da dignidade humana. Por fim, a crítica plausível a Bruno Forte está relacionada a não exigência expressa do domínio da consciência à base das realidades que compõem suas teses. Os elementos sinalizados ao longo desta dissertação convergem à eterna dinâmica da revelação. Portanto, uma virada ética depende do alargamento crítico e consciente de todas as forças em jogo na grande e complexa teia social e religiosa da família humana. Por isso é importante tal reflexão frente às inquietudes da contemporaneidade. Há problemas e desafios do mundo devido à crescente ansiedade moderna em viver o momento presente. Nota-se que o mundo vive uma virada de época em meio à global mobilidade humana.

Afinal, reconhecer o bem no esplendor da face do outro é estar aberto à eterna novidade. O encontro humano é o marco atualizador das habilidades, pois por ele se fundem horizontes dos sonhos e das realidades veladas que transbordam como denúncia profunda da revelação. Sem pegar carona em termos técnicos, trata-se de uma projeção da identidade ou da acolhida de sua própria alteridade. Neste encontro ocorre a irrupção de realidades profundas contidas e, quase sempre veladas, na espera reveladora do encontro. Desse modo, o outro terá tanto mais possibilidade de revelar-se, descobri-se, quanto mais sujeito ao encontro. Assim, o encontro pode ser classificado como instância necessária do viver e do conviver. Por isso, ele é o jardim dos valores, o lugar privilegiado para a ética do existir e do agir humano. O núcleo subjetivo do encontro contém as chaves hermenêuticas capazes de trazer à vida humana sinalizações do sentido do viver, do existir, do crer e do esperar. Estes são elementos que perfazem a teologia de Bruno Forte que sinalizam elementos da revelação como barreira ao pensar especulativo. Não se trata de uma categoria filosófica, mas sim de uma mistura de realidades constitutivas da pessoa que se torna um problema para a especulação filosófica, porque o diferente é determinante no esplendor do encontro. Ele está repleto de fé, de esperanças e de sonhos. Por isso é de grande valia fazer uma crítica ao pensamento teológico de Bruno Forte, em relação à dinâmica da revelação, ela não pode permanecer em categorias

descritivas de fé. Esta precisa ir à realidade mundana, onde a miséria humana e a desesperança envolvem os homens e mulheres de nossos tempos. Assim, a crítica a Bruno Forte se fundamenta na atitude responsável de sair de si mesmo e ir ao encontro do outro. Isso não pode ser uma categoria especulativa, mas uma atitude ética do cuidado pelo outro como garantia do encontro capaz de gerar comunhão. Tem-se, assim, o reconhecimento da concretude da alteridade, como também a chance humana de permanecer de pé com sua totalidade em meio a um mundo marcado pela crise de esperança.

A vida não pode passar pela régua ética e moral a fim de quantificar realidades constitutivas do indivíduo moral. A pessoa, em seu ser e seu existir, exige comunhão e encontro. Volta-se a frisar aqui que encontro e comunhão, no intento desta descrição perfaz o caminho da honestidade. A comunhão depende do encontro honesto. Deste modo, o encontro possibilita o florescimento da verdade. Estes são fatores que integram a vida na sua concretude. Isso por que o referencial moral está em formação. Não se pode conceber a realidade da moral e da ética quando instâncias precedentes não foram contempladas, como o outro em si mesmo, o encontro e a comunhão, entendido como resultado do encontro puro, honesto. Assim, desse outro posto à mesma proposição de grau, honestidade e encontro na contrapartida marca o nascedouro da ética e da moral. Por que quando essas realidades entram em cena desasfixiam todo o medo e o isolamento, pondo o outro no direito transcendental. Essa categoria, muitas vezes, não é reconhecida. A pessoa, na maioria dos casos, é vista como um indivíduo capaz do encontro e da comunhão. Deve-se, portanto, considerar também que o encontro, além de gerar comunhão das realidades envolventes, habilita com grande esplendor à abertura transcendental. Por esta razão, se reconhece a necessidade do outro em vista do encontro e da comunhão que, em seu núcleo vital, é capaz de habilitar o outro em categorias que até então permaneciam veladas.

O ser humano não é uma ilha. Por mais que negue essa grandeza, jamais poderá negar sua alteridade. A instituição da ética perfaz o caminho do reconhecimento do outro em seu esplendor capaz de revelar e habilitar realidades sagradas do infinito espírito humano. Esta fase, levada ao grau máximo de honestidade, poder-se-ia determinar como um momento possível ao nascimento da ética, pois o outro ficaria livre de medidas e espessuras inibidoras da abertura transcendental. Dilatam-se, desta forma, e por que não dizer, diluem-se barreiras às verdades últimas do ser. Nesta perspectiva de reflexão, negar o outro, é proporcionalmente negar a si mesmo. A negação destes atributos à pessoa, como o reconhecimento do outro na sua individualidade, a instância de comunhão e o caráter revelador, que habilitam a pessoa a níveis de grandeza e de esplendor, constitui em negação de suas próprias faculdades. Assim, a

negação, nesta perspectiva, desemboca numa aridez humana. É a negação dos qualificativos sagrados, dos quais os homens e as mulheres são constituídos. A negação é não saber, ou não querer saber. É não acolher a dádiva posta à pessoa como condição de possibilidade à liberdade e às relações. Por fim, negar o outro, e tudo o que desta grandeza decorre, é ignorar a mais profunda dignidade do próprio ser pessoal e do próprio destino. É o rompimento da ética e da responsabilidade como dádiva gratuita de Deus na criatura. No entanto, deve-se reafirmar que a nova ética da responsabilidade tem seu nascedouro exatamente na abertura transcendental e na consciência crítica de tudo o que envolve o gênero humano e suas relações.

A gratuidade é a marca íntima da abertura ao outro com condição de possibilidade de gerar comunhão. Ela dilata a auto-transcendência como potência infinita da pessoa capaz do bem. A gratuidade é a alma do amor. Trata-se de um amor incondicional, dispensando toda e qualquer forma de medida. Na gratuidade, o outro tem a garantia de poder irradiar seus dons em vista da comunhão. A gratuidade é princípio sinalizador da liberdade, porque favorece a abertura da transcendência como realidade moral e garantia do bem na convivência. Assim, o bem é a razão mais profunda que gera comunhão. Ele é uma realidade constitutiva em todos os seres humanos. Também é o substrato que possibilita a convivência e remete à solidariedade e essa, por sua vez, à justiça. Estabelece-se, assim, a dinâmica da auto-transcendência como categoria que circunda a pessoa e exige de forma de sempre criativa a atualização dessa teia complexa de relacionamentos. Uma instância dilata a outra e conduz a pessoa por caminhos de liberdade, de fé e de sonhos. Harmonizar este tecido da alteridade é crer no esplendor humano como forma possível da objetividade social e comunitária. Estas são realidades constitutivas da pessoa na dinâmica da revelação divina. Reconhecer todos esses elementos no outro é acolher o êxodo de Deus como realidade do amor gratuito interagindo na vida humana.

As dimensões social e comunitária inserem homens e mulheres na fraternidade universal, como fruto do reconhecimento mútuo de todas as realidades constitutivas da pessoa. Uma vez que, o outro, enquanto outro, é acolhido na sua individualidade, deve-se também acolher a complexa dinâmica reveladora que se instaura neste conjunto. A abertura à transcendência é esta dinâmica reveladora que expande e amplifica o horizonte desta relação. O outro é realidade mediadora de revelação divina na perspectiva da auto-transcendência. Na abertura consciente ao transcendente coincide com o acolhimento do outro, o que torna fonte das exigências éticas, do zelo, da garantia da alteridade. Estas exigências, quando constituídas na base da honestidade dispensa juízos reguladores. Ela se mede pela própria necessidade do

direito em si mesmo do outro, enquanto outro em vista do encontro. Disto nasce o princípio da ética da solidariedade, cujo elemento garantidor é a responsabilidade. A responsabilidade garante a dignidade como plataforma da pessoa na concretude de sua alteridade. Por isso que o bem comum, a dimensão social e a comunitária são princípios normativos do agir individual. Isso não pode ser visto como estreitamento de horizontes do indivíduo, mas como potência, suporte da pessoa na teia das relações e, ao mesmo tempo, imersa na dinâmica da revelação de Deus.

Assim tem-se a necessidade de compreender o encontro como evento interpessoal. Nele está a base integradora da ética filosófica à ética teológica, pois agregam outros dois princípios como responsabilidade e solidariedade. Essa teia de definições agrega ainda o dom, a dádiva, a gratuidade, como exigências do amor que remete à transcendência; presença envolvente de Deus na pessoa. Nestas condições, compreende-se o princípio e o sonho humano em viver no amor à base da caridade, da realidade gratuita, sinalizando um tempo de doação e de serviço sem fim (cf. *1Cor* 13, 8), em vista da convivência fraterna.

3.4 Consequências teológico-pastorais

Viver com Cristo no Espírito Santo é certeza do crente na participação filial de Jesus. Porque mediante o Espírito Santo todos os homens e as mulheres tornam-se filhos, no Filho de Deus (cf. *Rm* 8,14). Esta é a certeza que move os discípulos. O Espírito faz sua morada no ser (cf. *1Cor* 3, 16), formando a Igreja (cf. *At* 2,9), como corpo do ressuscitado no mundo, unindo a história humana à divina. Este é o nexo que há entre a escatologia e a dinâmica da revelação como realidade prévia da salvação eterna. Se há um vínculo entre o evento Jesus e a história humana, este se realiza pelo Espírito Santo. No Espírito Santo, a humanidade torna-se partícipe dos mistérios de Cristo. Assim, em Cristo Jesus, a humanidade recebe graça por graça (cf. *Jo* 1,16; *Ef* 4, 15; *Cl* 1, 18) o que torna a pessoa contemporânea ao hoje de Deus. Esta é a justaposição da bondade divina em estreita relação amorosa da pessoa humana que, atentamente, acolhe em seu coração o amor eterno. Este, portanto, é o nexo de fé e amor onde a eternização humana coincide com a humanização de Deus. Tem-se, assim, a superação da temporalidade enquanto realidade cronológica. Deste modo, pode-se dizer que “a profundidade do amor divino, que sai de si no exílio de finitude humana por amor, revela também o sentido da vida e da história: a verdade da vida é o amor, e a vocação do mundo é a

comunhão com Deus trinitário”¹²⁴. O Espírito Santo é o atualizador da Trindade na história. Por causa dessa afirmação se pode falar em história da salvação. O Espírito da verdade (cf. *Jo* 14, 17) é o pedagogo eterno que recordará todas as coisas em vista da consumação escatológica. Neste sentido ainda, “enquanto a esperança não penetrar e modificar o pensamento e a ação do homem, continuará inoperante e ineficaz”¹²⁵, como contexto da escatologia histórica. Por isso, a realidade vindoura deve se sustentar na razão teológica das promessas de Deus. Isto se justifica porque Deus se revelou não através de “coisas” e objetos, mas na Palavra e no evento do Deus. Deus mesmo se dá a conhecer.

O Espírito Santo atualiza a verdade de Deus no mundo. O ressuscitado pede para que sejam observados os “sinais dos tempos”(cf *Mt* 16, 2; *Lc* 12, 54-56) que vão se inserindo na história. A Palavra revelada é a referência que dá ruma à Igreja. Esta é a dinâmica do ensinamento da Igreja que, em diferentes momentos da história, descreve sua preocupação em ser igreja viva e sempre a serviço da Palavra de Deus em favor da família humana. À luz do que foi refletido aqui, cabe reforçar que Jesus ressuscitado é a razão histórica e divina do aconchego da família humana. O Cristo é o êxodo do Pai em favor da redenção humana. Por Ele os homens e as mulheres encontram o Pai. O Cristo ressuscitado é a eterna aliança em vista da morada definitiva. Assim, a redenção humana ultrapassa os “dias da carne” (cf. *Hb* 5,7), une a todos à eternidade como eterno mediador pela a humanidade toda (cf. *Hb* 7,25). Finalmente, como peregrinos do Pai, cabe a todos os homens e as mulheres moldarem-se em Maria, Mãe de Deus e nossa e, continuar como família humana, a caminhada terrena, na dinâmica da revelação do Pai, partindo “da fé para fé” (cf. *Rm* 1, 17) até o dia da partida para a morada eterna. E ainda, reconhecer o Cristo ressuscitado na vida humana e poder celebrá-lo como real presença redentora no mundo. Esse reconhecimento presencial do Cristo testifica a fé pascal como força dinamizadora da vida da Igreja.

Diante de todo o conteúdo refletido, deve-se ficar com a certeza máxima de que Jesus é a plenitude da revelação. Neste sentido, ser humano é transformado em uma nova criatura, porque “com o envio do Espírito de verdade, aperfeiçoa a Revelação completando-a, e confirma-a com um testemunho divino”(DV 4). Nesta perspectiva, o crente testifica a fé pascal e acolhe o êxodo de Deus que se dilata por amor na historicidade da criação. Por isso, a fé pascal não se limita em falar das realidades relativas ao evento Jesus e à escatologia, mas quer celebrar no instante do mundo o “já” como extensão do “ainda não”. Isto põe a pessoa

¹²⁴ FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus da história*, p. 333.

¹²⁵ MOLTMANN, J. *Teologia da esperança*, p. 22.

humana no plano da redenção. Finalmente, os tratados teológicos relativos à revelação amorosa de Deus querem mostrar que o Eterno se oferece à criação como resgate da bondade de sua obra. Por isso, Pai oferece para a humanidade uma Pessoa do íntimo divino; o Cristo Jesus, rosto e palavra de Deus, cheio de graça e de verdade como aproximação definitiva do Criador junto às criaturas.

CONCLUSÃO

Falar de revelação de Deus é, ao mesmo tempo, pertencer à dinâmica da revelação. Neste sentido, a presente dissertação elencou referenciais sinalizadores da ação amorosa de Deus ao dar-se a conhecer ao gênero humano. A reflexão da condição divino-humana possibilita entender o nexos causal da vida humana e o seu encontro com a Palavra de Deus. A revelação da Palavra de Deus e a história humana não podem mais ser exprimidas como realidades totalmente diversas, porque no evento da encarnação do Filho, a história humana é assumida na redenção. Assim, todo o que crê no Deus criador não pode conceber um Deus ausente a sua obra.

A categoria do silêncio trouxe a esta dissertação sinalizações importantes da dinâmica da revelação. O primeiro registro afirma que a iniciativa é de Deus. E se Deus age desde a sua eternidade à história, esta também é possuidora das propriedades divinas. Esta perspectiva equivale à categoria do silêncio, como dimensão da eterna linguagem de Deus, no sair de si mesmo no esplendor da revelação. Por isso, a definição do Magistério da Igreja entendeu que “pela revelação divina quis Deus manifestar e comunicar-se a Si mesmo e os decretos eternos da Sua vontade a respeito da salvação dos homens, para o fazer participar dos bens divinos, que superam absolutamente a capacidade da inteligência humana” (DV 6). Isto demonstra que as reflexões e as definições teológicas tornam-se instrumentos mediadores da revelação de Deus, a fim entender os nexos do mistério do êxodo de Deus à história como abertura permanente do crente à transcendência.

Deus, ao revelar-se, não inaugura um novo existir, mas um desvelamento. Deus está sempre aí e, por amor, se dá conhecer. A Palavra é o destaque do acesso humano à revelação divina. Desta forma, a Palavra é a expressão do êxodo de Deus como eterna dinâmica criadora e transformadora do mundo e toda reflexão nasce dessa consciência. As expressões Palavra e êxodo sustentam a esperança e a fé em vista da eterna dinâmica testemunhal divina no mundo. A Palavra nutre a pessoa humana do crente na escuta, no anúncio e no testemunho. Deste modo, a revelação do Pai no evento do Filho Jesus une definitivamente a realidade criada com seu criador. É como dizer que essas realidades do mesmo mistério fossem inseridas na mesma habitação divina. O êxodo de Deus não finaliza todas as contradições do mundo, mas nutre toda a criação, num processo de inserção de amor e de bondade, a presença divina à luz redentora.

Deus habilita o coração humano no poder querigmático para anunciar a Palavra. O crente une-se a Deus, porque acolher o querigma significa sempre crer, acreditar na iniciativa redentora de Deus em Cristo Jesus. Desta mesma forma, o crente é chamado para ser testemunha qualificada do Pai e do Filho no Espírito Santo. Seguir Jesus radicalmente é ser memória viva e presencial da ação amorosa de Deus por meio Dele. Deste memorial de fé tem-se, em mãos, o suporte das testemunhas da ação amorosa de Deus ao longo da história. Ao revelar-se na história, o divino passa a fazer parte dela e, ao mesmo tempo, passa a interagir nela pela força do Espírito Santo. Este é ato puro da iniciativa divina em revelar-se, tratando-se, portanto, da eternidade da revelação. Deus faz tudo no Filho, pelo Espírito Santo, num eterno agir.

Deus é um Ser de revelação e de comunicação em si mesmo. Por isso, acolher a revelação redentora é uma atitude de profunda abertura e liberdade, porque Deus é quem toma a iniciativa desde seu silêncio, em querer revelar-se, e tornar-se conhecido na dinâmica da história. Deste modo, o silêncio conduz à Palavra e esta à Encarnação, e estes determinam o êxodo de Deus na compreensão da dinâmica da revelação. Assim, o silêncio inebria o ausente presencial do divino, e o faz audível na forma de eco do mistério de Deus. Neste eco eterno, pode-se experienciar os primeiros ensaios da Palavra na complexa teia da comunicabilidade humana.

A escuta possibilita a compreensão do mistério trinitário revelado. Esta é obediência incondicional de todo aquele que crê. Tem-se, assim, a dinâmica da revelação que envolve a criatura na comunidade divina e no amor eterno e gratuito de Deus. No entanto, essa capacidade perceptiva é fruto do acolhimento dos dons do Espírito Santo oferecidos à pessoa humana que se volta à face de Deus. Esta escuta do silêncio de Deus no Filho põe a humanidade no santuário de Deus, na amorosa mediação do Verbo encarnado: “Ninguém vem ao Pai a não ser por mim” (*Jo* 14, 6b). Assim, o silêncio será sempre a linguagem que capacita a reflexão mais profunda e, por si só, gera sustentação, como suporte em todas as situações limites da vida quando ameaçada.

O silêncio não é um interlocutor do mal, mas uma dádiva divina usada humanamente de forma equivocada, contrária ao amor de Deus, gerando sofrimento, opressão, supremacia de uns sobre outros. Estes são os paradoxos que se utilizam da categoria do silêncio para implantar o império do pecado e a cultura de morte no mundo. A instrumentalização do silêncio, no domínio de uns sobre os outros, faz com que a fé e a esperança fiquem confundidas com o drama humano do sofrimento, fruto do pecado. O silêncio pertence ao núcleo da revelação divina. Esta é a concretude do êxodo de Deus. Com isso, compreende-se

que se o silêncio procede de Deus, e este também é parte essencial da humanidade. Ambos, silêncio e palavra, não podem existir separadamente. Trata-se de uma linguagem originária de Deus que abraça toda a existência humana. Por isso, o grande conflito não reside no calar-se, mas na instrumentalização do divino silêncio nas práticas pecaminosas, como a institucionalização das injustiças e da imoralidade.

O grande desafio ecológico posto à teologia, neste contexto, é o confronto da pessoa com a dor, o sofrimento, a morte e todo mal como forma do limite humano; trata-se de uma denúncia, de um clamor à abertura da pessoa humana ao transcendente, mesmo vivendo uma situação que, aparentemente, determine o limite no cuidado da vida em seu sentido pleno. O humano é partícipe desta biosfera no contexto social e eclesial. No entanto, os homens e as mulheres não podem esquecer que vivem nela, com ela e por ela. O ser humano não é o seu criador, mas antes de tudo, o jardineiro, o zelador desse gracioso habitat. A vida, como templo sagrado e sua abertura para o divino, sofre profundamente pela defasagem do encontro e da comunhão vital. Esta defasagem sinaliza um empobrecimento gritante das fontes enérgicas de sustentabilidade do grande complexo da biosfera, onde a família humana está integrada.

O sentido da vida está também contido profundamente como realidade constitutiva da vida humana. Este elemento impulsionador adquire força na medida em que as comunidades exercitam a fraternidade e a solidariedade. A esperança é um dado escatológico revelado na Palavra de Deus. Este dado escatológico diz respeito à eterna dinâmica da revelação de Deus na história. Esta é a história embevecida da transcendência como condição de possibilidade de sustentar o futuro da promessa de Deus. A promessa realizada em Jesus de Nazaré quebra todo e qualquer encantamento humano de autossuficiência. Assim, a Palavra se realiza na história. A Boa Nova de Jesus acolhe todos e todas no coração da divindade. O roteiro da misericórdia do amor divino, revelado em Cristo Jesus, profetiza que, “Deus será tudo em todos” (*1Cor 15,28*), conforme a expectativa dos “novos céus e da nova terra” (*Ap 21, 1*).

Jesus é identificado com a plenificação dos tempos. Ele carrega em si um novo tempo, uma nova fase que remete à base da Antiga Aliança, na mais profunda envergadura teológica do Povo de Deus, a fim de trazer presente a plenitude da Nova e Eterna Aliança. A chave hermenêutica foca a expressão “palavra do Senhor”, pois nela se encontram elementos da identificação de Deus como tal e do seu puro e gratuito amor filial. Trata-se de um grande exercício de escuta da vontade de Deus nas palavras da Aliança em vista da liberdade humana. A liberdade é fruto da comunhão divina. Esta garante a diversidade e a verdadeira comunicação gratuita e amorosa vivificante de Deus. A comunhão e a liberdade estão

ancoradas na fé pascal, pois estas garantem a abertura do Espírito comunicador de Deus em vista das verdades eternas.

O Espírito que procede do Pai e do Filho torna-se a eterna realidade crística, capacitadora e dinâmica da humanidade nova. Esta humanidade nova, por sua vez, é incluída no diálogo teológico da eterna abertura de Deus como base do encontro divino-humano. No Espírito Santo de Deus, a humanidade é partícipe com o Pai e o Filho. Ele é o exercício de comunhão na graça de Deus. Esta dinâmica possibilita a restauração da humanidade nova. Viver nesse exercício da graça divina é deixar-se moldar pela ação misericordiosa de Deus. Trata-se uma antecipação do futuro, porque no amor e no exercício misericordioso, vive-se o hoje de Deus. O hoje de Deus é a agregação simultânea do passado e do futuro no instante presente. Assim, viver o hoje de Deus é ter consciência do memorial histórico da ação de Deus com a humanidade e ter consciência da promessa em vista da expectativa escatológica.

O encontro é o catalisador da iniciativa livre e amorosa de Deus que, no ritmo do coração dos discípulos, floresce a solene profissão de fé: “Deus o ressuscitou dentre os mortos, e disso nós somos testemunhas” (At 3,15). O evento pascal e a fé que dele emana atrai tudo para si e faz da história o palco do esplendor divino. A novidade de Deus está no interior da fé pascal que dinamiza e situa a criatura humana, amada e escolhida, no horizonte da esperança, no encontro do Cristo que vem como fonte de vida nova para todos. Assim, o encontro inaugura a abertura transcendental. A categoria do encontro imprime conhecimento e partilha e eleva a alteridade. A experiência do encontro é responsável pela formação humana, como realidade testada na eterna busca do outro. O fruto da experiência humana do encontro tem valor inexprimível e a propriedade essencial é gerar comunhão. Ele é o demonstrativo primeiro desta relação. Por ele são exteriorizadas realidades intrínsecas que só o encontro honesto e gratuito pode proporcionar. A revelação perfaz o caminho anelado no encontro que funde valores do esplendor da alma, como nutriente necessário à comunhão e à partilha.

A ressurreição é a atualização do que o Pai cria. O evento pascal, portanto, não é uma representação de Deus agindo no mundo, mas é a ação real e concreta do criador presente no Filho, desde o seio de Deus, pela força do Espírito Santo vivificador. Esta redenção, portanto, exige um referencial ético como acolhida desta condição salvífica. O ser humano deve pôr-se na condição deste acolhimento, a fim de abrir-se à transcendência para possibilitar a ética. A responsabilidade de sair de si mesmo e ir ao encontro do outro, exige o espírito de irmandade. A base ética, então, nasce na congruência das realidades partícipes da revelação, a saber: do abrir-se à transcendência por causa do outro, enquanto outro, e do acolhimento do diverso,

como horizonte de sentido à vida com suas teias de relações. Os homens e as mulheres são fontes essências para essas realidades, como instâncias mediadoras da redenção para todo o gênero humano. Pois, sem a consciência da responsabilidade ética, como realidade mediadora da revelação, os eventos históricos ficariam como que distanciados, ou suspensos num mundo imaginário, dos eventos da bondade de Deus. A consciência da correlação dos eventos, divino e humano, estão na base da responsabilidade ética. A criação é o palco da revelação redentora de Deus em Jesus de Nazaré.

O Messias é o Cristo de Deus, o protagonista da liberdade, da expressão essencial da Palavra de Deus que chega ao coração humano. Ele é o Servo Sofredor, que vem ao encontro do outro, na forma humana, como manifestação plena da misericórdia e do resgate da dignidade humana frente ao desalento fraterno. Em Jesus, Deus prepara o coração humano a fim de participar dos bens divinos. Isto é o cumprimento das promessas testemunhadas nas Sagradas Escrituras, “porque a Lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo” (*Jo* 1,17). Cristo Jesus é a antecipação do Reino definitivo. Nele, a humanidade pode contemplar o hoje do Pai.

A abertura à transcendência é uma realidade humana como poder constitutivo. Por isso deve-se perguntar continuamente à consciência sobre esses domínios como realidades do ser e do saber humano criticamente, a fim de garantir a variante da responsabilidade. Pois, na base da ética está a participação ativa da pessoa humana em todas as atividades social e religiosa. A pessoa é sujeito ético e a sua eticidade sustentável depende da abertura consciente ao outro na mesma condição de sujeito. A transcendência é suporte da imanência, e o contrário também verdadeiro. Por isso, a responsabilidade pode ter relação com a fundação de uma ética desde que sejam considerados nível de consciência, em relação aos direitos e aos deveres da pessoa, como conquistas da convivência social e religiosa. Pois, a dinâmica da revelação exige, em si mesmo, gratuidade e solidariedade. A responsabilidade deve ser entendida no alargamento consciente das realidades inerentes à relação social, comunitária e religiosa em vista da fundação de uma nova ética. A solidariedade pode-se relacionar à dimensão virtuosa da gratuidade como realidade motriz da dinâmica da revelação. Estas dimensões se exigem mutuamente. A justiça, por sua vez, exige o nível da consciência; o conhecimento dos direitos e dos deveres como condição de possibilidade inclusiva à vida social. Ela exige o conhecimento do princípio da equidade à base das garantias mínimas da dignidade humana.

Por fim, reconhecer o bem no esplendor da face do outro é estar aberto à eterna novidade. O encontro humano é o marco atualizador das habilidades, pois por ele se fundem

horizontes dos sonhos e das realidades veladas que transbordam como denúncia profunda da revelação. A gratuidade é a marca íntima da abertura ao outro, com condição de possibilidade de gerar comunhão. Ela dilata a auto-transcendência como potência infinita da pessoa capaz do bem. A gratuidade é a alma do amor. Na gratuidade, o outro tem a garantia de poder irradiar seus dons em vista da comunhão.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

Carta Encíclica do Santo Padre BENTO XVI. *DEUS É AMOR*. São Paulo: Paulus, 2006.

CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. *Dei Verbum*. In: VIER, Frederico (Coord. Geral) *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 22ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

EICHER, P. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.

EVANGELHOS E ATOS DOS APÓSTOLOS. *Novíssima tradução dos originais*. Tradução: Cássio Murilo Dias da Silva e Irineu J. Rabuske. São Paulo: Loyola, 2011.

FEINER, J. e LÖERER, M. *Mysterium Salutis*. Fundamentos de Dogmática Histórico-Salvífica. V.I/1. Petrópolis: Vozes, 1971.

FORTE, Bruno. *Teologia da História: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. *Introdução aos Sacramentos*. São Paulo: Paulus, 1996.

_____. *Introdução à fé. Aproximação ao mistério de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.

_____. *Jesus de Nazaré, História de Deus, Deus da História: ensaio de uma Cristologia como História*. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. *A Trindade como História: ensaio sobre o Deus Cristão*. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia: introdução ao método da Teologia como História*. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. *A Missão dos Leigos*. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. *Teologia em Diálogo: para quem quer e para quem não quer saber nada disso*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *À Escuta do Outro: Filosofia e Revelação*. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. *A Guerra e o Silêncio de Deus: comentário teológico na atualidade*. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. *Nos Caminhos do Uno: Metafísica e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. *O caminho da beleza*. Uma aproximação do mistério de Deus. Aparecida: Santuário, 2010.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método II*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIBELLINI, Rosino. *Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 2002.

GUARESCHI, Pedrinho. *Psicologia Social Crítica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

Guimarães, Pedro Brito. *Os sacramentos como atos eclesiais e proféticos*. Pontificia Università Gregoriana: Roma, 1998.

LA DUE, William J. *O Guia Trinitário para a escatologia*. São Paulo: Loyola, 2007.

LATOURELLE, René. *Teologia da Revelação*. São Paulo: Paulinas, 1972.

LATOURELLE, René e FISICHELLA, Rino. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994.

LIBÂNIO, João Batista. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1995.

LUBICH, Chiara. *Ideal e Luz*. Pensamento, espiritualidade, mundo unido. São Paulo: Cidade Nova, 2003.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança*. São Paulo: Loyola, 2005.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *A Revelação de Deus na realização humana*. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2001.

Santo Agostinho. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1995.

Santo Agostinho. *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1995.

São João da Cruz. *Sentenze, Spunti di amore*. Roma: Opere, 1967.

São Ireneu de Lião. *Contra as heresias*. São Paulo: Paulus, 1995.

Santos, Eduardo da Silva. *A Ressurreição da carne*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana, revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.

SCHNEIDER, Theodor. *Manual de dogmática*. Vol II, Petrópolis: Vozes, 2001.

SESBOÜÉ, Bernard. *O Evangelho na Igreja*. A Tradição Viva da Fé. São Paulo: Paulinas, 1977.

SCHÜLER, Arnaldo. *Dicionário Enciclopédico de Teologia*. São Leopoldo: Concórdia, 2002.

SUESS, Paulo. *Inculturação. Desafios-caminhos-metas*. Cultura e Religião, REB, Dezembro de 1989, nº196.

RAHNER, K. *Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003.

RATZINGER, Joseph. *Dogma e Anúncio*. São Paulo: Loyola, 2007.

WIESEL, Elie. *Holocausto*. Canto de uma geração perdida. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1978.

WIESEL, Elie. *Night*. by HAROLD BLOOM – Moderno Critical Interpretations. New York NY, 2001.

SITES ELETRÔNICOS

BENTO XVI em AUSCHWITZ-BIRKENAU. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20060528_auschwitz-birkenau_po.html. Acessado em 21 de julho de 2012

PERSOLNALIDADES: WIESEL, Elie. Disponível em: http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/elie_wiesel/home.html. Acessado em 3 de maio de 2012.

FORTE, B. *A parábola do humanismo ateu*. Disponível em: <http://contribuicoes.blogspot.com.br/2009/08/dom-bruno-forde.html>. Acessado em 18 de junho de 2012.

FORTE, B. *A parábola do humanismo ateu*. Disponível em: <http://www.domhenrique.com.br/index.php/bruno-forde/761-a-parabola-do-humanismo-ateu>. Acessado em 10 de maio de 2012.

WIESEL, Elie. *Night*. Disponível em <http://books.google.com> Acessado em 20 de junho de 2012